



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JUCENIR DA SILVA SERAFIM

**TRAVESTIS NO UNIVERSO DA ARTE:
UM RETRATO DA MEMÓRIA SOCIAL NO ÂMBITO DO FILO**

Londrina
2018

JUCENIR DA SILVA SERAFIM

**TRAVESTIS NO UNIVERSO DA ARTE:
UM RETRATO DA MEMÓRIA SOCIAL NO ÂMBITO DO FILO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Profa. Dra. Leticia Gorri Molina

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Serafim, Jucenir.

Travestis no universo da arte : um retrato da memória social no âmbito do FILO / Jucenir Serafim. - Londrina, 2018.
154 f.

Orientador: Leticia Gorri Molina.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Ciência da Informação - Tese. 2. Memória social dos travestis - Tese. 3. Dominação - Tese. 4. Pluralidade - Tese. I. Gorri Molina, Leticia . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

JUCENIR DA SILVA SERAFIM

**TRAVESTIS NO UNIVERSO DA ARTE:
UM RETRATO DA MEMÓRIA SOCIAL NO ÂMBITO DO FILO**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Ciência da Informação da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito à
obtenção do título de Mestre em Ciência da
Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Gorri Molina
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Maria Cristina Müller
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Sueli Bortolin
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 26 de março 2018.

Dedico este trabalho àqueles que gritam, mas são ignorados, aos invisibilizados às margens da sociedade. Também aos que participam da luta dentro do campo acadêmico e sofrem violência simbólica todos os dias.

"Não posso evitar o fato de que
meus quadros não sejam vendáveis.
Mas virá o tempo em que as pessoas
verão que eles valem mais que o preço da tinta"

Vincent Van Gogh

SERAFIM, Jucenir da Silva. **Travestis no universo da arte: um retrato da memória social no âmbito do FILO**. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

A memória organizada e mediada é uma ferramenta que pode ser utilizada para recontar por meio de narrativas artísticas, novas realidades, que são capazes de transportar as pessoas para experiências de vida de outros indivíduos e grupos sociais. A partir dessa ideia, pensou-se que o teatro, uma das formas mais antigas de arte, pode contar as histórias de grupos de travestis, transexuais e transgêneros, pessoas que se encontram às margens da sociedade. Por isso, questionou-se quais revelações os arquivos históricos e registros da comunidade transexual de Londrina podem contribuir para a memória social dessa comunidade? Diante de tal questionamento, presumiu-se que registros sobre o Festival Internacional de Londrina (FILO), retrataram a realidade de transexuais, travestis e transgêneros. Sendo assim, objetivou-se resgatar fragmentos da memória social dessas pessoas por meio de registros sobre as peças do FILO com personagens travestis e entrevistas com transexuais. Como procedimentos metodológicos, foi conduzida uma pesquisa de abordagem qualitativa para compreender a memória social dos grupos citados, na região de Londrina, foi aplicada a técnica do discurso do sujeito coletivo para analisar matérias de jornais locais e transcrições das entrevistas de duas mulheres transexuais e um homem transexual. A fundamentação teórica foi construída a partir de estudo sobre as memórias coletiva e social. Além disso, foram revisadas teorias sobre dominação, gênero, identidade de gênero, conceitos de pluralidade, respeito à distinção e singularidade. Como resultados da pesquisa, registrou-se seis espetáculos que apresentavam personagens travestis. Foram encontrados *clippings* de jornais locais, catálogos anuais do Festival que apresentavam informações e repercussões sobre as peças dentro do escopo deste trabalho. A peça que teve maior repercussão foi a que tratava da releitura de passagens bíblicas pela perspectiva de uma travesti. Ainda, por meio da análise das transcrições das entrevistas evidenciou-se que para os entrevistados crescer foi um processo doloroso porque não conseguiam se encaixar nos papéis de gênero que a eles eram impostos; a escola foi um lugar onde eram controlados e forçados a se moldarem dentro de uma norma; a arte foi um meio de deixar a prostituição e ser capaz de militar, ou seja, utilizar a arte, o teatro para vir esfera pública manifestar suas necessidades e, principalmente, sua existência. Concluiu-se que a arte e a cultura, que em grande parte são difundidas no ambiente escolar, são os vetores para reproduzir a dominação que circula pela sociedade. Todavia elas também podem ser utilizadas para subverter a dominação, isso ocorre quando as pessoas vão à esfera pública para expor suas ideias, modos de vida, sonhos, dores e violências a que são submetidos principalmente por questões de preconceitos, as quais podem ser resolvidas por meio do diálogo no domínio público. Por isso, a Ciência da Informação, por ser uma ciência com aspectos sociais, desempenha papel essencial na organização, acesso e mediação à informação sobre as pessoas que fazem parte de comunidades periféricas.

Palavras-chave: Memória social dos travestis. Memória Coletiva. Pluralidade.

SERAFIM, Jucenir da Silva. **Travesties in art universe**: a portrait of social memory at FILO scope. 2018. 154 pages. Dissertation (Masters in Information Science) – Londrina State University, Londrina, 2018.

ABSTRACT

Organized mediated memory is an instrument able to retell new realities through artistic narratives, which are able to transport people to social groups' life experiences. From this idea, it was thought that drama, one of the oldest manifestations of art, it is about to tell histories travesties, transsexuals and transgender, who are people on the margin of society. Thus, it was questioned: what are the revelations that historical archives about Londrina transsexual community may contribute to its social memory? In face of such question, it was presumed that registers about Festival Internacional de Londrina (FILO), has portrayed the reality of travesties, transsexuals and transgender people. Therefore, the objective of this study was to retrieve fragments of those people social memory through plays of FILO which have travesties characters and interviews with transsexuals. As methodological proceedings, it was conducted a qualitative research to comprehend the social memory of the mentioned groups from Londrina. To make it possible, it has been employed a discourse analysis technic know as collective subject discourse to analyze local newspapers and the transcript interviews conceded by two transgender women and a transgender man. The theoretical foundation has been built from a study about collective and social memories. And also, theories about domination, gender, gender identity, concepts of plurality, distinction respect and singularity. As results, it was registered six plays that had travesties characters. Also, it was found clippings of local newspapers, annual catalogues of the Festival in which where presented information and repercussions about those plays. The theatre play that had the greatest impact was one that had a transsexual reinterpreting biblical passages. By means of the interview transcript analysis, it was found out that the interviewed people believe that growing up was a painful process as they were not able to 'fit in' in the imposed gender roles. They pictured school as a place where they were controlled and forced to shape themselves in a way that they were about to follow the rules. Art was an option to distance themselves from prostitution and be able to become activists, that is to say, use theatre to express themselves in the public sphere, stating their existence. In conclusion, art and culture, which are widespread at school, are considered carriers of domination that is reproduced not only at school but also in the society. Nevertheless, art and culture is also used to undermine domination. That happens when, in the public domain, people discuss their ideas, dreams and, the violence they face every day because of prejudice. Last but not least, Information Science, as a social science, has an essential role in the organization, access and mediation of information about people who are part of peripheral communities.

Keywords: Travesties social memory. Collective memory. Plurality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instrumento de análise de discurso	59
Quadro 2 – Reflexão quanto a opressão que minorias sofrem	62
Quadro 3 – IC – Sobre “O Evangelho Segundo Jesus Cristo, rainha dos céus”	63
Quadro 4 – Peças com narrativas sobre travestis, transexuais e transgêneros	64
Quadro 5 - Como foi crescer enquanto pessoa transgênera?	67
Quadro 6 - Ideias centrais: Não me encaixo no sistema	68
Quadro 7 - Existiram dificuldades para estudar e/ou ingressar na academia?	68
Quadro 8 - Ideias centrais: a escola limita, tenta conter as pessoas	68
Quadro 9 - Poderia falar sobre a vida profissional?	69
Quadro 10 - Ideias centrais: trabalho com teatro e militância trouxeram novas perspectivas para a vida	70
Quadro 11 - O preconceito faz parte de seu dia a dia?	70
Quadro 12 - Ideias centrais: o preconceito está na estrutura social	71
Quadro 13 - O que é ser transexual?	71
Quadro 14 - Ideias centrais: um processo de construção	71
Quadro 15 - A peça, “O Evangelho Segundo Jesus, rainha do céu” teve grande repercussão na mídia. Quais são suas memórias quanto a ela?	72
Quadro 16 - Ideias centrais: polêmica porque o corpo trans estava no palco em cena	73
Quadro 17 - Qual sua opinião quanto a religião?	74
Quadro 18 - Ideias centrais: a humanidade distorce a religião e usa deus para propagar seus preconceitos	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ancoragem
AMEN	Associação dos Amigos da Educação Cultural Norte do Paraná
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
CI	Ciência da Informação
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECH	Expressões-chave
FILO	Festival Internacional de Londrina
FL	Folha de Londrina
IC	Ideias centrais
JL	Jornal de Londrina
MARL	Movimento dos Artistas de Rua de Londrina
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	Identidade de Gênero E Sexo Biológico	15
2.2	Expressão de Gênero	26
2.3	Memória Social e Coletiva	28
2.4	Memórias	32
2.5	Pluralidade e Distinção	38
2.6	Protagonismo Social e Ciência Da Informação	45
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.1	Análise do Discurso do Sujeito Coletivo	57
4	RESULTADOS	64
4.1	Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)	67
5	DISCUSSÃO	75
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICES	90
	Apêndice A – Termo de compromisso livre esclarecido	91
	Apêndice B – Roteiro do grupo de foco	93
	Apêndice C – Parecer consubstanciado do CEP	94
	Apêndice D – Modelo de quadros a serem aplicadas no discurso do sujeito coletivo	98
	Apêndice E – Instrumento de análise de discurso 1 (IAD1). Como foi crescer enquanto pessoa transgênera?	99
	Apêndice F – Instrumento de análise de discurso 2 (IAD2). Existiram dificuldades para estudar e/ou ingressar na universidade?	101

Apêndice G – Instrumento de análise de discurso 3 (IAD3). Poderia falar sobre a vida profissional?	104
Apêndice H – Instrumento de análise de discurso 4 (IAD4). O preconceito faz parte de seu dia a dia?	108
Apêndice I – Instrumento de análise de discurso 5 (IAD5). O que é ser transexual?	112
Apêndice J – Instrumento de análise de discurso 6 (IAD6). A peça, “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu” teve grande repercussão na mídia. Quais são suas memórias quanto a ela?	115
Apêndice K – Instrumento de análise de discurso 7 (IAD7). Qual sua opinião quanto a religião?	121
ANEXOS	123
ANEXO A – Eu quero viver de dia	124
ANEXO B – Eu quero viver de dia – Estreia	125
ANEXO C – Eu quero viver de dia – Um grito de liberdade	126
ANEXO D – Cassandra	128
ANEXO E – Cassandra – Ousadia	129
ANEXO F – Cassandra – Mistérios de Cassandra	130
ANEXO G – Poeta que pariu	131
ANEXO H – Poeta que pariu – Atrações do FILO 2015	132
ANEXO I – Maria que virou Jonas ou a força da imaginação	133
ANEXO J – Maria que virou Jonas ou a força da imaginação – Fábula trans	134
ANEXO K – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu	136
ANEXO L – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – FILO prepara sua grande cena	137
ANEXO M – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Estreia nacional no FILO	138
ANEXO N – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – espetáculo do FILO tem estreia inusitada	140
ANEXO O – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Trans no palco	142

ANEXO P – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Trans na vida	144
ANEXO Q – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Quando o profano vira sagrado	146
ANEXO R – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Arcebispos criticam peça do FILO	149
ANEXO S – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Espaço aberto	152
ANEXO T – Grazi Ellas.....	153
ANEXO U – Grazi Ellas – Teatro aborda temas urgentes.....	154

1 INTRODUÇÃO

A memória acomoda a preservação de informações, sejam elas individuais ou sociais. Ela contribui para um processo social, no qual os indivíduos interagem entre si durante suas vidas a partir de estruturas determinadas. Porém, alguns seres humanos a essas regras não se enquadram, e por isso são marginalizados. Esse é o caso das pessoas transexuais, travestis e transgêneras, que sofrem preconceitos por causa de informações heterônomas inflamadas de pré-julgamentos de instituições como a escola, a igreja e a família.

A memória, por ser multifacetada, é caracterizada como seletiva, a qual preserva partes de eventos que marcaram um indivíduo ou grupo. Por isso, o estudo da memória perpassa os limites de uma disciplina, tornando-se interdisciplinar envolvendo as mais diversas áreas do conhecimento. Ela é considerada em muitos casos como prova jurídica ou um instrumento de legitimação cultural (PEREIRA; SERAFIM; MOLINA, 2016).

A pesquisa é balizada pelo seguinte questionamento: quais revelações os arquivos históricos e registros da comunidade transexual de Londrina podem contribuir para a memória social dessa comunidade? Para responder essa pergunta, utiliza-se do pressuposto de que os registros guardados em arquivos sobre Festival Internacional de Londrina (FILO) retratam a realidade de pessoas transexuais, travestis e transgêneros e que o discurso coletivo a legitima.

Acredita-se que a memória social é capaz de recontar as experiências de indivíduos e grupos de minoria. Finalmente, a memória organizada e mediada apresenta novas realidades e modos de vida aos que estejam interessados em saber mais a respeito de pessoas que vivem às margens da sociedade.

O objetivo geral da pesquisa é encontrar fragmentos a memória social de transexuais, travestis e transgêneros a partir de registros sobre as peças do FILO. Para tanto, definiu-se como objetivos específicos, analisar o discurso veiculado no jornal Folha de Londrina (FL) e Jornal de Londrina (JL), por meio da técnica de análise de dados Discurso do Sujeito Coletivo (DSC); verificar se tal discurso corresponde à memória contida nos arquivos artísticos, por meio da leitura de sinopses de peças teatrais e repercussão delas na FL e no JL, assim como coletar o discurso de membros da comunidade de pessoas transexuais, travestis e transgêneros, com o intuito de registrar memórias de seus indivíduos por meio de

entrevistas e confronta-las com as encontradas nos registros artísticos sobre o FILO.

A memória coletiva faz relações entre as pessoas e o espaço no qual elas vivem. Halbwachs (2004) defende que este tipo de memória depende da estrutura que se encontra no grupo social, e não essencialmente da memória do indivíduo, por isto o passado se torna ligado ao grupo. A memória social investigada no trabalho de Fentress e Wickham (2003), aponta para a memória formada pelas recordações dos indivíduos de forma que a torne social.

Estudar a sociedade é uma das tarefas mais árduas e complicadas para os cientistas sociais e os pesquisadores interessados em conhecer as questões humanas. Esse trabalho exige esforço para ver além da simplicidade inerente aos fatos sociais, com o intuito de compreender a realidade social. (ALMEIDA, 2005, p.59). Perante esta afirmação, este trabalho usará a técnica de análise do DSC, que propõe o tratamento de dados qualitativos. Segundo Almeida, o DSC utiliza a base teórica e um conjunto de princípios e conceitos operacionais da semiótica pierciana e da teoria das representações sociais.

O intuito deste trabalho é contribuir cientificamente com a Ciência da Informação (CI) apresentando por meio da memória os grupos de pessoas transexuais, travestis e transgêneros, que fazem parte da sociedade e por esse motivo devem ser tratados pela CI posto que ela se preocupa com o social.

O trabalho está dividido em seções e subseções. A próxima seção tratará do panorama sobre o que é gênero, orientação sexual e sexo biológico, com o objetivo de esclarecer tais assuntos. A terceira seção apresenta o FILO. A quarta, trata da fundamentação teórica que é composta pela exposição de conceitos sobre memória, singularidade, pluralidade e protagonismo social. Em seguida, estão revelados os resultados da pesquisa e subsequentemente, sua discussão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema sexualidade parece ser um tema comum, abordado nos programas de televisão, rádio, canais do *Youtube*, blogs etc. Apesar de trazerem informações sobre sexo, principalmente para os jovens, ainda falta explorar além das barreiras do binarismo: mulher cisgênero e homem cisgênero¹ (cis), termos que ainda não saíram dos espaços acadêmicos e debate especializado.

A sexualidade humana é um assunto que, ainda, no século XXI é tratado como um tema bastante polêmico para às sociedades, diversão nas letras de músicas dos mais diferentes estilos musicais; tabu, graças à conexão automática que se faz entre sexo e pornografia; e motivo para que alguns políticos coloquem em suas pautas criação de leis para que se proibam discussões sobre gênero em escolas. Para evitar concepções errôneas e do senso comum, é necessário compreender o sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, para trabalhar tais conceitos é necessário investigar a literatura sobre o assunto.

A próxima subseção é escrita com a intenção de iniciar uma discussão sobre o que é gênero e sexo biológico a partir de autores que discutem tais temas de forma que possa informar o maior número de pessoas. No decorrer das próximas subseções, a discussão será direcionada para o caminho mais acadêmico, sem desmerecer a contribuição dos autores utilizados para iniciar a discussão. Sendo assim, serão adicionados os pontos de vista de Bourdieu sobre o assunto.

2.1 IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXO BIOLÓGICO

A definição de identidade de gênero, iniciando a discussão de um ponto de vista que parte dos indivíduos (relativismo) em direção à profundidade que um estudo científico requer, encontra-se na mente de cada um dos indivíduos, isto é, o

¹ A palavra tem sua origem no latim com o prefixo *cis* que quer dizer do mesmo lado, em conformidade com. Cisgênero é o vocábulo que conceitua e descreve o indivíduo cuja identidade e/ou expressão de gênero está em conformidade com a categoria de gênero que lhe foi atribuído ao nascer, ou seja, quando sua conduta psicossocial, expressa nos atos mais comuns do dia a dia, está inteiramente de acordo com o que a sociedade espera de pessoas do seu sexo biológico (LANZ, 2015).

que cada um pensa de si, como ela ou ele se vê. Todavia, o gênero está envolto por uma complexidade histórica que vai além do modo que alguém se veste ou se porta.

Killermann (2017), afirma que todos têm papéis sociais, eles vêm, por exemplo, da ocupação que se tem (professor, político, médico, gari etc.); da estrutura familiar (mãe, filha, filho, primo, tio etc.); e papéis entre grupos e indivíduos (governo e eleitorado, político e eleitor, professor e estudante).

Tais papéis sociais foram criados e são perpetuados com a intenção de criar sentido e a ordem na sociedade. Eles existem para que as necessidades da sociedade sejam satisfeitas, por exemplo, para que alguém se torne professor é preciso que se cumpra alguns requisitos como ensino fundamental, médio e superior.

O mesmo acontece com os papéis de gênero, que sempre existiram para satisfazer uma necessidade primária da sociedade, sua perpetuação. Lanz (2015) explica que a maior parte das interações e os papéis que as pessoas desempenham na sociedade são definidos por processos fisiológicos como lactar e menstruar, no caso da mulher; herança genética dos cromossomos XX e XY, que definem respectivamente se o ser é fêmea ou macho.

Popularmente, a genital determina quais os espaços ou tarefas que uma pessoa pode frequentar ou desempenhar, erro tal que Lanz (2015) aponta que mesmo Freud comete ao dizer que “anatomia é destino”. A autora, ainda, apresenta a ideia que o sexo biológico possui quatro formas diferentes: fêmea: pessoa que nasce com vagina; macho: pessoa que nasce com pênis; intersexuado: pessoa que nasce com pênis e vagina; nulo: pessoa que nasce sem qualquer traço genital definido.

Para Lanz (2015) o gênero é uma instituição jurídica de natureza social, política e cultural, que a sociedade estabelece em função da genital, isto é, os indivíduos são compulsoriamente obrigados a seguir normas sociais com base em pressupostos biológicos, a genital é registrada nas certidões de nascimento, assim tornando os papéis e normas sociais algo natural.

Desta forma, para muitos indivíduos, o que determina sua identidade sexual, é seu papel de gênero, que por sua vez é determinado por seu sexo biológico. Entretanto, as pessoas são mais que fêmea e macho, a necessidade primária de reprodução ou a determinação de seu papel social de acordo com seu sexo

biológico. Por isso, Killermann (2017) afirma que “gênero é uma construção social relativa que varia de pessoa para pessoa”.

Afinal, o que é identidade de gênero? Killermann (2017, p. 107) explica que a identidade de gênero é como um indivíduo se define internamente, escapando da construção social que tenta conectar o sexo biológico de uma pessoa a um eventual papel dentro da sociedade, abandonando as expectativas dos papéis de reprodução feminino e masculino; assim abrindo portas para categorizações que vão além de “mulher”, “homem” e “outro”.

As questões que envolvem o gênero estão bem além do que cada indivíduo imagina como próprio, ele está ligado diretamente ao consenso social, que por vezes fará uso do pressuposto biológico para ditar quais os caminhos que a sociedade deve seguir, não tão somente sobre o gênero, mas quanto a maneira que se convive no meio social e como a ordem social é estabelecida.

Neste trabalho, para entender o que é o gênero, é preciso compreender alguns conceitos como dominação e dominação masculina na visão de Pierre Bourdieu, porque para ele o indivíduo é um ator socialmente programado em seus mínimos detalhes. Desde as inclinações mais íntimas, preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, até aspirações relativas ao futuro profissional, tudo é socialmente construído. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p.19)

O centro do trabalho de Bourdieu é analisar os fundamentos, das formas simbólicas de dominação, a violência simbólica do poder da dominação cultural e da masculinidade, as quais são partes integrais da programação que os indivíduos são expostos (HEY, 2017, p. 152).

Bourdieu vê a dominação como aquilo que proporciona a reprodução de uma ordem social no reconhecimento e no desconhecimento da arbitrariedade a institui (em outras palavras, poder simbólico), ela é inscrita nas discussões mais amplas acerca de quais são os mecanismos sociais que produzem e reproduzem as estruturas e como elas são (e estão) incorporadas nos indivíduos, agindo como um sistema de disposições práticas (HEY, 2017, p. 151).

Ao tratar sobre dominação, não somente no campo econômico, Bourdieu refere-se aos mecanismos sociais disponíveis para engendrar (dar existência) a reprodução social principalmente no âmbito da reprodução cultural. No intuito de afastar a dominação da caracterização de pertencer apenas ao reino da apropriação econômica ou determinada por ele e, ainda, como um processo que envolve a

coação ou a submissão, exterior ao indivíduo, Bourdieu foca a dimensão simbólica dos processos sociais e a maneira como os agentes ordenam a realidade (HEY, 2017, p. 152).

Para Bourdieu, a dominação se dá por meio de instrumentos simbólicos que têm a função de criar consenso sobre o mundo por meio da comunicação e conhecimento, além de conferir poder político, o que legitima as diferenças sociais, correlacionando-se estritamente com a violência e poder simbólicos.

O poder simbólico é uma força invisível que por meio de símbolos, separa e prejudica. Ele está por toda parte e ao mesmo tempo em parte alguma. Por vezes, não se faz questão de reconhecê-lo nas situações mais corriqueiras, porque sua força, que não se vê, é exercida com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem, pois tal poder emana de estruturas estruturantes bem-conceituadas pela sociedade, como a arte, língua, religião, família, escola, Estado e ciência, os quais são sistemas simbólicos que agem como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo. (BOURDIEU, 1989, p.7-8)

Bourdieu explica que os sistemas simbólicos por serem instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O Poder Simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, para estudar os conhecimentos imediatos do mundo, em particular do mundo social. O que Durkheim chama de “conformismo lógico”: uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. Portanto, os sistemas simbólicos têm função social, que não se restringe ao mero meio de comunicação dos estruturalistas, pois os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social, que tornam possível o *consensus* para a reprodução da ordem social. (BOURDIEU, 1989, p. 9-10).

As sociedades são divididas em dominantes e dominados, porém nem sempre está evidente a dicotomia entre esses atores, pois “A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes) [...]” (BOURDIEU, 1989, p.10). Tal dominação sempre ocorreu com o apoio da cultura, religião, arte e principalmente da linguagem, porque é a partir dela que os conceitos são criados.

[...] para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecido das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, produziu a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 1989, p.10).

O estudo de Bourdieu (2003, p.47), em *A dominação masculina*, conceitua a violência simbólica como a coerção que se institui exclusivamente por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante, portanto, à dominação. Para pensar sua relação com ele, o dominado dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que tem em comum com o dominante, os quais, fazem com que essa relação pareça natural. Em outras palavras, quando os esquemas que o dominado põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (alto/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é o produto.

A teoria da violência simbólica apresentada por Bourdieu (2003), aponta para o fato de que a dominação pode ser exercida independentemente das consciências e vontades (e de que não basta tomar consciência para se livrar dela), vai inscrevê-la nos corpos, fora do alcance da consciência. Assim, essa teoria se aproxima da concepção durkheimiana segundo a qual a interiorização das “formas primitivas de classificação” (inculcadas pelo sistema de ensino) é o fundamento do “conformismo lógico” e do “conformismo moral” na origem da experiência do mundo como um “mundo de senso comum” (MAUGER, 2017, p. 360-361).

O poder simbólico e a violência simbólica estão por todos os lugares, sua força pode ser percebida, se analisar com atenção, nos principais pilares da sociedade: família, religião, escola e Estado.

Bourdieu (1992, 1998, 2015) reflete sobre a educação em *A reprodução*, *Escritos de educação* e *A economia de trocas simbólicas* para explicar a violência, poder e dominação simbólicos no ambiente escolar. Eles acontecem em tal ambiente inicialmente a partir da herança cultural familiar, em outras palavras, o capital cultural, que começa a ser construído em casa com a família.

O capital cultural de cada família é diferente por causa dos capitais econômico e social, pois a aquisição de bens culturais e simbólicos dependem desses capitais. Assim, as famílias que têm melhores condições financeiras podem investir mais na educação de seus filhos, seja pagando escolas particulares ou investindo em seu capital cultural por meio de viagens, visita a museus, teatro, exposições etc.

Desta forma, o capital cultural de algumas famílias terá maior valor do que de outras, por exemplo, montar uma pipa, jogar futebol descalço com bola feita de meias, tem menor valor no ambiente escolar, que conhecer fatos históricos por meio de visita a museus ou conhecer música clássica. Os primeiros exemplos, não têm valor reconhecido pelo dominante, ou seja, quem elenca os assuntos tratados por cada disciplina escolar, apesar de o esporte ser contemplado nas aulas de educação física e as aulas de artes fazerem parte do currículo escolar, mesmo em pequena medida, não garantem sucesso profissional e têm pouco peso no mundo do trabalho.

Tem-se, então, um exemplo de violência simbólica dentro da escola, porque os conteúdos não são ensinados para todos democraticamente, uma vez que os estudantes que fazem parte de famílias mais abastadas e expostos a diversos bens culturais reconhecidos e celebrados pela elite cultural dominante, têm maiores chances de sucesso no ambiente escolar. Além de transformar a cultura em uma moeda de troca, que acentua as diferenças entre as classes sociais, ao impor a sua própria cultura, dando-lhe um valor incontestável, as classes dominadas.

Para Bourdieu, a religião (assim como os sistemas simbólicos, arte e língua), é um veículo de poder e política. Por isso, a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento e do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2015, p. 33-34).

Os veículos de poder e política não são compartilhados por todos, imagina-se que a religião seja um espaço no qual todos podem falar sobre ela e sobre o que a Religião fala, porém de acordo com Bourdieu o sagrado e o profano são uma construção social. Nessa construção do sagrado e do profano não são todos que participam, ou pelo menos nem todos participam com a mesma eficácia e força. Em

outros termos, a sociedade se especializou de tal maneira, que a definição de algo é tarefa dos especialistas no assunto, e não é diferente com a religião, que a definição do que é e não é sagrado é obra de especialistas (BOURDIEU, 2015, p.35-45).

Para se falar de um assunto, é necessário ter legitimidade, a qual os especialistas adquirem por meio do estudo e experiência dentro de uma área ou campo². Apesar disso, nem sempre os especialistas se entendem entre si, portanto, não são todos que participam da definição do sagrado, os que participam são apenas aqueles que têm legitimidade para tal e estão em luta dentro do campo religioso para definir o que é sagrado e o que é profano.

O próximo pilar a ser descrito é o Estado, Bourdieu o vê como o responsável para integração dos espaços econômico, social, simbólico e cultural. Assim unificando os códigos de vestimenta, jurídicos, linguísticos, burocráticos etc. Essa coesão passa, no essencial, pelo sistema escolar, que forma os cidadãos para uma nova visão do mundo e uma nova estruturação do mundo, em outras palavras, aqueles que tem o controle sobre o estado, detém não apenas o capital simbólico, mas todos os outros capitais que contribuem com a coesão social (LENOIR, 2017, p.184).

A coesão social, que engendra o Estado, tem sua base o “conformismo lógico”, que é responsável pela produção e reprodução do Estado, ordem simbólica e social:

Os agentes sociais corretamente socializados dispõem em comum de estruturas lógicas semelhantes, de modo que prescindem de se comunicar, de colaborar para estarem de acordo”. E a integração lógica produzida pelo Estado é a própria condição da dominação exercida pelo Estado a serviço daqueles que podem apropriar-se dele. De tal modo que o Estado é a instituição que tem o poder extraordinário de produzir um mundo social ordenado sem necessariamente dar ordens, sem exercer uma coerção permanente (não há um policial atrás de cada motorista) (LENOIR, 2017, p. 185).

Essa é a magia, o “milagre da eficácia simbólica” que o Estado lança sob seus membros para modelar as estruturas mentais através do conjunto das instituições, que são construções da realidade social, nomeadamente, os sistemas

²Campo é o espaço onde agentes específicos atuam buscando troféus cujo valor é restrito aquele campo, obedecendo regras que são válidas somente para aquele campo seguindo estratégias que só fazem sentido naquele campo e disputando prestígio que é exclusivo daquele campo (BOURDIEU, 1983).

escolares, judiciais e sociais, ao inculcar sistemas de classificação, princípios de visão e divisão comuns e, por conseguinte, o que é constituído como identidade social (LENOIR, 2017, p. 185).

O Estado além de ter forte influência na construção do mundo social, sendo um instrumento de produção e reprodução do consenso, um senso comum constituinte, de acordo com Bourdieu, um conjunto oficial de instrumentos estruturados e estruturantes de conhecimento e de comunicação compartilhado por dominantes e dominados (LENOIR, 2017, p. 185).

Ainda, o Estado exerce seu poder sob os agentes de coerção física, de forma simbólica, por meio de sistema jurídicos, burocráticos etc., e principalmente intermédio de violência simbólica ao manipular ao seu favor os capitais simbólicos. Sendo assim, o Estado mantém uma agenda que atende os interesses dos que o controla. Pode-se dizer que durante a primeira década do século XXI foi interessante para o Estado, por meio do judiciário permitir união estável entre pessoas do mesmo sexo (gênero), provavelmente por vantagens quanto taxas, impostos entre outros. Porém, em meados e final da segunda década do mesmo século não é interessante para ele discutir gênero, isso é assinalado na resistência que a escola, religião e família têm em debater tal assunto.

A família, o quarto pilar que sustenta a sociedade, é o primeiro ambiente onde um indivíduo é apresentado a uma hierarquia. Bourdieu explica que a função da família é a de contribuir para a reprodução das relações sociais em dois aspectos: transmissão de uma herança cultural, próxima da cultura escolar legítima, e pela naturalização que ela opera sob o disfarce dos dons que dissimula o trabalho social da herança. Além disso, ele aponta que a família é um sistema das estratégias de reprodução, em outras palavras, sequências objetivamente ordenadas e orientadas de práticas que todo grupo deve produzir para reproduzir-se. (BOURDIEU, 1964, 1972, 1974, 1992 apud SINGLY, 2017, p. 196).

Com seu estudo sobre “Le patronat” (1978), Bourdieu introduziu um elemento histórico em sua análise das estratégias de reprodução, o que ele designa como “o modo de produção com dominante escolar”. Nas sociedades tradicionais, o capital de referência para ocupar uma posição e justificá-la é o capital econômico (em particular, a terra ou um comércio); nas sociedades modernas, o capital de referência torna-se progressivamente o capital escolar. No modo de reprodução com componente econômica e com dominante familiar, o poder da família é mais robusto porque ela “tem o domínio das escolhas sucessoras, ou seja, o poder de designar [...] aqueles que estão destinados a reproduzir a classe

com todas as suas propriedades ou a serem excluídos da classe” (BOURDIEU, 1978, p.23). No modo de reprodução com componente escolar, predomina uma lógica estatística: “Diferentemente da transmissão direta dos direitos de propriedade entre detentor e o herdeiro designado pelo próprio detentor, a transmissão operada por intermédio da escola apoia-se na agregação estatística das ações isoladas” e “garante à classe, em seu conjunto, propriedades que ela recusa a este ou aquele de seus elementos considerados separadamente” (BOURDIEU, 1978, p. 25). Sob o modo de produção com dominante escolar, a família perde objetivamente poder, mesmo que ela procure compensar essa perda mediante a implementação das estratégias de reprodução escolar. As relações no interior da família, hierarquização dos/das filhos/as de acordo com seu destino provável de herdeiros, alteram-se de acordo com o modo de produção. Segundo Bourdieu, as mudanças na família derivam, antes de mais nada, das alterações no modo de produção e reprodução da sociedade (SINGLY, 2017, p. 196).

A dominação passa por todos os pilares da sociedade (instituições), mas é principalmente por meio da educação e da cultura que a dominação fixa suas raízes. Quando o assunto é gênero, a família faz o papel de apontar como cada um de seus atores devem se comportar de acordo com seu sexo biológico.

Bourdieu afirma que a dominação masculina, a forma com que ela é imposta e vivenciada, é o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que ele chama de violência simbólica, a qual, como descrito anteriormente, é invisível para suas próprias vítimas, que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2003, p. 7-8)

Recapitulando, essa relação social, violência simbólica, extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercidas em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir), e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele. (BOURDIEU, 2003, p.8)

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, ela é utilizada para se falar do que é normal, natural, de forma que ela está presente em estado objetivado nas coisas, por exemplo na divisão do trabalho na casa, onde as coisas são todas “sexuadas”, como em todo o mundo social e, ao mesmo tempo em estado

incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2003).

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos [...] (BOURDIEU, 2003, p. 18).

Desta forma, o mundo faz uma construção do corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Trata-se de uma programação social de percepção incorporada que se aplica a todas as coisas do mundo, antes de tudo ao corpo. Assim, a ordem social, a divisão do trabalho e a dominação masculina sobre a mulher, sobre o feminino (e tudo que o lembra como a homossexualidade masculina e a transexualidade), são construídas com base em diferenças entre os sexos biológicos. Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação da diferença entre as genitais e obscurecendo semelhanças, o que pode levar a dicotomia positivo e negativo, fazendo que algumas pessoas veja o homem superior a mulher. Isso leva a uma visão androcêntrica que é continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas (BOURDIEU, 2003).

A ideia de Dominação que é trabalhada por Bourdieu através das ideias de poder simbólico e violência simbólica; dominação assentada na família, na religião e no Estado; é exposto por meio da educação e da cultura – portanto, da arte – que a dominação fixa suas raízes. Todavia, apesar de a cultura e a arte serem vistas por Bourdieu como um vetor da reprodução da dominação, são elas as responsáveis por subverte-la.

O efeito reverso só ocorre porque a cultura, por meio da arte, é durável e permanece quase inalcançada pelo efeito do tempo, pois o seu uso não é um uso prático como dos objetos do dia a dia, uma cadeira, por exemplo. Assim sendo, a cultura, que é algo criado pelos homens, se torna um espaço não mortal para seres mortais, ou seja, a cultura se torna um espaço de esperança (ARENDDT, 2016).

O que se quer expressar é que a arte é fruto da capacidade humana de se pensar, desta forma, ela também pode instigar os pensamentos de outros homens a modificar seu lar na Terra, sua sociedade e modos de vida. A arte como tal capacidade humana, por sua própria natureza, é comunicativa e aberta-ao-mundo, transcende e liberta no mundo uma apaixonada intensidade que estava aprisionada em si. (ARENDDT, 2016).

No caso das obras de arte, a reificação é algo mais que mera transformação; é uma transfiguração, uma verdadeira metamorfose, como se o curso da natureza, que requer que tudo queime até virar cinzas, fosse invertido de modo que até o pó pudesse irromper em chamas. As obras de arte são coisas do pensamento, mas nem por isso deixam de ser coisas. O processo do pensamento não é capaz de produzir e fabricar por si próprio coisas tangíveis, como os livros, pinturas, esculturas ou composições, da mesma forma como o uso é incapaz de produzir e fabricar por si próprio casas e móveis (ARENDDT, 2016).

Ora a arte é capaz de produzir a mudança de opinião, atitudes e as emoções, que são intangíveis, por meio do pensamento, transformado em tangível pelas mãos dos homens, objetificado, nomeadamente, o livro, a pintura, a escultura e os outros produtos da arte.

A atividade de pensar é tão incessante e repetitiva quanto a própria vida; perguntar se o pensamento tem algum significado configura o mesmo enigma irrespondível que a pergunta sobre o significado da vida; os processos do pensamento permeiam tão intimamente toda a existência humana que o seu começo e o seu fim coincidem com o começo e o fim da própria vida humana (ARENDDT, 2016).

A arte, como fruto do pensamento, pode ser considerada uma imitação da vida, ela também pode denunciar as mazelas que no mundo existem ao transpô-las para a 'imortalidade' da arte. Assim, levando à cartasse, reflexões e uma possível mudança de cognição sobre o mundo que cerca aqueles que tiveram contato com tal arte.

Pode-se, por meio de Arendt (2016), afirmar que a cultura e a arte são utilizadas para a emancipação dos indivíduos da sociedade, que o espaço escolar, onde o capital cultural é difundido com mais potência, pode se tornar um espaço de esperança em direção a liberdade.

2.2 EXPRESSÃO DE GÊNERO

A expressão de gênero é a forma como uma pessoa apresenta seu gênero. Esta é uma definição simples, porém ela é um aspecto importante do gênero, uma vez que ela tem significativa influência nas relações interpessoais. É ela que determina as adversidades que uma pessoa enfrenta como resultado de seu gênero e, ainda é confundida com sexualidade.

Para Killermann (2017), a expressão de gênero é discutida em termos de normas de gênero, ainda levando em consideração o binarismo feminino ou masculino e, mudanças drásticas de cultura para cultura. Uma das formas que se pode avaliar a expressão de gênero é por meio das roupas. Há algumas centenas de anos, usar *leggings*, em algumas culturas ocidentais era algo considerado masculino ou no mínimo andrógeno. Atualmente, no Reino Unido e em algumas academias tupiniquins, é comum ver homens usando “*meggings*”³, que são calças *leggings* para homens.

De qualquer forma, esse é um exemplo simples de expressão de gênero aplicado em uma vestimenta que inicialmente era masculina, tornou-se exclusivamente feminina e por fim se torna unissex. Mudou-se o nome para atender uma normatividade de papéis de gênero, entretanto a calça continua de malha e apertada...

A expressão de gênero é uma forma de se demonstrar a identidade de gênero, mas também pode ser uma forma de intencionalmente rejeitá-la. Existem vários fatores que leva alguém expressar seu gênero conforme seu sexo biológico, desejos sexuais ou se rebelar contra as normas impostas e se vestir e comportar-se da forma que se sentir melhor. Desta forma, a expressão de gênero é tão diversa quanto as formas que os indivíduos podem expressá-la (KILLERMANN, 2017, p. 111).

Retomando o exemplo da *leggings*, a expressão de gênero muda de acordo com o que é considerado socialmente, culturalmente e individualmente feminino ou masculino. Seja pela forma de se vestir, comportar-se, interagir ou se apresentar. Os

³ Calças térmicas masculinas. Em grandes cidades vem se tornando popular nos cenários *fashion* e também nas ruas. Essas calças são também utilizadas para praticar atividades físicas como yoga, corrida e musculação. Elas são justas ao corpo e também conhecidas como calças *leggings* para homens.

aspectos que ditam o que é considerado feminino ou masculino podem levar anos para mudar ou mesmo uma estação.

Killermann (2017) aponta alguns riscos que estão associados a expressão de gênero. O primeiro é: a expressão de gênero pode fazer com que outros confundam a identidade de gênero de uma pessoa. Exemplo: um homem cis heterossexual que cuida de sua aparência, pode ser visto como um homem cis gay; um homem cis bissexual ou mesmo heterossexual, que usa vestido pode ser visto como homem cis gay ou não binário. Essas possibilidades são reais, mas quando a expressão de gênero é levada em conta, pode ser que esta pessoa apenas gosta de usar vestido e isso não influencia em sua identidade de gênero.

O segundo risco, é quanto à pressão de se expressar o gênero da forma que é determinada pelo sexo biológico e celebrada pela sociedade. Isto é, vestir-se como “mulher” ou como “homem” por causa do sexo biológico ou por causa do espaço social que se está. Essa pressão está em dissonância com a identidade de gênero da pessoa, o que pode levar a pessoa à ansiedade e depressão, pois ela é forçada a se expressar de uma forma que não quer.

O terceiro risco é gravíssimo, trata-se de a expressão de gênero não ser compatível ao que se espera do papel de gênero de uma pessoa, seja ela mulher ou homem. Quando essa pessoa não se submete ao que a ela foi pré-determinado, ela corre o risco de ser ameaçada, atacada verbalmente e fisicamente, em casos mais graves, assassinadas.

“A orientação sexual está relacionada ao desejo erótico-afetivo de uma pessoa: com quem ela gosta de namorar e/ou de manter relações sexuais” (LANZ, 2015, p.43). A autora explica que a orientação sexual está diretamente relacionada com o sexo biológico e com o gênero, visto que perante a conjuntura binária, quem nasce fêmea deve ter atração erótico-afetiva por aqueles que nasceram machos e, eles por sua vez por fêmeas.

O momento em que um indivíduo decide ser heterossexual não é demarcado, pois a heterossexualidade é algo compulsório, pois ela é naturalizada pela sociedade, assim como os papéis de gênero: as mulheres cuidadoras e os homens devem ser agressivos (LANZ, 2015); diferente do conceito simplório de que ser homossexual, bissexual ou transexual, tratar-se de uma escolha.

A transexualidade é o não reconhecimento do sexo biológico que se nasce, identifica-se psicologicamente com o sexo oposto e, tem o desejo de transição

permanente para ele. Esse fenômeno é algo que em muitos casos ocorre desde a infância, quando o indivíduo não se identifica com sua genitália.

Lanz (2015) explica que os indivíduos que transgridem o dispositivo binário são apontados como sociodesviante, degenerados, que literalmente perderam seu gênero, que “não é uma herança biológica indelével e inalterável, mas o resultado de um longo, lento e árduo processo de aprendizagem social” (LANZ, 2015, p. 43).

Perante um mundo de singularidade que cada ser carrega dentro de si, como restringir as pessoas a um estilo de vida comum a todos? Os estilos de vida diferem de pessoa para pessoa, porque cada indivíduo é singularmente novo. Entretanto é preciso ser igual quanto a orientação sexual, os desejos e vontades que por vezes ficam aprisionados no lugar mais íntimo das pessoas em forma de sombras, graças às convenções sociais e religiosas que esperam que as pessoas nasçam, cresçam, multipliquem-se e morram? O que uma pessoa é está ligado com quem a pessoa expressa em seu discurso e ação, algo mais complexo que o sexo biológico, além da presença ou ausência de genital.

2.3 MEMÓRIA SOCIAL E COLETIVA

A memória vem sendo estudada em diferentes campos do conhecimento. Como uma de suas características, ela apresenta-se multifacetada, tornando-se uma ferramenta útil para atender e compreender o desenvolvimento das sociedades que a registram seja de forma oral ou escrita. A memória permeia a vida de todos os indivíduos desde a época em que a palavra tinha seu valor por si, na idade média, na era de Gutenberg que impulsionou a expansão da escrita por meio da imprensa e ajudou a alfabetização de muitos; até alcançar a contemporaneidade que abriga a informática e as tecnologias que acolhem a memória. (MOLINA, 2014)

O estudo da memória, nas últimas duas décadas, é apresentado como interdisciplinar, envolvendo disciplinas dos campos das ciências humanas, sociais, exatas, sociais aplicadas e da saúde. Tornando-se pertinente não apenas para os que estudam a História, mas para todos que acreditam que a memória guarda saberes do passado que possam ser úteis para suas disciplinas, organizações e instituições.

A memória coletiva e a memória social são os tipos de memória que foram abordadas como parte desta pesquisa. As memórias social e coletiva são

apresentadas nessa pesquisa a partir da leitura dos estudos de autores como Jacques Le Goff, que têm estudos direcionados à história, memória e passado; quanto a memória social e coletiva, foram consultadas as obras de James Fentress e Christopher Wickham (2003) e Maurice Halbwachs (2004). Com o intuito de enriquecer o projeto e propiciar discussão dos resultados, serão examinados conceitos de pluralidade, distinção e singularidade com o suporte do livro “A Condição Humana” de Hannah Arendt (2016).

A memória colabora com o desenvolvimento da sociedade por meio de seus diversos desdobramentos. Perante isso, temos a Memória Oral que, segundo Le Goff (2013), pertence às sociedades sem escrita, as quais usam a oralidade para transmitir ou guardar seus conhecimentos; a Memória Escrita que se utiliza de tecnologia para registrar informações ou conhecimento por meio de um sistema complexo de símbolos, signos e em diversos suportes. Inicialmente na era de Gutenberg, papel e meios digitais e virtuais deste o final do século XX; Memória Individual, referente às pessoas como seres únicos e experiências próprias; Memória Social, que é formada pela socialização da memória dos indivíduos dentro de um grupo.

Le Goff (2013, p. 387) aponta a memória como propriedade de conservar informações selecionadas intuitivamente por quem presenciou ou participou de um evento, desta forma, ela, é a função psíquica permite ao indivíduo atualizar informações ou impressões passadas ou que ele representa como passadas. Por isso, é um importante instrumento para a sociedade, porque ela é capaz de acessar o passado, podendo ser tanto uma prova jurídica quanto um instrumento de legitimação cultural e dominação.

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sócias pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2013, p. 390).

Le Goff (2013, p. 390) afirma que “[...] o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora atrasada, ora adiantada.” Ele acredita que ela está profundamente relacionada com os acontecimentos da história.

O fato de a memória ser discutida em diversas áreas e descrita por uma gama de autores, a torna um assunto árido quando se trata de sua conceituação, principalmente ao abordar algo tão subjetivo quanto a memória social, que em vários pontos converge com a memória coletiva, o que gera ambiguidade quanto a conceituação dessas duas expressões devido a sua proximidade. Por isso, este trabalho compreende a Memória Social como experiências, fatos e lembranças compartilhadas por um ou mais grupos, de forma escrita e oral.

A Memória Coletiva é conceito inicialmente cunhado por Maurice Halbwachs, tem a influência da perspectiva durkheimiana, por isso, é um fenômeno determinado pelo coletivo; apesar de o recordar ser um ato individual, o autor afirma que o indivíduo evoca por meio do grupo social que faz parte. Provavelmente, porque para que as ações, pessoas, fatos sejam lembrados, é necessário o espaço público compartilhado pelo grupo.

Desta forma, Halbwachs (2004) conceitua a memória como um elemento que promove a união dos membros de um grupo com base no passado, coletivo, que os unem; assim criando dentro do grupo valores, que com o passar do tempo se tornam próprios e naturais aos seus membros. Com isso, a memória coletiva se torna responsável não apenas pela recordação do que une o grupo, mas pela criação e manutenção da identidade do grupo.

O trabalho de Halbwachs é importantíssimo, pois abriu as portas para a discussão da memória de forma coletiva nas ciências sociais, história e outras ciências; entretanto sua análise não contempla questões sociais que influenciaram nas disputas por hegemonia da memória, assim como os interesses antagônicos subjacentes à construção social do passado.

A Memória Social para Olick e Robins (1998), é utilizada para analisar as diferentes formas como indivíduos são, conscientemente ou inconscientemente, moldados pelo passado, seja na esfera pública ou privada. Desta forma, o humano do século XXI é forjado não somente pelo o que foi efetivamente feito pelos seus antepassados por meio de suas ações e discursos, mas também pelo o que foi registrado e recuperado pela própria memória e história.

Para Peralta (2007), todos os grupos desenvolvem uma memória de seu passado coletivo, tal memória é indissociável da manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais, sendo esta a premissa que inicia os estudos em memória coletiva. Peralta (2007), acredita que Halbwachs concebe a memória e a identidade, que determinam a memória social, como sistemas estáticos e coerentes de aceções e valores que permitem consolidar os laços afetivos existentes entre os membros de um grupo, material e mentalmente identificado no espaço e no tempo.

As lembranças são coletivas e são disseminadas entre os membros do grupo, o tornando uma entidade independente e mantida primordialmente por laços com um passado comum. As memórias perduram porque fazem parte de um sistema de valoração e significação que são comuns a todos os membros do grupo, uma vez que as imagens privadas que o indivíduo possui do passado são submetidas a padrões apropriados, (aqueles estabelecidos pelos membros dominantes do campo da História), para que sejam mantidas como coletivas. (HALBWACHS, 2004).

Divergindo do pensamento durkheimiano, Fentress e Wickham (2003), implementam um termo geral: Memória Social. Eles o fazem pois acreditam que o termo Memória Coletiva, proposto por Halbwachs, apresenta a memória como um conceito que converte o indivíduo em uma espécie de ser heterônomo que obedece passivamente a vontade coletiva interiorizada. Entretanto, eles concordam com a afirmação de Halbwachs quanto aos grupos construírem suas próprias imagens de mundo e versões do passado, que se estabelecem por meio da comunicação, do discurso.

Fentress e Wickham (2003) defendem a memória como fato social, entretanto apenas em parte, porquanto parte das recordações humanas parecem ser mais íntimas e pessoais que outras, pois a distinção entre memória individual e social é relativa, porque as lembranças que constituem a identidade proporcionam o contexto para os pensamentos. As ações, por sua vez, não são pertencentes estritamente a um indivíduo, mas ao social. Visto que, as pessoas aprendem e herdaram conhecimentos, valores, condutas morais a partir de reservas comuns de conhecimentos/memórias, que são transmitidos por meio das famílias, comunidades e culturas que cada indivíduo pertence.

A Memória Social é a união de todas as memórias individuais, vozes singulares que procuram expressar sua versão do passado, para que se integrem ao

criar a identidade, cultura, história e costumes de uma determinada sociedade. Uma associação que nem sempre irá ouvir todas as vozes, pois tanto a Memória Oficial quanto a História Oficial são construídas por quem detém o poder. Deixando a tarefa de registrar o passado e vozes dos “atores coadjuvantes” e principalmente dos “figurantes” a história e memória orais.

2.4 MEMÓRIAS

Em um indivíduo, até o momento, pode-se encontrar dois tipos de memória: primeiro a declarativa e segundo a de procedimentos, as quais são discutidas pela medicina através da neurociência. Enquanto nos grupos e sociedades, fala-se amplamente, porém sem consenso e (por isso a falta de um conceito concreto), de memória coletiva e memória social. As quais respectivamente influenciam a existência dos indivíduos, como aponta a teoria social de Émile Durkheim, que postula que os homens estão atrelados à sociedade, e se eles estão ligados a ela, logo suas memórias dependem do grupo social. Ora os indivíduos influenciam a memória, ao socializar suas lembranças de fatos, eventos e experiências com os membros de seu grupo (FENTRESS; WICKHAM, 2003), assim, juntos são capazes de construir a memória social de seus grupos.

As pesquisas que tem como foco a memória, em particular a Memória Individual, defendem que o homem possui dois tipos de memória, a declarativa e a de procedimentos. A Memória Declarativa, capacidade de memorizar informações não verbalizadas, se desdobra em três formas de memória: memória imediata, memória de curto prazo e memória de longo prazo. A primeira refere-se a uma memória que é utilizada e em seguida descartada, como quando alguém precisa anotar um número de telefone, assim que a ação termina, o número é esquecido.

A Memória de Curto Prazo, funciona na mente dos homens como a memória RAM de um computador, sendo responsável pelo processamento e permanência temporária da informação para efeitos de conclusão de uma tarefa em curso. Por último, a Memória de Longo Prazo, um sistema, que se divide para armazenar informações sem a necessidade de um processo consciente, quanto a hábitos e habilidades, (memória implícita); e sua segunda parte, (memória explícita), que requer um processamento consciente e que necessita de lembrança prévia do aprendizado adquirido, a memória que lembramos por meio de uma evocação.

A memória se divide em Memória Episódica: com base em fatos sequenciados; Memória Semântica: memórias que são atemporais. E por fim, Memória de Procedimentos: relacionadas com a capacidade de reter e processar informações não verbalizadas. (PINTO, 2001 apud MOLINA, 2014, p.11-12; IZQUIERDO; MYSKIW; FURINI, 2013, p.12).

Segundo Izquierdo, Myskiw e Furini (2013), todas as memórias são associativas, se adquirem pela ligação entre grupos de estímulos. Eles são verbais ou não verbais, que apontam para o caminho da semiótica, que se encontra na linguagem em geral, deste a língua criada e convencionada entre seus familiares, até as imagens e sons, que podem gerar prazer ou catarse. Além disso, os autores lembram que existe outra forma de aprender ou memorizar informações, fatos etc.

Em algumas formas de aprendizado, associa-se um grupo de estímulos com a ausência do outro ou de qualquer outro. A forma mais simples dessas formas de “aprendizado negativo” associa um estímulo repetido (um som, uma cena) com a falta de qualquer consequência [...] (IZQUIERDO; MYSKIW; FURINI, 2013, p.12)

A arte, em específico o teatro, faz uso destes dois tipos de memória: declarativa e de procedimentos, além de recursos semióticos como a linguagem, música, imagem, o signo como um todo; e do estímulo condicionado, para emocionar o público, levando-o a cartasse para evocar suas memórias adormecidas, com o intuito de criar caminhos para a reflexão sobre temas relacionados à sociedade.

A Memória e a História percorrem caminhos paralelos, por vezes, encontram-se em interseções como a oralidade. Sabe-se que, tanto para a memória quanto para a história, a escrita tem mais peso que a oralidade, pois o que está escrito em papel tem maior durabilidade e confiabilidade que as histórias e memórias orais que passam de geração para geração e podem ser facilmente modificadas. Além de serem consideradas, segundo Le Goff (2013), pertencentes às sociedades sem escrita.

Le Goff (2013), explica que em sociedades sem escrita, a memória coletiva ordena-se em torno de três grandes interesses:

[...] a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa (LE GOFF, 2013, p. 394).

O surgimento da escrita causou uma profunda transformação à memória coletiva, porque a memória emergiu de forma espetacular no seio da retórica, uma arte da palavra ligada à escrita, assim a memória coletiva desenvolveu-se através da evolução social e política do mundo antigo. (LE GOFF, 2013).

A memória coletiva continua a sofrer intensas transformações na Idade Média principalmente por causa da difusão do cristianismo como religião e como ideologia dominante e do quase monopólio que a Igreja conquista no domínio intelectual. (LE GOFF, 2013).

A cristianização da memória e da mnemotécnica⁴, repartiu a memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica, que teve fraca inserção cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, o que influenciou o surgimento de tratados de memória, sendo esses as características mais fortes das metamorfoses que a memória passou na Idade Média (LE GOFF, 2013).

A memória escrita progrediu, ainda que lentamente, graças a revolução que a imprensa trouxe a memória ocidental. Le Goff (2013), cita Leroi-Gourhan para apresentar como se deu a revolução da memória pela imprensa:

Até o aparecimento da imprensa [...] dificilmente se distingue entre a transmissão oral e a transmissão escrita. A massa do conhecido está mergulhada nas práticas orais e nas técnicas; a área culminante do saber, com um quadro imutável desde a Antiguidade, é fixada no manuscrito para ser aprendida de cor [...]. Com o impresso [...] não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. Assiste-se então à exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação do que é escrito (LEROI-GOURHAN, 1965 p. 69-70 apud LE GOFF, 2013 p. 418).

Le Goff (2013), afirma que os efeitos da imprensa só foram sentidos após o fim do mundo antigo, ou seja, a partir do século XVIII, quando o progresso da ciência e da filosofia transformando o conteúdo e os mecanismos da memória coletiva. Ele, para elucidar tais efeitos, recorre a Leroi-Gourhan que diz o seguinte sobre a memória e a imprensa:

⁴ Mnemotécnica é “uma arte da memória que, como as outras artes gregas, foi transmitida a Roma, de onde passou para a tradição europeia. Essa arte busca a memorização por meio de uma técnica de imprimir “lugares” e “imagens” (YATES, 2013, p. 11).

Em poucas décadas a memória social embutiu nos livros toda a Antiguidade, a história dos grandes povos, a geografia e a etnografia de um mundo que se tornou definitivamente esférico, a filosofia, o direito, as ciências, as artes, as técnicas e um literatura traduzida a partir de 20 línguas diferentes. O fluxo vai aumentando até os nossos dias, mas, guardadas as devidas proporções, em nenhum momento da história humana se assistiu a uma dilatação tão rápida da memória coletiva (LEROI-GOURHAN, 1965 p. 307-308 apud LE GOFF, 2013 p. 418).

No século XX, sobretudo depois da década de 50, constitui-se uma verdadeira revolução da memória, e a memória eletrônica não é senão um elemento, sem dúvida o mais espetacular. Tal revolução contribuiu com a evolução das sociedades, elucidando a importância do papel que a memória coletiva desempenha, que é o de realçar a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 2013).

Entretanto, no século XXI, a História Oral tem desafios que a história escrita não contempla, pois ela está preocupada com o herói dos momentos históricos. A História Oral preocupa-se em ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades “indescritíveis”, ou seja, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos escritos, por serem consideradas “muito insignificantes”, inconfessáveis, ou impossíveis de se transmitir pela escrita; e testemunhar situações de extremo abandono (JOUTARD, 2000).

Para Joutard (2000), A História Oral tem o papel de representar cada indivíduo, apresentando-os como atores da história. Assim, ela traz à tona as experiências de mulheres, dos emigrantes, operários, camponeses, gêneros, de quem vive na extrema pobreza entre tantas outras histórias de quem vive nas fronteiras da sociedade.

Por meio do oral é possível apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão, “o oral nos revela o ‘indescritível’, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas ‘muito insignificantes’ [...] ou impossíveis de transmitir pela escrita”; descobrir o valor das narrativas orais, tão eficientes quanto as estruturas

oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. O oral tem sua importância, porque os documentos escritos são insuficientes para descrever, compreendem uma realidade complexa que abarca a pluralidade e a subjetividade tanto dos excluídos quanto das elites (JOUTARD, 2000, p.33).

Le Goff (2013, p. 436), afirma que os novos arquivos orais e audiovisuais não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo que possam controlar esta memória tão estreitamente como novos utensílios de produção desta memória, nomeadamente a do rádio e a da televisão.

De qualquer forma, como todo e qualquer conceito, a História Oral tem suas fraquezas, “[...] sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito” (JOUTARD, 2000, p.34). Ainda perante a tais características da História Oral, que os historiadores positivistas consideram como “erros”, ela é capaz de testemunhar e permite compreender melhor o que foi “vivido” e conhecer os motores da ação, tais como “rumores”, que deram início aos acontecimentos históricos. (JOUTARD, 2000).

Joutard (2000), aponta como exemplo de extremo abandono os horrores que ocorreram na Alemanha do século XX, que apesar de terem chegado a um fim, novos genocídios perpetuam-se no século XXI, ocorrendo em lugares esquecidos pelo mundo globalizado, assim como nele, quando se coloca em cheque a violência que mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais sofrem todos os dias no mundo que se diz civilizado. Por isso, a História Oral tem o imperativo de testemunhar memórias fragmentadas que têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível.

Ora a História e a Memória são construídas por meio de ações e principalmente por meio da linguagem, que eleva alguns ao poder e outros às margens da sociedade e total esquecimento.

A linguagem traduz e transfere em enunciados seqüenciais o que se manifesta como simultaneidade superposta no cérebro e no real. Assim, utilizamos a língua e outros sistemas de significação socialmente construídos para elaborar os significados, as representações que dão sentido à nossa vida. Salientamos, com isso, que é na linguagem que se constroem as culturas humanas, ou seja, que se elaboram os discursos e as narrativas que direcionam nossas ações. (CERVANTES, 2009, p.34)

A linguagem torna possível as representações do mundo, possibilitando a construção e reconstrução de identidades, a comunicação e a quebra de barreiras, expondo as feridas da sociedade por meio de discursos de intolerância e principalmente da denúncia do preconceito que por vezes se torna invisível aos olhos de todos.

Entretanto, a linguagem compõe uma força invisível que por meio de símbolos, separa e prejudica. O poder simbólico, que está por toda parte e ao mesmo tempo em parte alguma. Por vezes não se faz questão de reconhecê-lo nas situações mais corriqueiras, porque sua força, que não se vê, é exercida com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem, pois tal poder emana de estruturas estruturantes bem-conceituadas pela sociedade, como a arte, língua, religião e ciência, os quais são sistemas simbólicos que agem como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo. (BOURDIEU, 1989)

“A memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2013, p. 435). Por isso, quem tem o domínio sobre a linguagem e a cultura é capaz tanto de promover o entendimento entre a sociedade, quanto segregar seus membros.

A próxima subseção coloca em evidência a singularidade, pluralidade e distinção como conceitos básicos para traçar um caminho que leve a quebra de estereótipos por meio do discurso e da ação na esfera pública.

2.5 PLURALIDADE E DISTINÇÃO

A miséria dos mortais é serem cegos para seu próprio daimōn
- Sófocles, Édipo Rei

A dominação e a sede de poder não respeitam a singularidade, pois procuram padronizar as pessoas, nos menores aspectos para que a produção e reprodução de um modelo de vida e comportamento se perpetue. Por isso é importante conhecer conceitos como os de singularidade, pluralidade e respeito a distinção para que se tenha consciência da dominação e, que de alguma forma, buscar maneiras de evitá-la

Em *A Condição Humana*, Hannah Arendt expõe conceitos como a pluralidade, singularidade, distinção e alteridade, que compõem o domínio público, o espaço no qual homens e mulheres vêm a público mostrar quem são por meio da ação e do discurso.

Na obra supracitada Arendt (2016), apresenta na epígrafe do capítulo V, por meio das palavras de Isak Dinesen, também conhecida como baronesa Karen von Blixen–Finecke, que "Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito". Tais palavras indicam que as pessoas ao utilizarem o discurso, são capazes de apresentar suas histórias, que constituem sua singularidade, apesar de suas narrativas não terem chegado ao seu ponto final, pois isso apenas ocorre ao findar da vida.

Por isso, pressupõe-se que registrar as experiências dos grupos LGBT de Londrina por meio de seu discurso durante a entrevista, análise de documentos artísticos do arquivo do FILO e jornais, trouxe à tona suas memórias e seus discursos no espaço público, mas principalmente o aparecimento delas e sua singularidade única.

O domínio público é o espaço da liberdade, onde se discute assuntos de interesse comum, por isso os seres humanos precisam aparecer publicamente para realmente construírem suas identidades singulares.

Para Arendt (2016), o domínio público engloba quatro conceitos. Primeiramente, ele é constituído pela aparência; o mundo como um produto humano; E, finalmente, o espaço do discurso e da ação. Tais atividades são

abarcadas pela condição humana da pluralidade. Esses quatro elementos convergem-se no domínio público, que constitui o espaço da liberdade, espaço político.

O Espaço da aparência é o espaço público onde “tudo o que aparece em público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade” (ARENDT, 2016, p.61).

O senso de realidade humana depende completamente da aparência, por isso ser visto e ouvido, ver e ouvir são os requisitos para a garantia da realidade pública, do mundo e de todos os seres humanos. Desta forma, todas experiências privadas – as paixões do coração; os pensamentos do espírito, os deleites do sentimento – levam uma espécie de existência incerta e obscura. Para que essas experiências possam ser públicas, é necessário que sejam desprivatizadas e desindividualizadas. Isto posto, tal transformação pode ocorrer apenas quando o relato de experiências privadas e íntimas são adaptados pela narração de histórias e na arte. Sendo este o domínio no qual o privado assume uma espécie de realidade que jamais poderiam ter tido no íntimo da esfera privada (ARENDT, 2016).

Para muitos membros da sociedade, o domínio público pode abrigar toda e qualquer manifestação, seja ela genuinamente pública ou estritamente particular. Em “Sobre Hannah Arendt” (ARENDT, 2010), entrevista concedida pela autora em 1972, ela explica a diferenciação entre o público (político) e o social.

Primeiramente, as questões econômicas, de bem-estar humano, ocupação e todas as questões que afetam o domínio social, não são de domínio público. Todavia, Arendt compreende que os assuntos que se tornam público mudam constantemente como a vida. Na atualidade é comum que assuntos de cunho social sejam discutidos amplamente, como as questões dos grupos LGBT são discutidas politicamente, nas ruas por meio de passeatas, em universidades e algumas escolas por meio de debates (ARENDT, 2016).

Entretanto, a confusão entre o social e o político persiste, pois nos dias de hoje, ao menos no Brasil, é praticamente impossível desvincular estas duas esferas. Arendt explica que o debate público aceita assuntos que não se sabe ou se pode calcular com exatidão. Pois, se fosse ao contrário, e os assuntos pudessem ser delineados com certeza, não haveria necessidade de uma reunião para decidi-los (ARENDT, 2016).

Arendt, ainda explica que algumas decisões podem ser tomadas de cima para baixo ou resolvidas pelo debate. Fazendo uso de um exemplo brasileiro, a questão das uniões estáveis constituídas por pessoas do mesmo sexo. (ARENDR, 2016)

Sobre tal assunto, a sociedade não conseguiu entrar em consenso por meio do debate quanto à permissão e validade de tais uniões, sendo assim, o Supremo Tribunal de Justiça, considerando a Constituição Federal Brasileira, resolve que é vetada às autoridades competentes a recusa de casamento civil ou união estável de pessoas do mesmo sexo. (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2013)

Tendo isto em mente e, se este trabalho compreende a linha de pensamento de Arendt, a questão da união civil entre pessoas do mesmo sexo é uma questão político-social, porque trata-se de uma demanda social de parte da sociedade e política, pois se fez necessário o debate do assunto, que se encerrou verticalmente.

Um problema genuinamente social para Arendt é a questão da moradia adequada. Para ela não existe a necessidade de um debate sobre se todos deveriam ter uma moradia adequada ou sobre quantos metros quadrados um ser humano precisa para viver descentemente, pois é uma questão que se pode calcular, por isso não existe a necessidade de um debate público (ARENDR, 2016).

A situação seria um problema público, se pessoas morassem em um local inapropriado, e não quisessem se mudar por que adoram o local, mesmo mediante a oferta de melhor moradia em outra localidade. Sendo este um assunto que deve ser discutido publicamente e não verticalmente.

Assim sendo, Arendt exemplifica que nem todas as demandas que aparecem no domínio público, a ele pertencem. As discussões e debates públicos são aqueles que não se pode mensurar e resolver no domínio privado.

Aquilo que é público, é o que aparece, ou seja, a aparência é o que estabelece a realidade: “A presença de outros que vêem o vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDR, 2016, p.62). O público é tudo o que aparece e o que pode ser comunicável. Assim, experiências privadas, por mais intensas que sejam, como a dor e o amor, não aparecem no mundo público, pois são impassíveis de comunicação.

Arendt atenta ao fato de que no domínio público não há lugar para o irrelevante. Todavia, isso não quer dizer que tudo o que é privado é, por esse motivo, irrelevante. A autora exemplifica que o amor, em contraposição à amizade “morre, ou antes, se extingue assim que é trazido a público” (ARENDR, 2016, p.63).

“O que o domínio público considera irrelevante pode ter um encanto tão extraordinário e contagiante que todo um povo pode adotá-lo como modo de vida, sem com isso lhe alterar o caráter essencialmente privado” (ARENDR, 2016, p.63-64).

Pensando o amor como um “estado” de felicidade que não sobrevive ao público, leva-se a pensar que a felicidade pertence ao privado. E se assim é, o que as pessoas procuram no público? A resposta é dignidade, pois é nesse domínio que a humanidade das pessoas é externizada ao expor suas opiniões no domínio público, que é o espaço de aparecimento das singularidades.

[...] o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que privadamente possuímos nele. Esse mundo, contudo, não é idêntico à Terra ou à natureza, enquanto espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o que é fabricado pelas mãos humanas, assim como com os negócios realizados entre os que habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que o possuem em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo espaço-entre [*in-between*], o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si (ARENDR, 2016, p.64).

O público é o que é comum a todos e, por este motivo, ele é o elemento que medeia as relações entre os homens. E esse mundo, artefato humano, pois ele é construído pelas mãos dos homens. Este mundo público é o elemento que impede que as massas se colidam, e ao mesmo tempo é diferente para cada membro do espaço público, de acordo com seu lugar neste mundo (ARENDR, 2016).

O domínio público, mundo das relações humanas, é construído com o propósito de ser durável, para que passe de uma geração para a outra. Transcendendo a mortalidade humana para que seja possível a existência da política, de um mundo comum a todos e o domínio público. Sendo responsabilidade de cada homem e cada geração tornar um espaço melhor para os que vivem e os que estão por vir. “[...] o mundo comum é o domínio que se entra ao nascer e se deixa ao morrer.” Este mundo, planeta Terra, continua e continuará após a breve passagem dos seres humanos. Este é o mundo das relações humanas, o mundo que se tem em comum, além das pessoas que nele viveram, vivem e viverão (ARENDR, 2016).

Arendt explica que existe uma preocupação com a imortalidade, pois as ações das pessoas podem permanecer no mundo público, ainda que finda a vida de

um indivíduo. Tal preocupação, segundo ela é fundamental para a existência do domínio público (ARENDR, 2016). Preservar as obras deixadas pela sociedade ou grupos sociais é preocupação e tarefa da memória social.

Por isso, Arendt faz uso do exemplo grego para apontar que o jugo da escravidão não residia apenas no anonimato imposto pela obscuridade da prisão proporcionada pela privacidade, porém na morte pública, pois não era deixado vestígio algum da existência daquele que era escravo.

Para Arendt, na era moderna, existe um forte indício do desaparecimento do domínio público, que é a perda de uma preocupação autêntica com a imortalidade. Na era moderna, preocupa-se com a ascensão social; aparecer no domínio público não com o desejo de permanência, mas para que se seja alvo de admiração (ARENDR, 2016).

Isso é algo que continua no século XXI e ainda mais efêmero, pois além de visar a autopromoção da imagem da pessoa, importa-se com a recompensa financeira. Supervaloriza-se a aparição em espaços públicos como redes sociais, a postagem de “histórias” que se perdem assim que os seguidores das pessoas a visualizam. O que coloca o domínio público, como Arendt vê, em perigo, pois a busca por admiração pública faz com a aparição pública seja um produto/obra feita para a promoção de *status* social; o que compromete a liberdade do mundo que se tem em comum; tornando a própria história e memória descartáveis.

A ação é a atividade que corresponde à condição humana da pluralidade, pelo fato de este mundo não ser habitado por um só Homem, mas por homens e mulheres que são iguais e diferentes. Eles são iguais para poderem compreender-se entre si, seus ancestrais, prever o futuro. E diferentes, porque se não se diferissem, não seria necessário o discurso ou a ação para se fazerem entendidos (ARENDR, 2016; CORREA, 2016).

A pluralidade humana é constituída pela igualdade que a espécie humana possui; todavia são distintos, irrepitíveis, o que torna a humanidade uma “constelação” de seres únicos. “[...] a atividade da ação responde à pluralidade humana confirmando-a, ao reafirmar no ator político a singularidade que seu nascimento já testemunhava” (ARENDR, 2016).

A ação é uma atividade política por excelência e ocorre entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria (ARENDR, 2016). Para Correa (2016), a ação é “a capacidade humana de desencadear o novo, e o espaço adequado à sua

manifestação, do qual ela depende para adquirir realidade, é o domínio público”, local, que demanda a presença de outros, onde os homens e mulheres se encontram aptos a exercer sua condição de humano, ao se comunicarem, através do discurso no espaço da aparência, que é constituído pelos pares dos agentes e que garante a realidade do mundo e de todos humanos que nele habitam.

Outra característica da pluralidade humana é a alteridade, isto é, a condição do que é outro, é o que revela a distinção entre os seres orgânicos, inclusive nos da mesma espécie (Então, assume-se que filosoficamente, ser homossexual, bissexual, transexual, faz parte da alteridade dos seres orgânicos, sejam os animais selvagens ou o homo sapiens). Só o ser humano pode expressar a diferença e distinguir-se (ARENDR, 2016).

A alteridade que existe em tudo que é vivo, na humanidade ela é o reconhecimento da existência do (s) outro (s), que se distinguem entre si por causa da singularidade, que forma a pluralidade humana, que segundo Arendt (2016) é paradoxal, pois se trata de uma pluralidade de seres singulares, que em algum ponto da existência as pessoas encontram similaridades e se reúnem em grupos, criando sociedades, sua ética e moral etc.

A distinção entre os homens ocorre por meio da ação e do discurso, é por meio deles que os homens manifestam sua singularidade, expressando que são mais que carne e ossos, são seres pensantes que diferem em ideias, conceitos, dogmas, crenças, ideologias, e também orientação sexual. O discurso e ação são necessário para que os homens venham a público, para que se conheçam e se compreendam (ARENDR, 2016).

As pessoas são umas diferentes das outras, têm suas próprias incertezas medos e receio do novo; porém o ser humano busca por certezas e espera que todos sejam iguais, perante Deus ou as leis, uma constante busca por um universalismo que pertence ao século XVIII e que não mais deveria caber no século XXI. Antes, na filosofia medieval, o universalismo está presente na teologia. O universalismo do século XVIII é aquele proveniente da ruptura com o medievalismo e, no século XIX, da afirmação da ciência.

O novo sempre acontece em oposição à esmagadora possibilidade das leis estatísticas e à probabilidade que, para todos os fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim, o novo sempre aparece na forma de um milagre. O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso,

mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem um mundo de singularidade novo. Desse alguém que é único pode-se dizer verdadeiramente que antes não havia ninguém. Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como um ser distinto e único entre iguais. (ARENDR, 2016, p. 220–221)

A ação e o discurso estão intimamente relacionados. Sem eles, não é possível o segundo nascimento, o aparecimento para o domínio público. A ação, sem o discurso, deixa de ser reveladora, pois anuncia o que faz, fez e pretende fazer. Os homens revelam suas identidades pessoais únicas por meio do fazer e pela fala, assim, aparecendo no mundo humano como corpo singular que age, e voz singular que discursa. Tal revelação de quem se contrapõe ao que alguém é – seu dom, qualidade e talento ou ocultar –, está implícito em tudo que alguém diz ou faz. Por isso, apenas no total silêncio e passividade é que alguém pode por completo ocultar quem é. Entretanto, as pessoas não demonstram quem são de forma deliberada, porque quem são é melhor visto pelos outros, do que por eles próprios, a exemplo do *daimōn*⁵ da religião grega, que acompanha a pessoa durante toda sua vida, mas à ela não se mostra. (ARENDR, 2016)

Arendt apresenta a distinção como um elemento que une os homens, por meio de sua singularidade, que dá origem a pluralidade. Entretanto, para outros autores, a distinção é exatamente o que separa e literalmente distingue os seres humanos, como Pierre Bourdieu demonstra em seus estudos.

As pessoas são distinguidas dentro de uma sociedade de diversas formas, as quais posicionam em seu centro ou em sua periferia, isto ocorre segundo Bourdieu (2015), por meio dos Capitais e as trocas simbólicas que as pessoas realizam entre si, o que influencia a vida em sociedade.

Os principais capitais são: econômico, cultural, social e simbólico. Bourdieu toma de empréstimo da economia o termo capital e, o repensa radicalmente na perspectiva de uma economia geral das práticas. Isto é, um recurso material transmissível de forma hereditária e objetiva: dinheiro e outros bens materiais,

⁵ *Daimōn* tem a conotação de destino. Tem a função de protetor ou guardião pessoal de um espírito, que acompanha cada vida humana trazendo sorte ou azar, respectivamente *eudaimōn* (boa sorte) e *kakodaimōn* (má sorte), até o século V. Séculos depois, teólogos cristãos concentraram-se no aspecto ruim do *daimōn*, vendo nele a verdadeira natureza dos deuses pagãos, sendo eles encarnação do mal e do pecado (ROBERTS, 2007, tradução nossa).

(capital econômico). E os capitais que se caracterizam por relações mais subjetivas. Capital cultural, que é salientado pelas diferenciações por meio de bens culturais como o estudo, línguas estrangeiras, viagens, visitas a museus etc. O capital social, em uma perspectiva durkheimiana, trata da integração social de um grupo e, individualmente é relacionada as redes e conexões que cada pessoa faz ao longo da vida. E o capital simbólico representa a forma como o entorno de um grupo ou indivíduo, o vê. Atribuindo ou desconsiderando o valor dos capitais econômico, cultural e social de um grupo ou indivíduo (LEBARON, 2017)

Tais distinções ocorrem na sociedade de forma normalizada, visto que cada indivíduo tem uma trajetória e adquirir tais capitais sejam herdados ou conquistados ao decorrer da vida é essencial para que ele alcance uma vida de sucesso. A falta desses capitais, quanto ligadas aos estigmas da homossexualidade, bissexualidade e transexualidade, corroboram para o crescimento de preconceitos e violência para com a comunidade LGBT.

Assim sendo, o reconhecimento da informação sobre as comunidades LGBT, significa sua existência não apenas no meio acadêmico, mas também na sociedade. Significa que sua memória existe, todas as comunidades que compõe essa minoria existem, não são invisíveis e jamais serão escondidos nas sombras do esquecimento.

A Ciência da Informação, por ser uma área do conhecimento social aplicado, precisa se mostrar aberta para essas pessoas e para as mudanças da vida social. Apresentar as travestis como pessoas dotadas de história, memória, vivências e conhecimentos pode fazer a diferença, não apenas na vida dessas pessoas, mas de toda a comunidade, pois faz conhecer pessoas e memórias que diferem do que circula como “natural”, “normal” ou padrão na sociedade.

2.6 PROTAGONISMO SOCIAL E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O que foi, até o momento, aqui apresentado sobre distinção e pluralidade é conhecimento essencial para que se possa falar sobre protagonismo social, conceito que é mencionado com ampla frequência nas mídias e no meio acadêmico. Na Ciência da Informação vem se discutindo o arquivista e o bibliotecário como profissionais pesquisadores e protagonistas sociais. Dito isso, essa dissertação

contribui com a Ciência da Informação com um trabalho que apresenta o arquivista / bibliotecário como protagonista social.

Lima (1995), explica que o protagonismo como gênero jornalístico apresenta novas narrativas que são contadas por novas vozes, o que proporciona o encontro de multiplicidade de sentidos e vozes, que por vezes são divergentes, protagonizando novas histórias.

O substantivo “protagonismo” é relacionado com vários adjetivos como “juvenil”, “estudantil” e “LGBT”. A exemplo dos romances, o protagonista é aquele que tem papel de destaque em uma narrativa. O protagonismo social se inclina a posicionar os indivíduos como personagens principais de suas histórias, colaborando consigo e com o crescimento e transformação de sua comunidade.

Em se tratando de convívio em sociedade, os indivíduos constroem seus papéis sociais nas relações com outros indivíduos, as quais podem desencadear mudanças de comportamento e de autonomia. De alguma forma, quando há interação com as questões sociais, o indivíduo constrói novos caminhos para a elaboração de seu papel na sociedade, pois ele consegue transpor as barreiras que o mantém distante dos acontecimentos em seu meio, assim os resultados destas ações podem levá-lo ao protagonismo social. (FARIAS; COSTA, 2017, p.3)

Na Ciência da Informação o protagonismo social ganha espaços por meio dos estudos em mediação da informação, que têm se ocupado da abordagem conceitual, dos fundamentos teóricos, do delineamento dos tipos de mediação, das categorias de atividades de mediação e do papel mediador do profissional da informação. O tratamento dos últimos dois tópicos, em especial, parece convocar a comunidade da área ao enfrentamento de novos desafios para que se possa fazer avançar a formação dos profissionais da área, focalizando certas particularidades da ação mediadora (GOMES, 2014, p.47).

Nessa abordagem ganha revelado um objetivo implícito da mediação da informação: o desenvolvimento do protagonismo social. Por outro lado, ao se compreender a mediação como uma ação voltada ao protagonismo, até mesmo por ser dependente do processo dialógico como método possível para o estabelecimento da aproximação de polos, observa-se que o sucesso da ação mediadora é também dependente do nível de conscientização do agente dessa ação quanto ao seu próprio papel protagonista. O profissional da mediação da informação age, constrói e interfere no meio, portanto, é também um protagonista social, e nessa condição se constitui em sujeito da estética, da ética e da produção humanizadora do mundo (GOMES, 2014, p.47).

Gomes (2014) reflete sobre o caráter dialógico, estético, formativo e ético da mediação da informação, fundamentada em pesquisadores como Vygotsky, Freire, Almeida Júnior e Bortolin. Seu raciocínio se inicia a partir da premissa de que a ação mediadora é uma ação essencialmente pautada na dialogia, a experiência humana é dependente de práticas de comunicação, transmissão cultural, que fazem parte do *locus* da mediação, que é um processo dialógico que permite compartilhamentos objetivo e intersubjetivo por meio dos quais os sujeitos envolvidos nesse compartilhamento sempre geram significações, o que “[...] possibilita a interlocutores distintos o encontro e a manifestação das subjetividades que emanam da interlocução inter e intrasubjetiva.” (GOMES, 2014, p.48).

Para Gomes (2014), a dialogia está na base da mediação e um mediador consciente tem a capacidade de compreender que o processo dialógico torna bem-sucedida a mediação pretendida.

[...] os sujeitos envolvidos nesse processo são singulares, podendo e devendo assumir o protagonismo da ação. Essa compreensão revela a mediação como um processo dialético que exige do agente mediador uma disposição e preparação para atuar no respeito a essa condição fundante da ação mediadora. E, ao mesmo tempo, ser capaz de se auto-avaliar, buscando seu auto-conhecimento para superação de seus próprios limites, mas também para se colocar como um sujeito implicado no processo, que se responsabiliza por ele, aperfeiçoando seu próprio perfil protagonista (GOMES, 2014, p.49).

Neste trabalho propõe-se a mediar a informação por meio da memória social das pessoas transexuais, assim como informações sobre a sexualidade, que às vezes parece ser um assunto tão óbvio e ao mesmo tempo cercado de tabus, que as pessoas não se sentem à vontade para falar e perguntar sobre.

Assim, surge o questionamento: quem é o protagonista que o profissional da informação atende na perspectiva deste trabalho? Ele mesmo, as pessoas transexuais, as pessoas que não sabem o que é transexualidade, que não sabem o que é identidade de gênero e/ou sexualidade.

Como acolhedor, mediador consciente da informação e protagonista social, que se auto avalia para verificar e melhorar seu conhecimento na temática, tornando-se capaz de acolher e compreender a pessoa transexual proporcionando acesso e uso da informação a ele. Assim como provendo acesso a pessoa heterossexual, que não tem conhecimentos sobre as comunidades LGBT, sobre os que fazem parte das comunidades LGBT. Desta forma, oferecendo acesso a

ferramentas para superar barreiras impostas por preconceitos e ao mesmo tempo, auxiliando ambos a protagonizar suas histórias.

Gomes (2014) compreende que a mediação é abordada como uma ação semiótica e, seu sucesso depende de várias linguagens (vozes) e principalmente da consciência de que todos os envolvidos na ação mediadora são protagonistas do processo. Essas características expõem a dimensão estética da mediação voltada para um movimento de um agir na vida, que representa:

[...] uma ação geradora de experiências a partir do encontro com a informação e com o outro (ou outros) que a produziram, promovem e disponibilizam, e ainda do encontro com os próprios dispositivos (instrumentos, processos, produtos, serviços, espaços e ambientes) que possibilitam a busca, o acesso e o uso da informação. (GOMES, 2014, p.51)

O protagonismo social na Ciência da Informação que Gomes (2014, 2016) apresenta é fundamentado, além de suas próprias teorias, no pensamento de filósofos contemporâneos para demonstrar que a ação protagonista se relaciona profundamente com conceitos pluralidade, singularidade e ação de Hannah Arendt; apresentados em capítulo anterior neste trabalho e, a ação discursiva de Jürgen Habermas.

Para possibilitar o aparecimento da singularidade dos indivíduos no domínio público é necessário que as experiências sejam desprivatizadas para que possam por meio da linguagem serem discutidas. Esse é o caso de experiências das comunidades LGBT.

A questão de regras impostas não tão somente pela religião, mas pelos outros pilares que sustentam a sociedade, caracterizam a homossexualidade como pecado, algo ruim ou pejorativo. Um assunto particular de identidade de gênero, orientação sexual e atração sexual, que vem sendo desprivatizado para ser discutido na esfera pública por causa do preconceito que pessoas LGBTs sofrem diariamente. O que também levou a criação de regras pelo judiciário e executivo, como a regulamentação da união civil para homossexuais e nome social em documentos oficiais de pessoas trans.

Para Habermas, a legitimidade do direito tem suas normas fundamentadas em um discurso ético, as quais devem ter a capacidade de ser universalizadas, pois são imparciais e justas. Para que as normas possam ser fundamentadas, é

necessário que haja o diálogo aberto entre os membros da sociedade, todos sem exceção, cidadãos e cidadãs.

[...] a legitimidade de regras que mede resgatabilidade discursiva de sua pretensão de validade normativa; e o que conta, em última instância, é o fato de elas terem surgido num processo legislativo racional – ou o fato de que elas poderiam ter sido justificadas sob ponto de vista pragmáticos, éticos e morais. A legitimidade de uma regra independe do fato de ela conseguir impor-se. Ao contrário, tanto a validade social como a obediência fática, variam de acordo com a fé dos membros da comunidade de direito na legitimidade, e esta fé, por sua vez, apoia-se na suposição da legitimidade, isto é, na fundamentabilidade das respectivas normas. (HABERMAS 2003:50 apud BUZINGNANI; GARCIA, 2010, p.104)

Desta forma, a ideia que Habermas propõe é de que a democracia seja fundada no entendimento entre as pessoas. Porém as pessoas têm origens, valores, crenças entre outros aspectos, que os diferem. Por isto se faz necessário a criação de regras para reger as relações entre os cidadãos e as cidadãs de uma sociedade. Tais regras precisam ser discutidas sob a luz da razão e deixando de lado as paixões.

A comunicação precisa acontecer de forma que cada cidadão possa falar, mas que também esteja disposto a ouvir e compreender uns aos outros e sempre levando em conta a honestidade em todas as discussões e principalmente, sem imposições. O enunciado anterior aparentemente remete a lei universal de Kant: “age apenas segundo a máxima pela qual possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal.” (KANT, 2010, p.215), o imperativo categórico, um mandamento da razão, movido pelo dever, deixando as inclinações (paixões) de lado.

Entretanto, Habermas diverge de Kant, pois o primeiro acredita que as leis universais devem ser discutidas entre os membros de uma sociedade, e não instituída por apenas um membro que considera sua máxima como lei universal. É necessário quebrar a máxima de diversas religiões que propõe que se faz aos outros aquilo que alguém faria a si mesmo. Tal máxima pode ser substituída por uma simples regra: pergunte as pessoas como elas querem ser tratadas (KILLERMANN, 2017).

As regras devem ser pautadas na razão porque ela é algo inerente a todo o ser humano, tendo todos eles a capacidade de discutir qualquer assunto

racionalmente, contanto que tal ser humano, cidadã/cidadão seja capaz de deixar suas paixões de lado.

Imaginar que as pessoas deixariam de fora de um debate suas paixões aparenta ser algo quase utópico, entretanto é tal utopia que precisa ser considerada ao se participar de um debate democrático.

Habermas através da teoria da ação comunicativa aponta que a linguagem tem papel importante para fundamentar a legitimidade do direito, pois é por meio dela que os cidadãos podem encontrar as soluções para os seus problemas. Porque quando as pessoas se comunicam, estabelecendo uma relação interpessoal, ora como falante, ora como ouvinte. Elas são capazes, através de orações inteligíveis, alcançar uma comunicação com êxito. É importante que o êxito da comunicação depende do entendimento entre falante e ouvinte, não de uma imposição de uma das partes. Como o autor explica de acordo com seu modelo da ação com relação a fins.

Segundo o modelo da ação racional com relação a fins o ator se orienta para a realização de seus próprios fins, calculando o êxito da ação pelo grau em que esta consegue produzir mediante intervenção no mundo (ou mediante omissões) o estado-de-coisas que se espera. Às ações orientadas ao êxito eu chamo de instrumentais quando poder ser entendidas como seguimento de regras técnicas e avaliadas a partir do ponto de vista da eficácia de uma intervenção do mundo físico com o qual o agente pretende conseguir algo; as ações orientadas ao êxito denomino de estratégicas quando podem ser entendidas como seguimento de regras de escolha racional e avaliadas do ponto de vista de eficácia da influência que um agente trata de exercer sobre as decisões de um oponente (ou oponentes) racional. [...]. Chamo de ações comunicativas quando as interações sociais não são coordenadas através de cálculos egocêntricos do próprio êxito por parte de cada ator individual, considerando isoladamente, senão mediante operações cooperativas de interação dos participantes. Na ação comunicativa os atores não se orientam primariamente por seu próprio êxito, senão pela produção de um acordo que é condição para que cada participante na interação possa prosseguir seus próprios planos de ação. Um acordo alcançado comunicativamente se funda no reconhecimento intersubjetivo, ainda que implícito, de pretensões de validade susceptíveis de crítica. O acordo não pode ser imposto por uma das partes. Um acordo em que um tenha sido objetivamente forçado, ou que se tenha sido produzido pela via da persuasão retórica, subjetivamente, só pode valer como acordo enquanto não se tornem evidentes as vias pelas quais se tenha produzido. O acordo repousa em convicções. (HABERMAS, 1984, p.453-454 apud BUZINGNANI; GARCIA, 2010, p.105)

Para que o debate ocorra é preciso que ele seja pautado pela razão, segundo Buzingnani e Garcia (2010), é necessário que os atos de fala do interlocutor completem três pretensões de validade: os enunciados devem pretender a verdade

ou pressuposições de verdade no conteúdo mencionado, devem se adequar as normas ou valores que possam justificar a relação interpessoal entre interlocutor e receptor em um contexto dado, e por último, pretender a veracidade para as vivências manifestas. Tais pretensões podem ser contestadas sob três aspectos de validade diferentes. O ouvinte em busca de verificar os enunciados do interlocutor pode querer contestar a veracidade do que é afirmado pelo locutor, querer a adequação da fala de acordo com as normas ou valores, e querer verificar se a intenção do interlocutor coincide com o que ele disse.

As pretensões acima sempre estarão presentes no debate e interações humanas e, se elas forem satisfeitas, fará com que ambas as partes possam entrar em acordo. Desta forma, evitando que a ruptura entre as partes ocorra, isto é, a perda da razão, o que oportuniza o surgimento de preconceitos, estigmas e finalmente o conflito.

A relação da esfera pública de Arendt e da ação comunicativa de Habermas se “conversam”, essas teorias levam em consideração a existência do outro, o respeito a diferença desse outro.

As perspectivas de Arendt e Habermas descritas neste trabalho devem valer nas unidades de informação, no espaço da biblioteca e outras unidades de informação podem e devem se valer de tais perspectivas para que construam, fortaleçam e valorizem o espaço crítico, o espaço de compartilhamento (espaço dialógico), assegurando o espaço da intersubjetividade, da diversidade, do diferente, da alteridade, enfim do espaço sustentador da criatividade (GOMES, 2016).

Segundo Gomes (2016), as contribuições teóricas de Hannah Arendt e Jürgen Habermas, colocam o profissional da ciência da informação frente à necessidade de uma tomada de posição, que abandona a “máscara da neutralidade”, e favorecendo a “razão de ser” como o centro dos estudos, pesquisas e fazeres profissionais do trabalho informacional. Entretanto, sem abandonar a preservação da memória social e as condições de acesso e uso da informação, ainda estimular o diálogo, a criatividade, a produção de sentidos e também do entendimento, tomando enfim como um dos fundamentos do trabalho com a informação a construção e manutenção do espaço crítico.

Ação mediadora apresenta seus aspectos éticos por meio do cuidado que os profissionais da informação têm ao interagir, acolher, desenvolver no usuário o sentimento de pertença ao ambiente informacional, pois naquele local existem

narrativas de experiências que criam caminhos para compreender outras pessoas e, desta forma ajudando em sua formação não tão somente como usuário da informação, mas também como protagonista social. (GOMES, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O FILO surgiu como Festival Universitário de Londrina, sendo considerado uma forma de manifestar cultura dentro das faculdades que em um futuro não muito distante tornar-se-iam a Universidade Estadual de Londrina (UEL). Além disso, foi uma maneira de unir as vozes dos universitários em Londrina por meio de atividades culturais: poesia, conto, artes plásticas, teatro, música popular, música erudita e jogral. As vozes dos estudantes londrinenses logo se juntariam com a de outros estudantes brasileiros que rompiam o silêncio ditatorial. Dessa forma, nasceu esse Festival, em outubro de 1968, em um período conturbado a dois meses da implantação do Ato Institucional 5⁶.

As três primeiras edições do Festival tiveram um caráter múltiplo, congregando diferentes manifestações artísticas. A partir de sua quarta edição, o Festival é assumido pela UEL, que convida Nitis Jacon Araujo Moreira para dirigir o Setor de Teatro da Coordenadoria de Assuntos Culturais. A partir desse ano, o teatro amador de Londrina em região ganha mais destaque, o que culmina na mudança da nomenclatura do Festival, no ano seguinte, tornando-se Festival Universitário de Teatro. Nos anos seguintes, o Festival ganha reconhecimento. No ano de 1988, o Festival se torna parte da Mostra Latino-Americana de Teatro. Em 1990 internacionalizou-se e ganhou o nome de Festival Internacional de Londrina. Em 2017 o Festival apresentará sua quadragésima nona edição e em 2018 comemorará 50 anos disseminando cultura no norte do Paraná. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 1997, p. 07-14)

O Festival é realizado com o apoio de diversos patrocinadores e idealizado pela Associação dos Amigos da Educação Cultural Norte do Paraná (AMEN), que tem como missão apoiar e desenvolver ações para a defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, através das atividades de educação profissional, especial e ambiental e, especialmente, atuar na condição de mantenedora do FILO. Ela tem como visão a criação de outras associações em

⁶O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.” (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2017).

outras regiões do país e do exterior, inclusive através da mobilização de entidades governamentais e organizações não-governamentais nacionais e internacionais.

Obter um “retrato” da memória social por meio dos grupos de travestis, transexuais e transgêneros de Londrina foi um dos intentos desta pesquisa. Para isso, buscou-se a fundamentação teórica na literatura historiográfica, filosófica, sociológica, que abrangem a memória, e que possa colaborar para sua discussão dentro do campo da Ciência da Informação.

A memória social, pode ser utilizada para dar visibilidade as pessoas desses grupos, ou seja, visibilidade política, visto que segundo Aristóteles, o homem é um animal político, assim, para fazer parte da sociedade, ele precisa vir a público e expressar suas ideias. Elas podem ser apresentadas por meio de representantes políticos, passeatas, artes entre outras manifestações a todos os membros da associação de seres humanos que, deveriam fazer parte do que chamamos de sociedade, mas que todos os dias são excluídos por causa de vários fatores, dentre eles econômicos, sociais, raciais e de gênero.

A dissertação propôs, em relação aos objetivos, ser uma revisão bibliográfica, que utiliza como procedimentos, o tipo documental, com abordagem qualitativa. A revisão bibliográfica é caracterizada pela busca de informações para que o pesquisador crie familiaridade com um problema a fim de explicitá-lo, ou mesmo descobrir e criar pressupostos. Neste processo pode-se contar com o conhecimento de especialistas sobre o problema pesquisado, por meio de entrevistas e, principalmente, levantamento bibliográfico (GIL 2002).

A pesquisa exploratória pode fazer uso de outros dois tipos de pesquisa: bibliográfica e documental, que parecem semelhantes, porém diferenciam-se por causa da natureza de suas fontes. A pesquisa bibliográfica é respaldada pelas contribuições de diversos autores sobre o assunto. Esse tipo de pesquisa vale-se essencialmente de fontes bibliográficas como livros, artigos, jornais, revistas, dicionários etc. A vantagem da pesquisa bibliográfica é a possibilidade de se investigar fenômenos sem ter que pesquisá-los diretamente. Sendo ela indispensável nos estudos históricos e de memória. (GIL 2002, p.41)

As fontes de pesquisa documental são construídas a partir de materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou que são passíveis de reelaboração para atender os propósitos da pesquisa. Esperava-se localizar documentos dos arquivos do FILO como fotografias e enredo das peças de 2004 a 2017. Nos

arquivos digitais ou físicos do jornal Folha de Londrina, teve-se a intenção de analisar reportagens jornalísticas sobre as peças, que divulgaram e apresentaram a repercussão dos espetáculos. Nos documentos analisados, foi possível encontrar discursos que apontam para o preconceito contra os sujeitos da pesquisa.

As fontes de informação deste tipo de pesquisa incluem documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas; tais arquivos são compostos por cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos etc. Além disso, esse tipo de pesquisa trabalha com documentos que passaram por análise prévia, por exemplo: jornais, boletins, relatórios de pesquisa etc. (GIL, 2002, p. 44–47)

A pesquisa documental é uma rica fonte para os estudos da memória, pois o documento possui natureza histórica; trata-se de uma pesquisa de baixo custo e não exige contato com os sujeitos da pesquisa. Entretanto, esse trabalho é subjetivo e se valeu de dados coletados por meio de entrevistas. Para que o estudo fosse melhor compreendido, seus dados foram analisados a luz da técnica conhecida como DSC, que é explicada nesta seção.

Essa técnica foi aplicada neste trabalho com objetivo de identificar e apresentar a memória, representatividade e subjetividade de travestis, transexuais e transgêneros.

A entrevista é uma abordagem empregada amplamente em pesquisas qualitativas, englobando as mais diversas áreas. Elas são utilizadas isoladamente ou em conjunto com outros métodos, sejam eles qualitativos ou mesmo quantitativos. Para montar o instrumento de coleta de dados deste projeto, foi escolhida a entrevista centrada no problema. Ela foi desenvolvida por Andreas Witzel no contexto de biografias profissionais de diversos grupos de pessoas (FLICK, 2009).

Desta forma, construiu-se o roteiro de entrevista (Apêndice B), um guia para que o entrevistador pudesse introduzir seu interesse no problema na forma de questões direcionadas, a fim de extrair dados biográficos dos entrevistados (FLICK 2009). Assim, a intenção do pesquisador foi extrair dos respondentes memórias individuais e impressões do espetáculo “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”.

Para selecionar as pessoas foi escolhida a técnica de amostragem *snowball*, na qual o pesquisador entrevista uma pessoa e, ela nomeia o provável próximo entrevistado. Assim, a pessoa indicada é contatada para participar da pesquisa. Em

condições normais, a primeira pessoa referencia duas outras pessoas, e cada entrevistado referencia mais duas pessoas (DENSCOMBE, 2003, p.16). A pesquisa contou com a participação de três pessoas, duas mulheres transexuais e um homem transexual. Os respondentes têm afinidades com o mundo da arte e das artes cênicas. Aos participantes foi previamente entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) em duas vias, apresentando o tema da pesquisa que fizeram parte, além disso, foi enviado o roteiro de entrevista, para que os participantes soubessem o que lhes seria perguntado. A população escolhida para as entrevistas foi composta por três pessoas transexuais, duas mulheres e um homem.

As entrevistas, que foram individuais, tiveram seu áudio gravado em uma sala do departamento de Ciência da Informação da UEL e no Canto do MARL – Movimento dos Artistas de Rua de Londrina.

Os procedimentos de condução do trabalho foram os seguintes: Investigação e coleta de material documentário contidos nos arquivos do FILO com a intenção de selecionar os documentos relacionados às manifestações artísticas que tenham travestis, transexuais e transgêneros como tema entre os anos de 2004 a 2017. Este período foi escolhido porque em 2004 foi apresentada a primeira peça do FILO com temática exclusivamente transexual, focando travestis.

Em seguida, foram coletadas as reportagens relacionadas a peças teatrais com temas transexuais, do jornal Folha de Londrina. O intuito disso foi analisar reportagens veiculadas no mesmo período das peças por meio da técnica do DSC para se descobrir o discurso difundido pela mídia sobre as peças envolvendo travestis.

Após a gravação das entrevistas, foi realizada sua transcrição que foi submetida à luz do DSC visando “esboçar um retrato da memória social das pessoas travesti, transexuais e transgêneros”.

O instrumento para fazer anotações dos discursos encontrados no enredo e nos jornais, foram quadros inspiradas no DSC, (Apêndice C). Tal instrumento é constituído de três colunas, que são denominadas como: expressões-chave; ideia central e ancoragem. O instrumento será explicado com mais detalhes ao fim deste tópico.

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A técnica do DSC, segundo Mendonça (2007, p.149), é uma maneira de se representar e produzir o pensamento de uma coletividade. Isso ocorre por meio de uma série de operações e depoimentos, que resultam em discursos-síntese reunindo respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante. Para seus criadores, Fernando Lefèvre e Ana Maria Lefèvre, a metodologia é conceituada como

Um procedimento metodológico de natureza quali-quantitativa que busca superar os impasses das pesquisas tradicionais de representação social, recuperando, na escala coletiva – usando para isso procedimentos amostrais e de controle de variáveis que conferem representatividade aos achados – a natureza discursiva e argumentativa do pensamento. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p.1 apud MENDONÇA, 2007, p. 150)

Lefèvre e Lefèvre explicam que essa técnica busca resolver os impasses que o pesquisador encontra quando tem a intenção de processar depoimentos em pesquisas qualitativas que usam questionários de perguntas abertas (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p.1 apud MENDONÇA, 2007, 156). Esta técnica também pode ser utilizada para analisar artigos de jornais, revistas e mídias como as redes sociais, para processar dados qualitativos de opinião de ou sobre grupos sociais. Por esse motivo, além das entrevistas, parte do corpus deste estudo são artigos do jornal Folha de Londrina e Jornal de Londrina.

Assim, procura-se conhecer o que a mídia divulga sobre os grupos LGBT e com o uso da metodologia do DSC identificar discursos coletivos veiculados por meio da mídia local, pois ela tanto reproduz o que a sociedade pensa, quanto forma a sua opinião. Esta metodologia tem como base teórica a semiótica peirciana e a representação social de Serge Moscovici. Em Peirce, os pesquisadores se preocupam com o objeto do signo, ou seja, o que o entrevistado pensa; com o interpretante, que se desdobra, na população-alvo da pesquisa e o pesquisador que tem a função de descrever o pensamento coletivo. (MENDONÇA, 2007, p. 157-158).

Almeida (2005, p.61-62) elucida que de acordo com a semiótica peirciana “os fenômenos sociais são considerados a fonte principal da produção dos discursos e estes são assimilados como um fragmento do pensamento social [...]”. Sua explanação continua na direção da teoria das representações sociais que se

manifestam como um conjunto de imagens, memórias de fatos, situações, sujeitos e coisas, que são compartilhadas com os indivíduos que fazem parte do mesmo grupo.

O encontro da semiótica periana e da representação social de Moscovici, propiciado pelo DSC é apropriado a esta investigação porque para representar é necessário que exista uma relação entre o objeto do signo e outros elementos disponíveis no fenômeno observado e as representações já construídas e assentadas na consciência do grupo (ALMEIDA 2005, p. 61-62).

A confecção de DSCs é feita a partir de quatro figuras metodológicas, de acordo com (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 17-18):

- **Expressões-chave (ECH):** trechos ou transcrições integrais do discurso que revelam a essência do depoimento. Os trechos em itálico e sublinhado marcam as ideias centrais.
- **Ideias centrais (IC):** São afirmações que manifestam, descrevem de forma sucinta e fidedigna o conteúdo discursivo apresentado na ECH
- **Ancoragem (AC):** as ECH nem sempre remetem a uma IC, algumas vezes elas podem remeter a uma AC, que é inspirada pela teoria da representação social. Ela, a AC é uma expressão de hipóteses, teorias linguísticas, pressupostos, ideologias, crenças que circulam tanto pela sociedade quanto no íntimo dos sujeitos que dela fazem parte.
- **Discurso do sujeito coletivo:** discurso-síntese redigido em primeira pessoa do singular e constituído de ECH, AC e IC.

De forma resumida, para analisar os discursos dos indivíduos utilizando a metodologia do DSC, é preciso utilizar um quadro dividido em três colunas, cada uma delas pertencendo a Expressões-Chave, Ideias Centrais e Ancoragem, chamada de Instrumento de Análise de Discurso. Além da identificação codificada de cada um dos respondentes. Os exemplos a seguir são parte da pesquisa realizada nos arquivos digitais do jornal Folha de Londrina. Os dados recolhidos foram organizados em quadros e analisados de acordo com as instruções de Lefèvre e Lefèvre (2003).

Quadro 1 – Instrumento de análise de discurso

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>3 – Folha de Londrina - Religiosa convicta, a dramaturga Jo Clifford não se conformou ao sentir-se rejeitada na igreja que frequentava após assumir sua condição de transexual. Referência no teatro escocês com mais de 80 peças no currículo, deu início a um amplo estudo sobre textos bíblicos. <i>Em busca de pregações sagradas que justificassem a condenação moral sofrida por seu ato, a escritora só encontrou sermões que falavam de amor ao próximo, tolerância e misericórdia. A experiência resultou na peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", que causou uma grande polêmica em todo o mundo por apresentar Jesus na pele de uma mulher transgênero.</i></p>	<p>(1ª ideia) a escritora só encontrou sermões que falavam de amor ao próximo, tolerância e misericórdia.</p> <p style="text-align: center;">B</p> <p>(2ª ideia)"O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", que causou uma grande polêmica em todo o mundo por apresentar Jesus na pele de uma mulher transgênero.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	<p>O assunto da peça é polêmico.</p> <p style="text-align: center;">A</p>

<p>3 – Folha de Londrina - Escrita pela escocesa Jo Clifford, <u>a peça aborda histórias bíblicas que são recontadas em uma perspectiva contemporânea, propondo uma reflexão sobre a opressão e a intolerância sofridas por pessoas trans e minorias em geral na sociedade.</u></p>	<p>A peça aborda histórias bíblicas que são recontadas em uma perspectiva contemporânea, propondo uma reflexão sobre a opressão e a intolerância sofridas por pessoas trans e minorias em geral na sociedade.</p> <p style="text-align: center;">C</p>	<p>Reflexão quanto a opressão que minorias sofrem.</p> <p style="text-align: center;">C</p>
<p>1 – Arquidiocese - O teatro "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu" realizado em nossa cidade, como evento cultural, carece de visão histórica, teológica e ética. <i>Usar a pessoa de Jesus de Nazaré para propagar determinada opção sexual e a ideologia de gênero é um desrespeito à verdade e ao direito de liberdade religiosa, universalmente reconhecido.</i> Pior, é um ultraje ao Filho de Deus e aos que O seguem e Nele creem.</p> <p>1 – Arquidiocese - <u>Nós, católicos, respeitamos e acolhemos todas as pessoas e sua orientação sexual e também temos o direito de ser respeitados.</u> Mais uma vez perdoamos as ofensas, mas isso não nos isenta de lamentar, repudiar e protestar, porém, sem violência.</p>	<p>(1ª ideia) Usar a pessoa de Jesus de Nazaré para propagar determinada opção sexual e a ideologia de gênero é um desrespeito à verdade e ao direito de liberdade religiosa, universalmente reconhecido.</p> <p style="text-align: center;">D</p> <p>(2ª ideia) Nós, católicos, respeitamos e acolhemos todas as pessoas e sua orientação sexual e também temos o direito de ser respeitados.</p> <p style="text-align: center;">E</p>	<p>Desrespeito a religião católica.</p> <p style="text-align: center;">D</p> <p>Os católicos acolhem a diversidade de gênero.</p> <p style="text-align: center;">E</p>

<p>2 - Natália Mallo - <u>Não queremos mexer com a religiosidade de ninguém.</u> <i>Queremos apenas conversar sobre esse assunto.</i> <u>O espetáculo virou um ato de resistência.</u></p>	<p>(1ª ideia) Não queremos mexer com a religiosidade de ninguém.</p> <p>(2ª ideia) Queremos apenas conversar sobre esse assunto.</p> <p>(3ª ideia) O espetáculo virou um ato de resistência.</p>	<p>Reflexão quanto a opressão que minorias sofrem.</p> <p style="text-align: center;">C</p>
--	--	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Os criadores da técnica sugerem que no espaço reservado para as Expressões-chave, as IC e AC (quando houver), devem ser realçadas, respectivamente com a utilização de itálico, e itálico e sublinhado. Ademais, é preciso identificar as ideias centrais e ancoragens que têm o mesmo sentido. Deve-se classificar cada grupo com letras: A, B, C etc.

Os grupos são importantes para continuar a análise, pois para cada agrupamento é preciso que se construa um DSC. Para que isso aconteça, basta copiar todas as expressões-chave em itálico que estejam no mesmo agrupamento e colá-las em um novo quadro:

Quadro 2 – Reflexão quanto a opressão que minorias sofrem

Expressões-chave	DSC
<p>3 – Folha de Londrina - "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", que causou uma grande polêmica em todo o mundo por apresentar Jesus na pele de uma mulher transgênero.</p> <p>3 – Folha de Londrina - A peça aborda histórias bíblicas que são recontadas em uma perspectiva contemporânea, propondo uma reflexão sobre a opressão e a intolerância sofridas por pessoas trans e minorias em geral na sociedade.</p> <p>1 – Arquidiocese - (1ª ideia) Usar a pessoa de Jesus de Nazaré para propagar determinada opção sexual e a ideologia de gênero é um desrespeito à verdade e ao direito de liberdade religiosa, universalmente reconhecido.</p> <p>2 – Natália Mallo - (1ª ideia) Não queremos mexer com a religiosidade de ninguém.</p> <p>1 - Arquidiocese - (2ª ideia) Nós, católicos, respeitamos e acolhemos todas as pessoas e sua orientação sexual e também temos o direito de ser respeitados.</p> <p>2 – Natália Mallo - (2ª ideia) Queremos apenas conversar sobre esse assunto.</p>	<p>"O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", causou uma grande polêmica por apresentar Jesus na pele de uma mulher transgênero. A peça aborda histórias bíblicas que são recontadas em uma perspectiva contemporânea, propondo uma reflexão sobre a opressão e a intolerância sofridas por pessoas trans e minorias em geral na sociedade.</p> <p><i>Para religiosos</i>, usar a pessoa de Jesus de Nazaré para propagar determinada opção sexual e a ideologia de gênero é um desrespeito à verdade e ao direito de liberdade religiosa. <i>Entretanto</i>, Não queremos mexer com a religiosidade de ninguém. Queremos apenas conversar sobre esse assunto.</p>

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

A segunda etapa consiste em sequenciar as expressões-chave, de forma que obedeça uma sucessão, seja ela linear: começo, meio e fim; ou dedutiva: do mais geral para o menos geral e mais particular. É necessário usar recursos de coesão para fazer as ligações e eliminar particularidades como idade, gênero, eventos particulares, doenças etc. Assim como, eliminar as repetições de ideias, mas não da mesma ideia quando expressa de modos ou com palavras ou expressões distintas ainda que semelhantes. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003)

Os resultados obtidos por meio desta técnica podem ser apresentados de várias formas. Pode-se apresentar resultados questão por questão, síntese de ideias centrais etc.

Quadro 3 – IC – Sobre “O Evangelho Segundo Jesus Cristo, rainha dos céus”

A peça aborda histórias bíblicas que são recontadas em uma perspectiva contemporânea. *Para religiosos*, é um desrespeito à verdade e ao direito de liberdade religiosa usar a pessoa de Jesus de Nazaré para propagar determinada opção sexual. Nós, católicos, respeitamos e acolhemos todas as pessoas e sua orientação sexual e também temos o direito de ser respeitados.

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

A técnica do discurso coletivo é uma técnica utilizada com frequência na ciência da informação. É certo que à primeira vista pode parecer um instrumento complexo, porém ele é capaz de demonstrar o pensamento de uma coletividade de forma confiável.

4 RESULTADOS

Este tópico, como o título indica, apresenta os resultados da pesquisa. Primeiramente, são expostas em um quadro com informações sobre as seis peças que trazem ao público narrativo sobre travestis, transexuais e transgêneros. A subseção apresenta o DSC, que é formado pelas afirmações encontradas nos periódicos locais e na transcrição das entrevistas realizadas para esta pesquisa.

QUADRO 4 – Peças com narrativas sobre travestis, transexuais e transgêneros

Peça	Ano	Resumo
Eu quero viver de dia	2004	Formado por três travestis, o grupo Ai que Susto!, de Londrina, leva ao palco os sonhos e anseios de um grupo social ainda discriminado, mas sempre lutador (LEMES, 2004).
Kassandra	2015	La Vaca Companhia de Artes Cênicas de Florianópolis (SC), conta a história de uma personagem da mitologia grega que muda de sexo por conta de uma paixão. Sua maldição é ser diferente (ROMAN, 2015).
Poeta que pariu	2015	Teatro de Garagem de Londrina apresenta dramaturgia inspirada em figuras populares, como moradores de rua, prostitutas e travestis, pedintes e indigentes, catadores e carrinheiros – enfim, a vasta legião de deserdados com seu estranhamento que impõem à vida urbana de qualquer grande cidade do mundo – como arquétipos (Catálogo Filo, 2015).
Maria que virou Jonas ou a força da imaginação	2016	Dois atores transgêneros se encontram num “chat-rotele”, compartilhando on-line o convite para a participação numa peça teatral. No espetáculo, contam ao público o impasse sobre a distribuição dos papéis masculino e feminino. A plateia participa de um sorteio ao vivo e a peça tem início. Os atores se revezam nos personagens, quanto lançam uma discussão sobre identidade de gênero, questionando os limites entre representação, fantasia, teatralidade, aparência e verdade (ROMAN, 2016).
O evangelho segundo Jesus, rainha do céu	2016	O espetáculo é um monólogo, uma mistura de missa com contação de histórias. Mostra Jesus no tempo presente, na pele de uma mulher transgênero. Histórias bíblicas são recontadas em uma perspectiva contemporânea, que discute as interpretações vigentes no cristianismo que contribuem com a opressão e a intolerância na sociedade (ROMAN, 2016).
Grazzi Ellas	2017	A partir de relatos de histórias verídicas sobre a violência de gênero, somados às vivências e trabalho físico com as danças de orixás, foi-se construindo o espetáculo que ultrapassou sua proposta inicial de exercício acadêmico para tornar-se uma performance-arte a ser apresentada ao público. Além de uma proposta conceitual ousada, “Grazzi Ellas” é um convite para a compreensão de fatos ocorridos em diferentes épocas, com pessoas diferentes, mas que se conectam com a realidade dos dias atuais (Catálogo Filo, 2017).

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Primeiramente, esperava-se encontrar na Casa de Cultura da UEL, divisão de Artes Cênicas, documentos como fotos, roteiros etc., sobre as peças. Porém, recuperou-se *clipping* de apenas uma das peças, 'Eu quero viver de dia'.

Perante isso, resolveu-se visitar a Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Londrina. Nessa instituição foram encontrados *clippings* dos jornais Folha de Londrina (FL) e Jornal de Londrina (JL), (a pesquisa neste jornal não fora prevista na metodologia deste trabalho, porque ele foi descontinuado, entretanto foi encontrado nos arquivos sobre o FILO e por sua relevância para o trabalho, foi considerado como parte dos resultados), além de Catálogos do FILO, que apresentavam sinopses das peças apresentadas em cada ano.

Sobre a repercussão das peças, 'Eu quero viver de dia' teve uma nota na FL no dia de sua estreia. No último dia de apresentação, uma matéria foi veiculada no JL, ela era respeito de sua concepção, tratava-se de um espetáculo para retratar o cotidiano das travestis que querem ter uma vida a luz do dia, frequentar supermercados, shopping centers sem serem incomodadas e principalmente serem chamadas e referidas no feminino (ANEXO A – C).

Após dez anos, o tema da transexualidade retorna aos palcos do FILO em 2015 com dois espetáculos. 'Kassandra' – travesti, transexual, transgênero. Nasceu menina e virou menino, sua maldição foi ser diferente. A peça é uma atualização transgressora do mito grego, que segundo sua produtora mistura truques de comédia *stand up*, números de pole dance e som eletrônico de DJ.

A peça repercutiu na mídia por meio de uma nota e na FL que falava sobre a ousadia do espetáculo ser apresentado em local não convencional, um bar, pré-estreia, além de informar que os ingressos estavam esgotados. O JL, no dia da estreia, publicou matéria que falava sobre o espetáculo e o local da apresentação que é uma casa noturna. A peça faz releitura, não fiel, do mito da princesa de Tróia, que como "personagem transexual vai em busca de uma vida em um lugar que não é seu." Além disso, o intuito da peça é retratar o que acontece com muitas meninas que saem do Brasil em busca de uma vida em outros países, por isso a peça é escrita com inglês rudimentar. Trata-se uma tragicomédia (ANEXO D – F).

O segundo espetáculo dentro do recorte do trabalho, foi uma peça teatral de rua que foi inspirada em figuras populares, como moradores de rua, prostitutas, travestis, pedintes, indigentes e catadores. A proposta da peça é apresentar o trabalho de militância da companhia Teatro de Garagem nas praças por meio de

uma comunicação não elitista. Todavia, apenas o jornal FL mencionou o título da peça entre outras atrações do FILO de 2016 (ANEXOS G – H).

O FILO de 2016 trouxe dois espetáculos com a transexualidade como tema principal. O primeiro é ‘Maria que Virou Jonas ou a força da imaginação’, que fala sobre a história de um homem que acaba de voltar para casa após uma aula onde conheceu a fábula de Marie, uma jovem que pela força da imaginação mudou seu sexo. Transtornado com o relato, narra a história à sua esposa e no dia seguinte ela vê surgir em seu corpo um órgão sexual masculino. A peça recebeu destaque em uma matéria no dia de sua estreia (ANEXO I – J), todavia dividiu os holofotes com ‘O evangelho segundo Jesus, rainha do céu’, espetáculo que causou polêmica na cidade e por isso recebeu muita repercussão na FL, nas redes sociais e gerou protestos de entidades religiosas (ANEXO K – S).

A peça ‘Grazzi Ellas’ foi a única peça que tratou especificamente da temática transexual no FILO de 2017, entretanto outros espetáculos abordam assuntos relacionados com preconceito racismo e homossexualidade. Foi junto com essas outras peças que ‘Grazzi Ellas’ repercutiu na FL (ANEXO U).

O intuito do espetáculo de 2017 foi apresentar fatos verídicos, obscuros, permeados de violência e transfobia. Além disso, denuncia a invisibilidade que segundo o grupo é legitimada socialmente. A peça é apresenta a história de Grazi, uma mulher trans londrinense que foi protagonista de um crime hediondo e com características transfóbicas (ANEXO T – U).

Quanto ao impacto das peças, foram encontradas algumas matérias no arquivo online do Jornal Folha de Londrina. O espetáculo que teve maior repercussão foi “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”, que teve sua estreia nacional no FILO de 2016. Tal reverberação é apresentada no tópico de discussão deste trabalho.

As peças tiveram pouca visibilidade nos jornais locais, quando ela ocorreu, foi por gerar polêmica ao ter Jesus interpretado por uma mulher transexual. A análise das sinopses contidas nos Catálogos do FILO levou o pesquisador a perceber que existe esforço por parte das travestis para sobreviver, para lutar contra o preconceito e por parte da sociedade, mas o manto da invisibilidade é lançado sob os corpos transgressores das travestis, transexuais e transgêneros.

4.1 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

Nesta subseção é apresentado o DSC correspondente a cada pergunta respondida pelos participantes da pesquisa e, quando for o caso, o DSC veiculado nos periódicos locais.

Assim, o retrato da memória social das travestis apresentada nos palcos do FILO, começa a ser formado, apesar de algumas pessoas não enxergarem a imitação que arte faz ao reproduzir uma realidade de preconceito e invisibilidade.

Os quadros que apresentados abaixo são relacionados as sete questões do roteiro de entrevista:

- Como foi crescer como pessoa transgênera?
- Existiram dificuldades para estudar e/ou ingressar na universidade?
- Poderia falar sobre a vida profissional?
- O preconceito faz parte de seu dia a dia?
- O que é ser transexual?
- A peça, “O Evangelho Segundo Jesus, rainha do céu” teve grande repercussão na mídia. Quais são suas memórias quanto a ela?
- Qual sua opinião quanto a religião?

Ainda sobre os quadros, eles apresentam as ideias centrais e expressões-chave do discurso dos participantes e, o DSC de cada questão. As respostas para cada questão encontram-se na seção de apêndices. É importante salientar que os nomes que aparecem nos quadros são fictícios.

Quadro 5 - Como foi crescer como pessoa transgênera?

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 – Paola - <u>Eu também entendia dentro de mim que isso não fazia parte de mim esse sistema ser homem esses papéis de gêneros masculinos não me completavam.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>desde a infância eu me questionava sobre o mundo feminino não fazer parte do meu dia a dia por mais que minha mãe me colocasse vestidos, comprasse bonecas, as brincadeiras que mais me interessavam eram as ditas masculinas.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>Cresci me questionando se o que eu sentia era certo, se o que eu queria ia a favor do que a sociedade pregava, então, foi muito difícil.</u></p>	<p>Desde a infância eu me questionava sobre este mundo não fazer parte do meu dia a dia por mais que minha mãe insistisse que seguisse um determinado gênero. Eu cresci me questionando se o que eu sentia era certo, se o que eu queria ia a favor do que a sociedade pregava, então, foi muito difícil. Eu entendia dentro de mim que determinados papéis de gênero não me completavam.</p>

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 6 - Ideias centrais: Não me Encaixo no Sistema

Não se encaixar no sistema social	Questionar se era certo seus sentimentos
-----------------------------------	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 7 - Existiram dificuldades para estudar e/ou ingressar na universidade?

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 – Paola - <u>Eu acho que a estrutura escolar e acadêmica ainda não consegue trabalhar essa amplitude e singularidades da assistência humana.</u></p> <p>1 – Paola - <u>Porque a escola é um espaço que nos limita ela tenta conter algo. Eu entendo que é um processo que tenta conter uma força gigante que é o ser humano.</u></p> <p>1 – Paola - <u>a educação nunca foi para nós nunca foi para as minorias nunca foi de quem se encontra as Margens da sociedade exatamente já está à margem foi porque a sociedade a colocou.</u></p> <p>1 – Paola - <u>Na minha época eu era “patologizada”, existia um medo de que a contaminasse e os filhos dos outros . Eu era pauta de reuniões de pais e Mestres.</u></p> <p>2 – Aline - <u>A escola acaba sendo um processo de controle, controlar as pessoas para moldarem dentro de uma norma.</u></p> <p>2 – Aline - <u>teve o tempo de eu vivera minha vida de uma maneira dentro da norma, mas desconfortável.</u></p> <p>2 – Aline - <u>a escola para mim foi um ambiente de bullying.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>a adaptação e compreensão de todos os colegas de classe, amigos, professores e departamento num geral me fez ter ainda mais força de levantar a questão e lutar por um direito meu.</u></p>	<p>Eu acho que a estrutura escolar e acadêmica ainda não consegue trabalhar essa amplitude e singularidades da assistência humana. A escola acaba sendo um processo de controle, controlar as pessoas para moldarem dentro de uma norma.</p> <p>A escola é um espaço de <i>bullying</i>, que nos limita. Eu entendo que é um processo que tenta conter uma força gigante que é o ser humano.</p>

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 8 - Ideias centrais: a escola limita, tenta conter as pessoas

A escola limita, tenta conter as pessoas	Um espaço de <i>bullying</i> .	A educação nunca foi para as minorias	A escola não trabalha as singularidades das pessoas
--	--------------------------------	---------------------------------------	---

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 9 - Poderia falar sobre a vida profissional?

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 – Paola - <u>peguei minhas coisas e já foi para o meu cantinho e dali e eu comecei a minha vida como prostituta.</u></p> <p>1 – Paola - <u>Foi o teatro, mas na primeira formação eu me destaquei quanto atriz e logo depois eu fui chamada pela companhia de teatro de garagem de Londrina e o qual eu fiz a minha primeira personagem dentro de Londrina que foi a Baronesa dos Santos em Poeta que pariu) e a partir disso eu fui vista por profissionais das Artes e fui convidada então para fazer Grazzi Ellas que aí sim tudo se encaixou porque aí eu conheci o que era o grotesco eu conheci o que era o butô, a antropofagia do teatro.</u></p> <p>1 – Paola - <u>Eu também não tenho que aceitar, né? Você tem que me respeitar e eu também tenho que te respeitar.</u></p> <p>1 – Paola - <u>Porque se não quer sentir o que é uma transexual, mas você vai ter que sentir porque você veio me ver, você veio assistir o meu trabalho e o meu trabalho não é para pedir desculpa para ninguém</u></p> <p>2 – Aline - <u>Venho trabalhando com a militância e com o teatro. A militância é algo mais sério, mas com o teatro, posso militar e me divertir ao mesmo tempo.</u></p> <p>2 – Aline - <u>Por meio do teatro posso questionar a sexualidade e a erotização na nossa sociedade.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>O primeiro emprego que eu consegui ao me assumir trans foi com um diretor incrível, que logo de início por meio de uma colega de turma, buscou me respeitar de todas as formas, pediu o mesmo para os demais funcionários.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>Porém, até encontrar este emprego sofri sim, muitas empresas não aceitam, tem uma ideologia fechada, só o fato de enviar um currículo com nome social já causa constrangimento e isso se agrava na entrevista presencial pois quando falam comigo escutam uma voz ainda feminina e logo idealizam uma moça delicada e montada, o que claramente não sou.</u></p>	<p>Eu comecei a minha vida como prostituta, depois de alguns anos, foi no teatro que me encontrei profissionalmente. Foi então, aí sim tudo se encaixou porque aí eu conheci o que era o grotesco eu conheci o que era o butô, a antropofagia do teatro.</p> <p>Venho trabalhando com a militância e com o teatro. A militância é algo mais sério, mas com o teatro, posso militar e me divertir ao mesmo tempo. É por meio do teatro posso questionar a sexualidade e a erotização na nossa sociedade.</p>

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 10 - Ideias centrais: trabalho com teatro e militância trouxeram novas perspectivas para a vida

Primeira opção de trabalho foi a prostituição	Trabalho com teatro e militância	O teatro para questionar as questões das travestis e a sociedade	Existe preconceito para as pessoas transexuais no mercado de trabalho
---	----------------------------------	--	---

Quadro 11 - O preconceito faz parte de seu dia a dia?

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 – Paola - <u>Eu acho que preconceito é algo que está arraigado na cultura e na educação brasileira desde racismo, machismo elitismo e toda essa questão que é histórica que a gente traz na nossa história tudo isso é muito naturalizado então as pessoas têm preconceito sem nem saber que aquilo é um ato preconceituoso.</u></p> <p>1 – Paola - <u>Então eu acho que o preconceito está na estrutura.</u></p> <p>1 – Paola - <u>não lhe foi ensinado a respeitar a singularidade e todas as diferenças humanas porque ele foi ensinado apenas a uma verdade, coitado.</u></p> <p>2 – Aline - <u>Passamos por não em todos os lugares, a rua o ônibus, todos os lugares me dizendo não, porém eu sempre senti a necessidade de ocupar esses lugares.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>Ser trans é algo interno, pessoal, não fere ninguém e é isso que as pessoas precisam aprender.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>O medo de estar andando de mãos dadas na rua e levar um tapa, uma lâmpada quebrada na cabeça, o medo de estar na balada e ser encurralado por homens cisgêneros dizendo “Soube que você é homem, mas cadê seu pênis?” e ser violado de maneira covarde só para inflar o ego de gente asquerosa.</u></p>	<p>Eu acho que preconceito é algo que está arraigado na cultura e na educação brasileira desde racismo, machismo elitismo e toda essa questão que é histórica que a gente traz na nossa história tudo isso é muito naturalizado então as pessoas têm preconceito sem nem saber que aquilo é um ato preconceituoso. Às pessoas preconceituosas não foi ensinado a respeitar a singularidade e todas as diferenças humanas porque a eles foi ensinado apenas a uma verdade, coitados.</p>

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 12 - Ideias centrais: o preconceito está na estrutura social

O preconceito está na estrutura social	O preconceito é naturalizado na cultura brasileira	Medo de sofrer violência física.
--	--	----------------------------------

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 13 - O que é ser transexual?

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 – Paola - <u>Eu sou uma pessoa travesti quando eu quero incomodar quando eu quero trabalhar o histórico político da importância da palavra travesti. Eu sou mulher trans porque eu me entendo me identifico e as pessoas me entendem como mulher socialmente, então pra mim eu sou mulher trans socialmente, eu sou travesti porque é mais estigmatizado e incomoda mais por ser um termo historicamente pejorativo.</u></p> <p>1 – Paola - <u>é o corpo que transcende a norma que é mais do que aquilo que foi ensinado é um corpo autônomo e não é subjetivo pelo contrário ele é muito além a frente de uma estrutura social pensada</u></p> <p>1 – Paola - <u>Ser transgênero. para mim é um termo acadêmico que ainda está dentro da academia assim como outros termos</u></p> <p>2 Aline - <u>foi todo aquele processo de construção em que a minha sexualidade e do transgênero então foi a primeira vez que eu fui trabalhar o meu gênero</u></p> <p>3 Roberto - <u>ser transexual hoje é um desafio, há momentos em que devemos colocar na balança a questão profissional, familiar com a pessoal.</u></p>	<p>Ser transexual hoje é um desafio, há momentos em que devemos colocar na balança a questão profissional, familiar com a pessoal. De qualquer forma, o corpo transexual é o corpo que transcende a norma que é mais do que aquilo que foi ensinado é um corpo autônomo e não é subjetivo pelo contrário ele é muito além a frente de uma estrutura social pensada.</p> <p>Ser transgênero, para mim é um termo acadêmico que ainda está dentro da academia assim como outros termos.</p> <p>Eu sou uma pessoa travesti quando eu quero incomodar quando eu quero trabalhar o histórico político da importância da palavra travesti. Eu sou mulher trans porque eu me entendo me identifico e as pessoas me entendem como mulher socialmente, então pra mim eu sou mulher trans socialmente, eu sou travesti porque é mais estigmatizado e incomoda mais por ser um termo historicamente pejorativo.</p>

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 14 - Ideias centrais: um processo de construção

Um processo de construção	Um desafio, existem questões a se medir, como profissão e família	É ser um corpo que transcende as normas	Ser mulher trans socialmente e ser travesti quando quer incomodar, um corpo político	Transgênero é uma palavra nova e que está dentro da academia
---------------------------	---	---	--	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 15 - A peça, “O Evangelho Segundo Jesus, rainha do céu” teve grande repercussão na mídia. Quais são suas memórias quanto a ela?

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 – Paola - <u>Toda essa polêmica parte do corpo trans mais uma vez em cena.</u></p> <p>2 – Aline - <u>a peça trouxe, mas sim o espaço que essa peça e Grazi Ellas trouxeram para outras travestis.</u></p> <p>1 – Paola – <u>Grazi Ellas é outra linguagem. Grazi Ellas, não tinha senso fazer o que A Renata já fez para mim sabe ela fez muito bem feito não tem como talvez alguém supere. Então não tem como superar mas eu acho que Grazi Ellas vem trazendo uma outra questão que é o corpo trans nu e cru não é o corpo tá nascendo outro personagem no seu próprio corpo vivendo outra coisa vivendo versões</u></p> <p>2 – Aline - <u>Por ter tido repercussão, a gente conseguiu abrir um arrombo de espaço para que outras travestis entrassem.</u></p> <p>2 – Aline - <u>a gente tem trans que são cantoras, que são artistas plásticas, a gente tem trans que são doutoras, que são psicólogas.</u></p> <p>3 – Roberto - - <u>Eu gostei muito da crítica imposta, inúmeras religiões pregam que Deus ama a todos, menos o viado, a sapatão, a mana trans, o quri trans</u></p> <p>2 – Aline - <u>Eu não pude ver a peça, mas o que eu achei interessantíssimo neste monólogo foi apresentar o corpo trans. Porque a gente sabe que o corpo trans impacta muito mais do que ele falando. Só a presença impacta mais do que a fala. Então imagina, uma travesti que vem agora no corpo de Jesus, como é isso, Jesus é uma mulher, Jesus é uma mulher trans, Jesus é travesti.</u></p> <p>2 – Aline - <u>Então se trabalha duas simbologias (sagrado e o profano), apesar de trabalhar mais o sagrado, por trabalhar apenas mais esse lado. Ela não trabalha uma sátira, mas uma reflexão a partir daquilo. Foi dado o espaço para pensar sobre a trans.</u></p> <p>1 – Paola - <u>Aconteceu o caso da promoção política do senhor ***** a partir de isso ele usou da temática para se auto promover já trazer uma discussão que traz uma censura mãe tão mascarada de doutrina e de moral.</u></p>	<p>Toda essa polêmica parte do corpo trans mais uma vez em cena.</p> <p>Porque a gente sabe que o corpo trans impacta muito mais do que ele falando. Só a presença impacta mais do que a fala. Então imagina, uma travesti que vem agora no corpo de Jesus, como é isso, Jesus é uma mulher, Jesus é uma mulher trans, Jesus é travesti.</p> <p>Por ter tido repercussão, a gente conseguiu abrir um arrombo de espaço para que outras travestis entrassem. Temos trans que são cantoras, que são artistas plásticas, a gente tem trans que são doutoras, que são psicólogas.</p> <p>Aconteceu o caso da promoção política do senhor ***** a partir de isso ele usou da temática para se auto promover já trazer uma discussão que traz uma censura mãe tão mascarada de doutrina e de moral.</p> <p>Polêmica, então, sagrado e profano junto, nossa vai explodir! Então você tem a receita do sucesso, vamos falar a verdade então, falar de versículos bíblicos no corpo de uma travesti que socialmente é profano, é algo que era certo. Então eu acho que é uma Peça comercial que foi e realmente muito bem elaborada muito bem protagonizada.</p> <p>E aí a o Jesus Que Ela traz é um Jesus que vem apaziguar. Que vem tomar a Santa Ceia com você, é um Jesus que não segrega, mas que acolhe então eu entendo que é um trabalho que vem a causar esse alvoroço e de alguma forma foi pensado, mas também que te traz essa questão esse pedido de desculpas que eu não gosto.</p>

<p><u>1 – Paola - Polêmica, então, sagrado e profano junto, nossa vai explodir! Então você tem a receita do sucesso vamos falar a verdade então, falar de versículos bíblicos no corpo de uma travesti que socialmente é profano é algo que era certo. Então eu acho que é uma Peça comercial que foi e realmente muito bem elaborada muito bem protagonizada.</u></p> <p><u>1 – Paola - E aí há o Jesus Que Ela traz é um Jesus que vem apaziguar. Que vem tomar a Santa Ceia com você, é um Jesus que não segrega mas que acolhe então eu entendo que é um trabalho que vem a causar esse alvoroço e de alguma forma foi pensado mas também que te traz essa questão esse pedido de desculpas que eu não gosto.</u></p> <p><u>1 – Paola - Se Fosse Eu, eu quero é a sociedade se foda! Eu quero que a sociedade trabalhe seus preconceitos eu não tenho que pedir desculpas a ninguém e eu não tenho que pedir para ser aceita e eu não tenho que pedir para que você me aceite eu tenho que pedir meu lugar de fala eu tenho que saber o meu lugar e você se vire com seus preconceitos.</u></p>	
---	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 16 - Ideias centrais: polêmica porque o corpo trans estava no palco em cena

Polêmica porque o corpo trans estava no palco	A peça abriu espaço para outras travestis trabalharem sua arte	Trabalhou-se o sagrado e o profano	A religião exclui a diversidade do gênero
Autopromoção de um político	A peça apresentar um Jesus que procura reconciliação	As linguagens das últimas duas peças com temática trans, apresentadas no FILO, são diferentes	

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 17 - Qual sua opinião quanto a religião?

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>1 – Paola - <u>Eu fui tirada da escola ao completar 15 anos tirada da escola pela igreja que a minha família frequentava e internada para ser curada, essa indicação veio pastor, veio da pastora, de todas essa galera que estava entre aspas guiando um rebanho.</u></p> <p>1 – Paola - <u>É um discurso muito hipócrita que tem sido travestido hoje para ser trazido como uma base realmente de uma atuação religiosa dentro de uma gestão que eu considero uma gestão alheia sobre o corpo do outro.</u></p> <p>3 – Roberto - <u>O problema é o homem que distorce tudo, destrói. Acho que Deus fez pra isso mesmo, mas ai todos o culpam porque é mais fácil, do que admitir que o erro esta em cada um. “Deus não aprova” “Deus me deu uma filha e não um filho” quando a meu ver o amor e o respeito tem que prevalecer independente de tudo, principalmente se tratando de família.</u></p>	<p>É um discurso muito hipócrita que tem sido travestido hoje para ser trazido como uma base realmente de uma atuação religiosa dentro de uma gestão que eu considero uma gestão alheia sobre o corpo do outro.</p>

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Quadro 18 - Ideias centrais: a humanidade distorce a religião e usa deus para propagar seus preconceitos

A humanidade distorce a religião e usa Deus para propagar seus preconceitos	Religião e a busca de uma cura para a homossexualidade e travestilidade	Religião trazendo discurso hipócrita para controlar o corpo alheio
---	---	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Na próxima seção, os resultados serão discutidos e analisados com mais profundidade, considerando o referencial teórico quanto à memória e gênero, apresentados anteriormente neste trabalho.

5 DISCUSSÃO

A História e a Memória percorrem caminhos perpendiculares que tendem a se encontrar no ponto onde estão as pessoas que as escrevem, os que decidem quais são as memórias que perdurarão. Sabe-se que os vencedores são as personagens principais das narrativas que são registradas pela História Oficial, logo, são essas as memórias que se perpetuam.

As minorias têm suas próprias narrativas, que por vezes se perdem com o tempo ou tornam-se histórias e mitos. Entretanto, essa realidade vem mudando com os avanços nos estudos em memória oral, que na atualidade podem registrar áudios com as narrativas daqueles que são empurrados para às margens da sociedade.

Pensando em grupos que têm suas narrativas excluídas da História Oficial, a pesquisa foi desenvolvida entorno do que foi publicado nos jornais FL e JL sobre as seis peças da temática trans entre 2004 e 2017; as memórias de pessoas travestis, transexuais e transgêneras, foram coletadas por meio de entrevistas e analisadas por meio da técnica do DSC.

As seis peças têm em comum a busca pela quebra de preconceitos por meio da empatia, desde a primeira peça com tal temática: “Eu quero viver de dia”, o título do espetáculo propunha isso, afastar a imagem das travestis como pessoas que vivem da prostituição, invisibilizadas na noite.

Os outros espetáculos seguem o fio condutor da empatia, ao encenar narrativas que contam e recontam a vida de pessoas trans que saem de seus países portando inglês rudimentar e a esperança de uma vida melhor, como apresentado em “Kassandra”. O espetáculo é mencionado pelos jornais como ousado, por se passar em uma casa noturna.

“Poeta que pariu”, foi encenado em uma praça da cidade, poderia ter sido em qualquer cidade, com as mesmas personagens que são invisibilizadas todos os dias, às margens da sociedade. Da mesma forma que seus personagens são pouco notados no cotidiano, a peça não foi comentada nos jornais, salvo um anúncio com as peças que compunham a Mostra Londrina (ANEXO J).

O 48º FILO, que ocorreu em 2016, foi o ano em que se encenou uma Fábula trans: “Maria que virou Jonas ou a força imaginação”, a peça ganhou matéria na FL e foi encenada dias após a polêmica que se criou entorno de uma mulher trans que entra em cena como Jesus em “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”, o

espetáculo provocou um embate entre a classe artística e representantes de movimentos conservadores, como apresentado anteriormente no quadro 1. Por causa da visibilidade que este espetáculo trouxe para as travestis da cidade de Londrina, ainda neste tópico, é discutido os motivos da polêmica.

Em 2017, o FILO contou com a peça *Grazzi Ellas*, que apresentou o corpo trans nu e cru (Apêndice I), sem intenção de levar o público a uma narrativa sensual, mas de apresentar a pessoa trans e a realidade que o teatro pode entregar aos espectadores por meio do grotesco e do *butô*. Na FL, a peça aparece como um dos espetáculos que tratam de temas que precisam ser discutidos pela sociedade, como a tolerância e o respeito a diversidade (ANEXO U).

Por meio das peças, que por vezes são fragmentos da experiência de outras pessoas, como diretores, roteiristas e atores, o público tem a oportunidade de por alguns minutos deixar que seus sentidos experimentem o que é a travesti, a/o transexual, a/o transgênera (o), ser arrebatado pela catarse, emocionar-se e sair com uma opinião nova sobre essas pessoas.

O que foi apresentado pelas peças são poucos fragmentos do retrato que a arte monta, por mais clichê que seja, ao imitar a vida. Tal retrato ganha nitidez quando a ele é adicionada os tons de realidade que acompanham as vozes dos entrevistados.

Para que se forme um retrato da memória social das pessoas travestis, pessoas transexuais e pessoas transgêneras é necessário que se ouça a voz e as memórias dessas pessoas, para tal foram coletadas entrevistas com duas mulheres transexuais e um homem transexual. A eles foi apresentado e assinado o TCLE e para identificar os falantes, a eles foram dados pseudônimos.

As questões, expressões-chave e respectivos DSC, apresentadas na subseção *Discurso do Sujeito Coletivo*, são discutidas. Primeiramente as questões: Como foi crescer enquanto pessoa transgênera?; existiram dificuldades em estudar e/ou ingressar na universidade?

Entendemos que a escola é parte integrante do processo de crescimento, principalmente dos conhecimentos formais. Dito isso, Bourdieu, de acordo com Nogueira e Nogueira (2002, p.19), coloca que o indivíduo é um ator socialmente programado em seus mínimos detalhes. Esta programação se inicia na infância, é quando se aprende as principais regras de convivência social, no meio familiar e em especial na escola.

Neste processo são introduzidos os papéis de gênero, que parecem irrelevantes como, as meninas serem doces e agradáveis e os meninos serem agressivos e não chorarem. Assim, iniciam-se a sequência de produção e reprodução de violência simbólica na tentativa, por vezes bem-sucedida, em busca de coesão social.

As ideias centrais dos participantes sobre crescer e a escola são de que a escola é um processo que tenta conter as pessoas, um espaço de *bullying* que corrobora com o sentimento de não se encaixar no sistema social. Além de a escola não trabalhar as singularidades das pessoas, ela mostra que a educação nunca foi para as minorias.

O DSC, construído a partir das Ideias Centrais, anteriormente apresentado, demonstra em primeiro lugar o desrespeito a singularidade, neste espaço público que é a escola (apesar de pessoas de maior capital econômico não frequentarem a escola pública, salvo as universidades públicas), as pessoas são forçadas a atenderem um determinado padrão, se contendo, para serem aceitos em um espaço no qual a singularidade deveria ser exposta.

O Apêndice E contém as respostas dos participantes quanto a as dificuldades em se estudar. A participante Paola diz o seguinte: Eu entrei na escola na década de 80, então na década de 80 para 90, eu tenho 41 anos. A gente era patologizada, e hoje a gente não é mais patologizada, você sendo homem gay negro e olha quanta coisa você é. Você não é patologizado hoje. Na minha época eu era patologizada, existia um medo de que eu contaminasse os filhos dos outros. Eu era pauta de reuniões de pais e mestres. Para você ter uma noção, onde pais incomodados com a presença de uma criança que poderia ser diferente da norma exigida. Acabavam então, culpando a mim, minha família por não me educar de acordo, ou a mim, me chamando de doente.

Na fala da participante é demonstrado que não existe respeito pelas singularidades, e tenta-se conter essa singularidade, ora culpando a criança, ora os pais por “não sabê-la” educar apropriadamente.

Este é um retrato de uma realidade vivida na década de 80, mas que ainda pode ser encontrada nas escolas, nas mídias e qualquer outro lugar, travestido de cura, como se homossexuais, bissexuais, travestis e toda uma pluralidade formada de singularidades humanas precisasse de cura.

A próxima análise é referente aos dados obtidos das seguintes questões: poderia falar sobre a vida profissional? O preconceito faz parte do seu dia a dia?

O retrato geral da realidade que uma pessoa transexual, homossexual, bissexual e toda a gama de singularidades de gênero é a seguinte: o Estado lava as mãos, um dia aprova o uso de nome social em instituições de ensino, legaliza união civil entre pessoas do mesmo sexo, fornece kit hormonal, mas evita, junto com a escola e os outros pilares da sociedade, falar sobre gênero, como se, infelizmente da pior forma muitas vezes influenciados por álcool ou outras drogas, descubrem a sexualidade. Enquanto a família e as religiões dominantes apontam assuntos relacionados com gênero como proibidos e pecaminosos.

O retrato fica mais nítido quando ele é aproximado das ideias centrais dos participantes que dizem: *existe preconceito para com as pessoas transexuais no mercado de trabalho. Para muitas delas, a prostituição é primeira opção de trabalho. Porque o preconceito está na estrutura social e naturalizado na cultura, por isso existe o medo de sofrer violência física.*

O DSC retirado das IC dos participantes indica que o preconceito é parte da cultura, ou seja, ele é produzido e reproduzido nas instituições que compõe a sociedade. Ele está nas piadas, nas brincadeiras e nas rodas de conversas entre amigos e por ser naturalizado, por vezes o dominante nem o dominado o percebem, em outras palavras, violência simbólica. Há os que defendem que “brincadeiras” racistas, machistas, homofóbicas, transfóbicas etc. são naturais.

Outro motivo da existência do preconceito para com as pessoas transexuais, apesar de ainda estarem inseridas na dicotomia dominante e dominado, o corpo transexual é uma afronta ao sistema de reprodução da ordem social, porque desafia o sistema de gênero binário que é determinado por fatores biológicos, reconfigura o sistema simbólico, que é instrumento de integração social do dominador, para uma ferramenta que utiliza a cultura e a arte para promover a diversidade.

Para qualquer indivíduo em sociedade o medo da violência é uma constante, para os membros de grupos minoritários este medo é multiplicado, pois vem acompanhado de preconceito, pois em muitos casos, a violência física começa onde as pessoas deveriam ser acolhidas, em suas casas.

Honorato (2018), em reportagem para o jornal Estadão, aponta que segundo os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), foram notificados 179 homicídios em 2017 no Brasil, o primeiro no ranking mundial que

mais mata transgêneros. Tais dados foram divulgados às vésperas do Dia da Visibilidade Trans, 29 de janeiro. Nesta estatística estão inclusos os assassinatos de travestis, mulheres transexuais e homens transexuais. A ANTRA evidencia que os dados são subnotificados, pois não existe um levantamento oficial sobre essas mortes.

Sobre os desafios de se viver em Londrina e o medo relacionado ao preconceito e a violência Roberto (Apêndice G), desabafa: *Apesar de ser uma cidade grande, a segunda maior do estado, Londrina não acompanha o desenvolvimento social e humano das demais cidades, aqui as pessoas têm ainda a visão de interior, cheia de preconceitos, retraída e totalmente desfavorável ao que não seja padrão. O maior desafio é ter o direito ao tratamento hormonal, que segundo várias unidades básicas de saúde, só é disponível para moradores de Curitiba, um erro grave, já que o tratamento citado, pelo SUS é a nível nacional, mas a má vontade dos colaboradores é demais. Ser trans é algo interno, pessoal, não fere ninguém e é isso que as pessoas precisam aprender. O medo de estar andando de mãos dadas na rua e levar um tapa, uma lâmpada quebrada na cabeça, o medo de estar na balada e ser encurralado por homens cis gêneros dizendo “Soube que você é homem, mas cadê seu pênis?” e ser violado de maneira covarde só para inflar o ego de gente asquerosa.*

Por isso e tantas outras situações, quando perguntados sobre o que significava ser transexual, os entrevistados disseram, sintetizando em IC, que ser transexual é um processo de construção, pois é ser um corpo que transcende as normas. Sendo assim, um desafio. Entretanto, sou mulher trans, sou homem trans socialmente e sou travesti quando quero incomodar, um corpo político. Transgênero para mim é uma palavra nova e que está dentro das universidades.

Diante de tais discursos, como encontrar soluções para o preconceito e a violência que com o passar dos anos se fixam cada vez mais na sociedade? Algumas sugestões, como o aparecimento na esfera pública para discutir assuntos que extrapolam as portas da esfera privada. Afinal, 179 casos de homicídios subnotificados em um ano não são casos isolados e a estatística por dez anos não deixou de crescer.

A via para levar esses assuntos e outras demandas das minorias pode ser a ação comunicativa de Habermas, que propõe que a democracia seja fundada por meio do entendimento entre as pessoas. O mediador desta ação discursiva pode ser

qualquer indivíduo da sociedade, como pode ser o cientista da informação através do protagonismo social que promove ação geradora de experiências de troca, busca, acesso e uso da informação entre as várias singularidades de identidade de gênero e a sociedade, a fim de que envolva os sujeitos sociais em ações que apontem para a desconstrução de preconceitos.

Desde a metodologia deste trabalho, vem se falando sobre a polêmica entorno da peça 'O evangelho segundo Jesus, rainha do céu. Os quadros 1, 2 e 3 apresentaram as expressões-chave, DSC e IC do que foi veiculado sobre o espetáculo. Ainda o trabalho disponibiliza nos anexos K a S, as reportagens da FL na íntegra.

A IC retirada da análise das expressões-chave das matérias do jornal Folha de Londrina é:

A peça aborda histórias bíblicas que são recontadas em uma perspectiva contemporânea. *Para religiosos*, é um desrespeito à verdade e ao direito de liberdade religiosa usar a pessoa de Jesus de Nazaré para propagar determinada opção sexual. Nós, católicos, respeitamos e acolhemos todas as pessoas e sua orientação sexual e também temos o direito de ser respeitados (ROMAN, 2016).

A IC retirada da análise das expressões-chave das entrevistas com os participantes da pesquisa é:

A religião exclui a diversidade de gênero. Assim, houve polêmica porque o corpo trans estava em cena no palco trabalhando o sagrado e o profano, apresentando um Jesus que procura reconciliação. Apesar disso, ocorreu auto promoção da candidatura de um político e ao mesmo tempo, abriu espaço para que outras travestis trabalhassem sua arte (Dados da pesquisa)

Sagrado e profano juntos, a entrevistada Paola afirma que é sucesso na certa! Nos tempos atuais não existe boa ou má publicidade, existe apenas a publicidade, e isso a peça conquistou, e foi além, parafraseando Aline (Quadro 15), conquistou espaço para que outras mulheres trans e outros homens trans fossem vistos mais do que pessoas trans, mas como profissionais, doutoras (es), mestres em suas respectivas áreas e artistas nos mais variados ramos da arte.

A polêmica não foi gerada por causa do preconceito ou defesa de um ícone de religiões predominantes, a questão aqui, usando termos de Bourdieu, é o campo. Primeiro, trata-se de uma artista interpretando Jesus, até onde a pesquisa alcança, a atriz transexual não tem legitimidade social para falar sobre o sagrado e o profano,

visto que ela não é chefe de religião nem graduada em teologia, assim ela não tem legitimidade para transpor a barreira do campo religioso e ressignificar o sagrado e o profano, mesmo porque essa não era a intenção da peça, que era conversar sobre o assunto transexualidade e tolerância.

A polêmica continua, por causa do local inicial de apresentação que seria a capela ecumênica da UEL, com toda a repercussão, o espetáculo foi apresentado no anfiteatro maior do Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL, o que permitiu que mais pessoas assistissem ao espetáculo e conhecessem uma peça com a temática trans.

Todavia, o centro da polêmica é o corpo transexual, que é considerado profano pela sociedade, interpretando um ícone do sagrado, em outras palavras, alguém que não luta no campo religioso por seus troféus, ousa reinterpretar o sagrado enquanto habita um corpo profano (Bourdieu, 2003, p.21).

Desta forma, Jesus veio para todos, não apenas para justos, ele veio para trazer uma mensagem de amor, acreditem ou não, também para aqueles que são segregados, taxados e empurrados para as margens da sociedade. Assim, surge o questionamento: qual é o problema em uma mulher trans interpretar Jesus e narrar passagens bíblicas sob uma luz contemporânea? Uma possível resposta pode estar no que Bourdieu (2003) chama de dominação masculina, ora uma mulher trans é uma pessoa que não se identifica com o corpo masculino em que nasceu, em alguns casos muda seu sexo biológico, quebrando a ordem social ao negar os *status* dominante para assumir um gênero dominado e, somando os estigmas sociais de ser pessoa transexual, desta forma, essas são as razões que motivaram a polêmica entorno desta peça.

Sendo assim o retrato da memória social no âmbito do FILO é: Ser transexual é um processo de construção, que transcende as normas de gênero e de ordem social. Um desafio enfrentado por mulheres trans, homens trans, que politicamente se identificam como travestis para requerer mais que direitos, respeito e a oportunidade de viver de dia em locais que não sejam alvo de *bullying* e que se sintam parte dos locais onde estão, como por exemplo, a escola e a academia, que ainda não abrigam as minorias e as singularidades das pessoas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Londrina não existem arquivos históricos da comunidade transexual, o que significa que os registros deste grupo podem não estar organizados e que a memória social dessa comunidade está nos seus membros e corre risco de ser perdida se não for registrada.

Os documentos encontrados foram *clippings*, dos arquivos do FILO na Casa de Cultura da UEL, divisão de artes cênicas da primeira peça com temática trans do Festival. Para verificar o pressuposto da pesquisa, resolveu-se procurar mais documentos sobre as peças na Hemeroteca da Biblioteca Pública de Londrina, que se tornou a fonte primária de informações documentais da pesquisa, que incluem catálogos do FILO, que apresentam sinopses das peças, *clippings* de notícias e divulgação dos espetáculos.

O DSC dos participantes vai ao encontro das propostas das peças que é apresentar as pessoas travestis, transexuais e transgêneras como vítimas de preconceitos, violência simbólica e física. Além de mostrar que como qualquer outra pessoa, é dotada de história e memória, as quais nos jornais apareceram como promoção dos espetáculos e gerou-se polêmica ao se encenar Jesus no corpo transexual. O que criou repercussão para se falar sobre a travestilidade. Assim, confirma-se o pressuposto de que documentos do Festival retratam a realidade de pessoas transexuais.

O trabalho conseguiu, resgatar parte da memória deste grupo ao reunir documentos sobre as peças com temática transexuais e com as transcrições e análises das entrevistas com alguns membros da comunidade transexual de Londrina.

Constatou-se que o ambiente escolar é onde se recebe a educação formal, um dos locais onde se reproduz a dominação segundo a teoria de Bourdieu. Porém, acredita-se que neste espaço a diversidade pode ser abarcada.

A escola pode e deveria ser este ambiente onde se aprende que os indivíduos são iguais por serem humanos, porém são irrepitíveis e por isso cada um tem suas características singulares, como bem explica Arendt.

Todavia, existem regras na escola que tentam homogeneizar os alunos, regras que fazem parte do ambiente escolar há tanto tempo que são aceitas com naturalidade. Porém, a partir do momento que os atores daquele espaço forem

capazes de identificar as formas de dominação ali presentes e, discutirem sobre elas, ou seja, falar sobre elas na esfera pública, a escola será vista como um local de esperança e cumprirá com mais eficácia seu papel emancipador.

A teoria da Dominação de Bourdieu explica como ela ocorre nas interações humanas, principalmente em espaços públicos como as escolas. Ora, ele explica que a dominação ocorre de forma natural que por vezes dominante e dominado não percebem que a ela estão sendo submetidos. Ao passo que a ideia de pluralidade de Arendt trata da liberdade, que os indivíduos alcançam a ao virem a público e exporem suas ideias. O FILO nasceu em 1968, mesmo ano de uma das grandes máculas da sociedade brasileira, ele desde então trata de assuntos polêmicos, preconceitos, denúncias e tantas outras chagas sociais. Por isso, ao ligar o festival e os autores, se trabalhando a esfera pública.

Bourdieu aponta que a arte, no espaço público, é responsável pela dominação e exercício do poder e violência simbólicos. Porém, a arte tem capacidade de emancipar as pessoas ao apresentar a pluralidade da vida humana, ou seja, a liberdade.

Arendt anuncia que o domínio público é o local que as pessoas encontram a liberdade, apresentando ao mundo sua singularidade para que ele possa se tornar cada vez mais plural. Por isso, as peças sobre os grupos de travestis, transexuais e transgêneros colaboram para que essas pessoas saiam das margens da sociedade e venham a público apresentar suas ideias, dores, sonhos e por meio da arte possam denunciar as violências que sofrem.

Por meio das peças do FILO, as narrativas desses grupos e sua memória social que os espetáculos apresentam, pode-se continuar no domínio público a discutir sobre sua existência e preconceitos que sofrem. Demonstrando que as pessoas trans tem direitos e necessidade como todo e qualquer membro desta sociedade, pois fazem parte desta “constelação” de seres únicos que se chama humanidade.

Enfim, quem domina a memória e a história é legitimado, na busca por tal legitimação, as minorias participam do “jogo” da coesão social. Para que essas comunidades possam expor sua existência na História Oficial, é necessário mais que trabalhos etnográficos. É preciso que os profissionais da informação assumam seu papel como protagonistas sociais, que os sujeitos que formam a sociedade assumam este papel.

Há muito o que ser feito quanto as questões e demandas dos grupos de minoria. Existe a necessidade da fomentação de mais discussões quanto a gênero, respeito a singularidade, respeito a diversidade de expressões e identidades de gênero.

A Ciência da Informação não pode se eximir do seu papel social nem destas discussões, que como ela são interdisciplinares. Ela pode colaborar com a organização, acesso e mediação à informação sobre as pessoas que fazem parte desta e outras comunidade periféricas.

Todavia, é necessário ser realista, não se descontrói um sistema que é dividido entre dominantes e dominados em algumas ações. É preciso mais discussões em conjunto, democraticamente para resolver assuntos da esfera pública. Todavia, o registro da memória e história dos grupos às margens da sociedade pode ser o início de um empoderamento para conquistar respeito a sua singularidade e diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**, São Paulo: Polis. 2005.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 13.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2016.
- ARENDT, Hannah. Sobre Hannah Arendt. Tradução de Adriano Correia. **Inquietude**. Goiânia/GO, vol 1, n. 2, ago/dez, 2010, p. 123 a 163.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8.ed. São Paulo: Perspectiva. 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Avenir de classe et causalité du probable. **Revue Française de Sociologie**. Paris. v. 15, n. 1, p. 3-42. 1974.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes. 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Les héritiers**. Paris: Les Éditions de Minuit. 1964.
- BOURDIEU, Pierre. Les stratégies de reproduction dans le système de reproduction. **Annales ESC**, v.27, n. 4-5. p. 1105-1125. 1972.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. ORTIZ, Renato (Org.). **Bourdieu: sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39. p. 122-155. São Paulo: Ática. 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. SAINT MARTIN, M.de. Le patronat. **ARSS**, p. 3-83, 1978.
- BRIGUET, Paulo. Em nota, arcebispos criticam peça do FILO. **Folha de Londrina**, 2016. Disponível em: < <https://www.folhadelondrina.com.br/blogs/paulo-briguet/em-nota-arcebispos-criticam-peca-do-filo-956341.html> >. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BUZINGNANI, Ana Carolina S.; GARCIA, Bianco Z. Amicus Curiae e a Ética do Discurso de Jürgen Habermas. **Argumenta**: Revista do Programa de Mestrado em Ciência Jurídica, da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. n. 13 (julho/dezembro) – Jacarezinho. 2010. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/175>>. Acesso em 10 jan. 2018.

CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. **A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. 2009. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/cervantes_bmn_do_mar.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução n 175 de 14 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2504>>. Acesso em: 07 set. 2017.

CORREIA, Adriano. Pensar o que estamos fazendo. In: ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2016.

COSTA, Viviani. Espetáculo do Filo tem estreia inusitada. Folha de Londrina, 2016. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/espetaculo-do-filo-tem-estrela-inusitada-956256.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

DENSCOMBE, Martyn. The good research guide, for small-scale social research projects. 2.ed. Maidenhead: Open University Press. 2003.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; COSTA, Daysene de Araujo. Empoderamento e protagonismo social no setor de referência de bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 22, n.50, p. 1-14, set./dez. 2017.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memoria Social**. Madrid: Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S.A.). 2003.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed. 2009.

FOLHA DE LONDRINA. Atrações do FILO 2015. **Folha de Londrina**. 2015. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/atracoes-do-filo-2015-922629.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

FOLHA DE LONDRINA. Outras estreias. **Folha de Londrina**, 2015. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/outras-estreias-925640.html>> Acesso em 25 jun. 2017.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O AI-5**. 2017. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>> Acesso em: 06 dec. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed – São Paulo: Atlas. 2002.

GOMES, Henriette Ferreira. Ação e comunicação: contribuições de Hannah Arendt e Jürgen Habermas para a compreensão do locus da dialogia, da ética e do protagonismo no fazer informacional. In: XI Colóquio Habermas & II Colóquio de Filosofia da Informação. Rio de Janeiro: Salute. v. 1. p. 69-85. 2016.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação** (UEL. Online), Londrina v. 19, p. 46-59, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Centauro. 2004.

HEY, Ana Paula. Dominação. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

HONORATO, Ludimila. Número de assassinatos de pessoas trans no Brasil é o maior em dez anos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 21 jan. 2018. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-assassinatos-de-pessoas-trans-no-brasil-e-o-maior-em-dez-anos,70002167595>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IZQUIERDO, I.; MYSKIW, J.; BENETTI, F.; FURINI, C. R. Memória: tipos e mecanismos – achados recentes. **Revista USP**, n. 98, p. 9-16, 28 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69221>> Acesso em: 10 jun. 2017.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes [et al.]. **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2000. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/2k2mb>> Acesso em: 6 jul. 2017.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Edição Bilingue. Português/Alemão. Tradução com introdução e notas por Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Editora Barcarolla. 2010.

KILLERMANN, Sam. A guide to gender: the social justice advocate's handbook. 2.ed. Austin: Impetus Books, 2017.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade como as normas de gênero**. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente. 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP Editora. 2013.

LEBARON, Frédéric. Capital. In: **Vocabulário Bourdieu**. Afrânio Mendes Catani [et al.]. (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

LEMES, Francismar. Um grito de liberdade. *Jornal de Londrina*. Londrina. 18 ago. 2004.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Ed. Rev.e ampl. – Caxias do Sul, RS: EDUCS. 2006.

LENOIR, Remi. Estado. In: **Vocabulário Bourdieu**. Afrânio Mendes Catani [et al.]. (Orgs.). Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão da literatura e do jornalismo. Campinas: Unicamp. 1995.

LUPORINI, Fábio. Mistérios de Kassandra. **Jornal de Londrina**. Londrina. 24 ago. 2015.

MAUGER, Gérard. Violência simbólica. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.]. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org.). **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus. 2007.

MOLINA, Letícia Gorri. Estudos da memória: em foco uma discussão teórica da importância de suas diferentes abordagens. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 15, n.29, p. 07-38. jul. dez. 2014.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, Belo Horizonte. n 78, Abril. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

OLICK, Jeffrey K.; ROBBINS, Joyce. Social memory studies: from collective memory to the historical sociology of mnemonic practices. **Annu. Rev. Sociol.**, New York. 1998. v. 24. p. 105-140.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. In: Arquivos da memória: Antropologia, Escala e Memória. n. 2 Lisboa: Nova Série. 2007. Disponível em: <[http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta\[1\].pdf](http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf)> Acesso em: 20 jul. 2017.

PERREIRA, Felipe Caldonazzo de Almeida; SERAFIM, Jucenir da Silva; MOLINA; Letícia Gorri. Memória para a ciência da informação: Um trabalho interdisciplinar. In: Anais, **XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas – SEPECH**. Londrina, p. 1256–1267. 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt13_163.pdf> Acesso em: 28 nov. 2016.

PICAZIO, Claudio. **Diferentes desejos**: adolescentes homo, bi e heterossexuais. São Paulo: Summus. 1998.

ROBERTS, John. **Oxford dictionary of the classical world**. New York: Oxford University Press. 2007.

ROMAN, Marcos. Fábula Trans é encenado no Filo. **Folha de Londrina**. Londrina. 2016. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/fabula-trans-e-encenada-no-filo-956467.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

ROMAN, Marcos. Filo prepara sua grande cena. **Folha de Londrina**. Londrina. 2016. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/filo-prepara-sua-grande-cena-955687.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

ROMAN, Marcos. O evangelho segundo Jesus...’ tem estreia nacional do Filo. **Folha de Londrina**. Londrina. 2016. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/o-evangelho-segundo-jesus-tem-estremia-nacional-no-filo-956162.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

ROMAN, Marcos. Teatro aborda temas urgentes. **Folha de Londrina**. Londrina. 2017. Disponível em: < <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/teatro-aborda-temas-urgentes-984970.html> >. Acesso em: 10 nov. 2017

ROMAN, Marcos. Trans na vida. **Folha de Londrina**. Londrina. 2016. Disponível em :< <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/trans-na-vida-956246.html> >Acesso em 25 jun. 2017.

ROMAN, Marcos. Trans no palco. **Folha de Londrina**. Londrina. 2016. Disponível em: < <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/trans-no-palco-956245.html> >Acesso em: 25 jun. 2017.

SINGLY, François de. Família. In: **Vocabulário Bourdieu**. Afrânio Mendes Catani [et al.]. (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

SIRTOLI, Lucia Dal Ponte. Uma proclamação de amor. **Folha de Londrina**. 2016. Disponível em <<https://www.folhadelondrina.com.br/colunistas/espaco-aberto/espaco-aberto-956952.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

TRIGUEIROS, Marian. Quando o profano vira sagrado. **Folha de Londrina**. Londrina. 2016. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/quando-o-profano-vira-sagrado-956291.html>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **30 anos de Festival / FILO**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 1997.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas, SP: Unicamp. 2013.

APÊNDICES

Apêndice A

Termo de consentimento livre esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“TRAVESTIS NO UNIVERSO DA ARTE: Um retrato da memória social no âmbito do FILO”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa **“Travestis no Universo da Arte: Um retrato da memória social”**, a ser realizada em **“Londrina”, no Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), Departamento de Ciência da Informação, sala 647**, localizada no **Campus Universitário Londrina; Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445) KM380. Caixa Postal 6001. Londrina – PR Cep 86051-990, telefone 43 33715914**, em dia a ser agendado com os participantes no período vespertino. O objetivo geral a pesquisa é de resgatar a memória social de transexuais a partir de registros do Festival Internacional de Londrina. Os objetivos específicos são analisar o discurso veiculado no jornal Folha de Londrina por meio da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC); Verificar se tal discurso corresponde a memória contida nos arquivos artísticos por meio da leitura de sinopses de peças teatrais e repercussão delas em jornal local; Confrontar os registros da realidade com os em estudo encontrados nos arquivos artísticos do FILO. (Em um primeiro momento, através de uma entrevista, que será gravadas e após a sua participação transcreveremos as discussões levantadas, sem identificar os autores, e análise dos dados).

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado (a) por sua participação, que é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. **(Os registros serão transcritos para uso desta pesquisa e depois serão descartados)**. Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado (a) por sua participação.

Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação. O risco é mínimo, contudo caso o(s) participante(s) da pesquisa sentir desconforto com o Roteiro da entrevista ou com a entrevista (timidez) o mesmo será encaminhado para o pronto atendimento mais próximo, pensando em minimizar os riscos enviaremos as questões do Roteiro da entrevista com 3 dias de antecedência (via e-mail).

Os benefícios esperados são identificar a denúncia de preconceitos, que a comunidade LGBT, em especial pessoas trans sofrem, por meio da arte. Identificar a ruptura ou reforço de preconceitos a tal comunidade por meio da veiculação de notícias em jornal local. Registrar a memória oral dos participantes das entrevistas, quanto as peças do FILO e a comunidade LGBT londrinense. Os resultados obtidos trarão uma visão do discurso sobre a comunidade trans de Londrina, ainda reunirá a memória social de pessoas transgêneras e da comunidade artística de Londrina.

Quanto aos riscos, **há riscos de gradação mínima identificados**, mas o pesquisador se compromete a atender e amparar os pesquisado, caso ocorra alguma situação de desconforto ou constrangimento.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (**Jucenir da Silva Serafim – pesquisador responsável, Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA). Campus Universitário Londrina; Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445) KM380. Caixa Postal 6001. Londrina – PR Cep 86051-990, 43 33715914 e 43 998125459, jucenir.serafim@fulbrightmail.org**), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à você.

Londrina, ___ de _____ de 2018.

Pesquisador Responsável Jucenir da Silva Serafim

RG: X.XXX.XXX.X

_____(NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

Obs.: Caso o participante da pesquisa seja menor de idade, o texto deve estar voltado para os pais e deve ser incluído ainda, campo para assinatura do menor e do responsável.

Apêndice B

Roteiro de entrevista

Vida

1. Como foi crescer como pessoa transgênera?
2. Existiram dificuldades para estudar e/ou ingressar na universidade?
3. Quanto a vida profissional, o preconceito é parte do seu dia a dia?
4. Quais foram ou são os desafios de ser transgênero em Londrina.
5. E quanto a vida em geral e profissional

LGBT

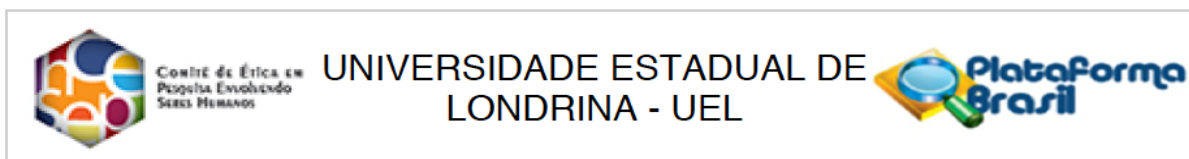
1. O que é ser transexual?

Peça

1. A peça, “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu” teve grande repercussão na mídia. Quais são suas memórias quanto a ela?
2. Como relaciona tais memórias com a cidade de Londrina e/ou ao londrinense?
3. Qual é sua opinião quanto a religião?
4. Enquanto LGBT, você sentiu-se acolhido por alguma religião?
5. As vidas LGBTs são expostas diariamente a vários tipos de violência, poderia comentar sobre este fato?

Apêndice C

Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LGBT NO UNIVERSO DA ARTE: um retrato da memória social no âmbito do FILO

Pesquisador: JUCENIR DA SILVA SERAFIM

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81827417.2.0000.5231

Instituição Proponente: CECA - Programa de Mestrado em Ciência da Informação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.481.194

Apresentação do Projeto:

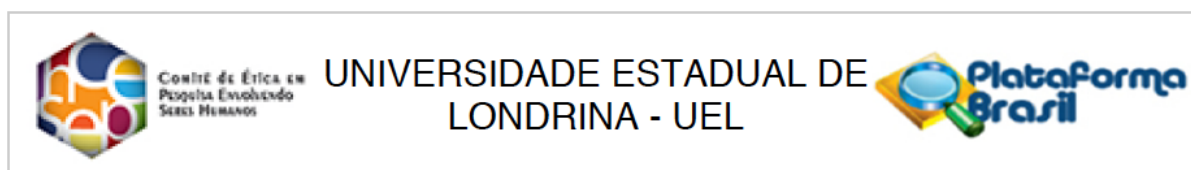
LGBT NO UNIVERSO DA ARTE: um retrato da memória social

A memória vista a partir da dimensão acadêmica, social e cultural é capaz de incorporar várias disciplinas. Por esse motivo, pensa-se que a arte é capaz de contar histórias e memórias através dela. O estudo tem a intenção de resgatar a memória social de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais a partir de registros imagéticos do Festival Internacional de Londrina. A memória organizada e mediada é uma ferramenta que pode ser utilizada para recontar por meio de narrativas artísticas, novas realidades, que são capazes de transportar as pessoas para experiências de vida de outros indivíduos e grupos sociais. Para tal, se fará necessário o estudo e compreensão das memórias coletiva e social por meio dos trabalhos de Halbwachs, Fentress; Wickham. Para melhor compreender a memória social dos grupos acima citados, na região de Londrina, será aplicado a técnica do discurso do sujeito coletivo quanto a eles, sendo exploradas as ideias e conceitos de pluralidade, respeito a distinção e singularidade em Hannah Arendt. A pesquisa terá abordagem qualitativa e exploratória, pois serão recolhidas manifestações artísticas em suportes imagéticos dos

arquivos do Festival Internacional de Londrina. Com o auxílio de questionário e a técnica do discurso do sujeito coletivo, serão analisados artigos de

jornais dentro dessa temática com a intenção de conhecer o discurso coletivo quanto aos grupos. A pesquisa é balizada pelo seguinte questionamento: que revelações a memória social pode

Endereço: LABESC - Sala 14	CEP: 86.057-970
Bairro: Campus Universitário	
UF: PR Município: LONDRINA	
Telefone: (43)3371-5455	E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 2.481.194

oferecer sobre os arquivos históricos e registros da comunidade LGBT de Londrina?

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral a pesquisa é de resgatar a memória social de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais a partir de registros imagéticos do Festival Internacional de Londrina.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A população escolhida para o grupo focal será composta de pessoas do grupo LGBT. Neste sentido serão convidados (as) duas lésbicas, dois gays, dois bissexuais e duas transexuais, que tenham afinidades com o mundo da arte e das artes cênicas.

Riscos: O risco é mínimo, contudo caso o(s) participante(s) da pesquisa sentir desconforto com o Roteiro do Grupo de Foco ou com a entrevista (timidez) o

mesmo será encaminhado para o pronto atendimento mais próximo, pensando em minimizar os riscos enviaremos as questões do Roteiro do Grupo de Foco com 3 dias de antecedência (via e-mail).

Benefícios: Os benefícios esperados são identificar a denúncia de preconceitos, que a comunidade LGBT sofre, por meio da arte. Identificar a ruptura ou reforço de preconceitos a tal comunidade por meio da veiculação de notícias em jornal local. Registrar a memória oral dos participantes do grupo de foco, quanto as peças do FILO e a comunidade LGBT londrinense. Os resultados obtidos trarão uma visão do discurso sobre a comunidade LGBT de Londrina, ainda reunirá a memória social de lésbicas, gays, bissexuais e travestis e da comunidade artística de Londrina.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

12 pessoas serão entrevistadas e nenhum conflito ético ou irregularidade foi detectado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As questões a serem feitas aos participantes estão presentes nas informações do projeto.

O cronograma de execução está ok.

Orçamento ok.

TCLE - OK.

Folha de rosto assinada pela Coordenadora do programa de pós-graduação em ciência da Informação.

Endereço: LABESC - Sala 14

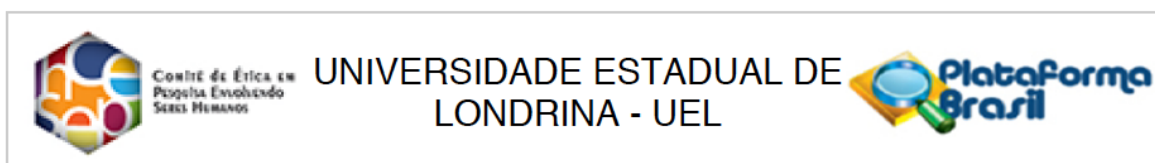
Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR **Município:** LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 2.481.194

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador (a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade imprimi-lo para apresentação aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Coordenação CEP/UEL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1008137.pdf	28/12/2017 12:23:42		Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	28/12/2017 12:22:32	JUCENIR DA SILVA SERAFIM	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	28/12/2017 12:21:05	JUCENIR DA SILVA SERAFIM	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	06/11/2017 18:30:25	JUCENIR DA SILVA SERAFIM	Aceito
Folha de Rosto	fr.pdf	06/11/2017 17:41:04	JUCENIR DA SILVA SERAFIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/11/2017 17:32:56	JUCENIR DA SILVA SERAFIM	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR **Município:** LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Centro de Ética em
Pesquisa Envolvendo
Seres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 2.481.194

LONDRINA, 01 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
(Coordenador)

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR

Telefone: (43)3371-5455

Município: LONDRINA

CEP: 86.057-970

E-mail: cep268@uel.br

Apêndice D – Modelo de quadros a serem aplicadas no discurso do sujeito coletivo

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC

Fonte: (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003)

Apêndice E – Instrumento de análise de discurso 1 (IAD1). Como foi crescer enquanto pessoa transgênera?

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>1 - Paola - Eu tenho um histórico de me identificar como pessoa trans então sou uma mulher trans, sendo mulher trans eu me identifico com gênero feminino desde a minha existência. Eu me entendo enquanto mulher tanto na parte da infância quanto na fase da minha adolescência. <u>Eu também entendia dentro de mim que isso não fazia parte de mim esse sistema ser homem esses papéis de gêneros masculinos não me completavam.</u></p>	<p>(1ª ideia) Não me encaixou no sistema social.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	
<p>2 – Aline - <u>No meu caso foi mais uma questão de eu estar questionando se aqueles padrões de gênero aquela coisa que é cobrada aquela imagem.</u> Então ficava naquela o que é isso eu estava experimentando o que é essa normatividade <u>o que é hetero normatividade? O que é era ser homem? E o que era ser mulher?</u> Eu tava naquela ainda então eu não sabia muito bem, mas eram os meus desejos e o que eu queria ser, então eu ficava naquela de pelo fato de eu não saber e eu exclui assim então eu não me socializava tanto eu não fiz amizades.</p>	<p>(1ª ideia) Não me encaixou no sistema social.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	
<p>3 – Roberto - Bom, <u>desde a infância eu me questionava sobre o mundo feminino não fazer parte do meu dia a dia por mais que minha mãe me colocasse vestidos, comprasse bonecas, as brincadeiras que mais me interessavam eram as ditas masculinas: bolinha de gude, futebol de campo e mesa, vídeo game.</u> Eu não sabia do que se tratava todas</p>	<p>(1ª ideia) Não me encaixou no sistema social.</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p>(2ª ideia) Questionar se era certo seus sentimentos.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	

<p>estas sensações mas era o que me deixava feliz, estar no meio masculino, ser respeitado como os outros meninos. <u>Cresci me questionando se o que eu sentia era certo, se o que eu queria ia a favor do que a sociedade pregava, então, foi muito difícil.</u></p>		
--	--	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Apêndice F – Instrumento de análise de discurso 2 (IAD2). Existiram dificuldades para estudar e/ou ingressar na universidade?

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>1 – Paola - Eu acho que a escola é um direito básico a educação é um ensino básico é um direito básico acho que deveria ser algo direcionado para todos, mas <u>eu acho que a estrutura escolar e acadêmica ainda não consegue trabalhar essa amplitude e singularidades da assistência humana.</u> Elas tratam as questões diariamente dentro da sala de aula dentro dos corpos das pessoas que estão ali. Você homem, gay e negro que estava lá sentiu toda essa pressão. <u>Porque a escola é um espaço que nos limita ela tenta conter algo. Eu entendo que é um processo que tenta conter uma força gigante que é o ser humano.</u> Qual é a função da escola? Parece ser preparar o ser humano para o futuro, mas que ele seja adequadamente um ser entre aspas, de preferência branco, que seja a rico e de preferência que venha de linhagem sangue azul. Porque nós vivemos em uma sociedade elitista, onde existe uma discussão sobre escola pública e o ensino privado. Existe toda essa questão de pessoas segregadas e infelizmente a escola pública sofre essa questão a segregação por essa sociedade que é elitista que você não vê filho de rico em escola pública. Assim como a gente tem visto agora</p>	<p>(1ª ideia) A escola não trabalha as singularidades das pessoas. A</p> <p>(2ª ideia) A escola limita, tenta conter as pessoas. A</p> <p>(3ª ideia) A educação nunca foi para as minorias. B</p> <p>(4ª ideia) Um espaço de <i>bullying</i>. C</p>	<p>A escola tenta normalizar as pessoas. A</p>

<p>pobres adentrando nas universidades a 10, 12 anos atrás isso Começou a acontecer, <u>a educação nunca foi para nós nunca foi para as minorias nunca foi de quem se encontra As Margens da sociedade exatamente já estáà margem foi porque a sociedade a colocou.</u></p> <p>Eu entrei na escola na década de 80 então na década de 80 para 90, eu tenho 41 anos. A gente era patologizada, e hoje a gente não é mais patologizada, você sendo homem gay negro e olha quanta coisa você é. Você não é patologizado hoje. <u>Na minha época eu era patologizada, existia um medo de que eu contaminasse os filhos dos outros. Eu era pauta de reuniões de pais e Mestres.</u></p> <p>Para você ter uma noção, onde pais incomodados com a presença de uma criança que poderia ser diferente da norma exigida. Acabavam então, culpando a mim, minha família por não me educar de acordo, ou a mim me chamando de doente de anti-social esquizofrênica. Então tinha muita patologização, eu me sentia muito doente com essa pressão, porque a opressão me fazia me sentir assim me fazia sentir que não devia estar na escola que devia estar no hospital internada.</p>		
--	--	--

<p>2 – Aline - <u>A escola acaba sendo um processo de controle, controlar as pessoas para moldarem dentro de uma norma.</u></p> <p>Agora eu tenho muitas coisas para desenvolver, mas eu quero muito entrar no curso de Ciências Sociais, por exemplo que é uma área que eu gosto bastante que eu tô aprendendo mais. Na escola, eu lembro que na escola sempre foi aquele campo.... <u>Que teve o tempo de eu vivera minha vida de uma maneira dentro da Norma mas desconfortável,</u> então não. Não vivia muito a escola, <u>a escola para mim foi um ambiente de bullying,</u> mas não era aquele ambiente que eu trabalhava, eu convivia com bullying e era isso. Aí no ensino médio, eu fui descobrir como a adolescência era fútil e como escola era fútil e ao mesmo tempo um espaço opressor</p>	<p>(1ª ideia) A escola limita, tenta conter as pessoas.</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p>(2ª ideia) Um espaço de <i>bullying</i></p> <p style="text-align: center;">C</p>	
<p>3 – Roberto - Eu ingressei na UEL ainda com o nome de registro, tratamento em pronomes femininos, porém, <u>a adaptação e compreensão de todos os colegas de classe, amigos, professores e departamento num geral me fez ter ainda mais força de levantar a questão e lutar por um direito meu.</u></p>	<p>(1ª ideia) Aceitação da transexualidade na academia e estímulo para lutar por seus direitos.</p> <p style="text-align: center;">D</p>	

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Apêndice G – Instrumento de análise de discurso 3 (IAD3). Poderia falar sobre a vida profissional?

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>1 – Paola - eu fiquei 3 anos internada na clínica e com 19 e eu saí. Eu saí para continuar minha transição eu cheguei em casa <u>peguei minhas coisas e já foi para o meu cantinho e dali e eu comecei a minha vida como prostituta.</u> Eu sempre questionava muito o porquê eu que deveria estar ali porque eu tinha que fazer aquilo e isso me incomodava bastante sei que eu contava O porquê disso o porquê de viver tantas coisas ruins.</p> <p><u>Foi o teatro, mas na primeira formação eu me destaquei quanto atriz e logo depois eu fui chamada pela companhia de teatro de garagem de Londrina e o qual eu fiz a minha primeira personagem dentro de Londrinaque foi a Baronesa dos Santos (em Poeta que pariu) e a partir disso eu fui vista por profissionais das Artes e fui convidada então para fazer Grazi Ellas que aí sim tudo se encaixou porque aí eu conheci o que era o grotesco eu conheci o que era o butô, a antropofagia do teatro.</u> E aí eu comecei a então a minha identificar enquanto atriz enquanto pessoa performer enquanto pessoa com material muito bom muito potente porque toda essa vivência grotesca e traumática acabou se tornando então</p>	<p>(1ª ideia) Primeira opção de trabalho foi a prostituição.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	<p>A profissão de atriz trouxe novas perspectivas para a vida.</p> <p style="text-align: center;">C</p>

<p>todo esse arquivo que antes eu tinha medo de acessar se tornou material de trabalho e a partir disso surge Graciela com a técnica da lembrança da vivência da lembrança do qual a técnica é trazida pelo nosso orientador:</p> <p>Professor das artes cênicas Agnaldo Moreira e Souza Até que enfim é dele mas que eu considero a técnica perfeita para se trabalhar com o corpo travesti Nas artes com a lembrança e com esse grotesco e no final das contas é verdadeiro e honesto e é original ou seja conceitual</p>		
<p>1 - Paola - a mensagem que eu trago enquanto profissional de arte não é essa, você não tem que me aceitar, você não tem que me aturar, eu não tenho que te aceitar!</p> <p><u>Eu também não tenho que aceitar, né? Você tem que me respeitar e eu também tenho que te respeitar.</u> A gente pode se machucar a gente machuca, mas cada um que se vire com os seus problemas e seu preconceito. <u>Porque se não quer sentir o que é uma transexual, mas você vai ter que sentir porque você veio me ver, você veio assistir o meu trabalho e o meu trabalho não é para pedir desculpa para ninguém.</u> Eu vou lá, conto histórias fico nua, não faço strip-tease, tomo meu banho passo todo o meu recado. As pessoas</p>	<p>(1ª ideia) Proposta de respeito mútuo.</p> <p>B</p> <p>(2ª ideia) Trabalha as questões das travestis de uma forma conceitual.</p> <p>C</p>	<p>O trabalho de atriz apresenta o que é a travesti.</p> <p>C</p>

<p>sabem qual é o meu ritual e depois vão embora muito transformadas por que? Porque eu trabalho, mas de uma forma que eu não deixo nada para ser resolvido, sabe? <i>Eu trago uma questão para o palco eu trabalho essa questão com o público no palco eu resolvo a questão no palco e eu saio do palco, então público vem acontece uma catarse, aí o publico fica atordoado chora, chora, ri, ri, ri, aplaude e vai embora com aquela sensação de foi... foi incrível porque foi conceitual.</i></p>		
<p>2 – Aline - O desenvolvimento de projetos, o maior feedback que eu recebia foi o projeto de teatro a Cia translucidadas e a peça 'transtornada eu', que me tirou do meu limbo, que apesar dos pouquinhos anos de vida, eu pude me expressar, eu não estava contando, eu estava mostrando o que estava acontecendo</p> <p><u>Venho trabalhando com a militância e com o teatro. A militância é algo mais sério, mas com o teatro, posso militar e me divertir ao mesmo tempo.</u></p> <p><u>Por meio do teatro posso questionar a sexualidade e a erotização na nossa sociedade.</u></p>	<p>(1ª ideia) Trabalho com teatro e militância.</p> <p>C</p> <p>(2ª ideia) O teatro para questionar as questões das travestis e a sociedade.</p> <p>C</p>	

<p>3 – Roberto - <u>O primeiro emprego que eu consegui ao me assumir trans foi com um diretor incrível, que logo de início por meio de uma colega de turma, buscou me respeitar de todas as formas, pediu o mesmo para os demais funcionários.</u> Quando explico e tiro a curiosidade da maioria, nada atrapalha, muito pelo contrário, o respeito em primeiro lugar. <u>Porém, até encontrar este emprego sofri sim, muitas empresas não aceitam, tem uma ideologia fechada, só o fato de enviar um currículo com nome social já causa constrangimento e isso se agrava na entrevista presencial pois quando falam comigo escutam uma voz ainda feminina e logo idealizam uma moça delicada e montada, o que claramente não sou.</u></p>	<p>(1ª ideia) Foi respeitado no primeiro emprego após assumir a transexualidade.</p> <p style="text-align: center;">D</p> <p>(2ª ideia) Existe preconceito para as pessoas transexuais no mercado de trabalho.</p> <p style="text-align: center;">E</p>	
--	---	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Apêndice H – Instrumento de análise de discurso 4 (IAD4). O preconceito faz parte de seu dia a dia?

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>1 – Paola - <u>Eu acho que preconceito é algo que está arraigado na cultura e na educação brasileira desde racismo, machismo elitismo e toda essa questão que é histórica que a gente traz na nossa história tudo isso é muito naturalizado então as pessoas têm preconceito sem nem saber que aquilo é um ato preconceituoso.</u> As pessoas são racistas sem nem saber que aquilo que elas tão falando é racismo, que aquela brincadeira que ela está fazendo é racista ou transfóbica ou misógina ou sexista. Então a gente vive de uma cultura que é totalmente sem cultura, ou seja é uma educação limitada.</p> <p><u>Então eu acho que o preconceito está na estrutura.</u> enquanto população nós somos pessoas inclusive em pessoas que não tiveram todos os direitos garantidos e que hoje muitos de nós somos alienados. Então quando eu vejo uma pessoa preconceituosa e não tenho mais nojo e muito menos não tenho mais ódio. Eu tenho pena. Eu tento sabe me colocar no lugar dela e acabo eu tendo empatia por ela de saber que este ser humano é incapaz de respeitar simplesmente</p>	<p>(1ª ideia) O preconceito é naturalizado na cultura brasileira.</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p>(2ª ideia) O preconceito está na estrutura social.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	<p>Não é ensinado respeito à diversidade.</p> <p style="text-align: center;">B</p>

<p>isso não lhe foi ensinado a respeitar a não lhe foi ensinado a respeitar a singularidade não lhe foi ensinado ensinar a diversidade, <u>não lhe foi ensinado a respeitar a singularidade e todas as diferenças humanas porque ele foi ensinado apenas a uma verdade, coitado</u></p>		
<p>2 – Aline - <u>Passamos por não em todos os lugares, a rua o ônibus, todos os lugares me dizendo não, porém eu sempre senti a necessidade de ocupar esses lugares.</u> E qual era o último lugar que poderia ocupar? A arte no lugar que eu menos esperava receber um sim, eu recebi, que foi na arte.</p> <p><i>As pessoas tem medo, uma dificuldade de entender o que é a travesti. Vá assistir uma peça sobre travestis, você não vai sair de lá sabendo tudo, mas vai sentir um pouquinho de empatia.</i></p> <p>Tenho o privilégio de ter minha família como apoio, ser branca, mas além disso, eu sofro preconceitos e vivo estigmas.</p>	<p>(1ª ideia) O preconceito está na estrutura social.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	<p>Não é ensinado respeito à diversidade.</p> <p style="text-align: center;">B</p>

<p>3 – Roberto - Apesar de ser uma cidade grande, a segunda maior do estado, Londrina não acompanha o desenvolvimento social e humano das demais cidades, aqui as pessoas têm ainda a visão de interior, cheia de preconceitos, retraída e totalmente desfavorável ao que não seja padrão. O maior desafio é ter o direito ao tratamento hormonal, que segundo várias unidades básicas de saúde, só é disponível para moradores de Curitiba, um erro grave, já que o tratamento citado, pelo SUS é a nível nacional, mas a má vontade dos colaboradores é demais. <u>Ser trans é algo interno, pessoal, não fere ninguém e é isso que as pessoas precisam aprender.</u></p> <p><u>O medo de estar andando de mãos dadas na rua e levar um tapa, uma lâmpada quebrada na cabeça, o medo de estar na balada e ser encurralado por homens cis gêneros dizendo “Soube que você é homem, mas cadê seupênis?” e ser violado de maneira covarde só para inflar o ego de gente asquerosa.</u></p> <p>Infelizmente estamos em uma cidade que precisa evoluir demais, mostrar a esses preconceituosos que a vida deles já é coisa demais para cuidar e não ficar procurando erro na atitude alheia. Nós não</p>	<p>(1ª ideia) O preconceito está na estrutura social.</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p>(2ª ideia) Medo de sofrer violência física.</p> <p style="text-align: center;">C</p>	
---	--	--

<p>somos piada para a cada vez que passamos na rua vir um rindo atrás e fazendo comentários.</p>		
--	--	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Apêndice I – Instrumento de análise de discurso 5 (IAD5). O que é ser transexual?

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>1 – Paola - <u>Eu sou uma pessoa travesti quando eu quero incomodar quando eu quero trabalhar o histórico político da importância da palavra travesti. Eu sou mulher trans porque eu me entendo me identifico e as pessoas me entendem como mulher socialmente, então pra mim eu sou mulher trans socialmente, eu sou travesti porque é mais estigmatizado e incomoda mais por ser um termo historicamente pejorativo, mas eu acho que a gente enquanto pessoas militantes a gente tem o dever de ressignificar esses termos travesti pra mim é corpo político é o corpo que transcende a norma que é mais do que aquilo que foi ensinado é um corpo autônomo e não é subjetivo pelo contrário ele é muito além a frente de uma estrutura social pensada, né? Mas assim eu acho que transgênero é uma palavra que contempla academicamente falando contempla historicamente politicamente, mas não a mim porque eu acho mais importante ser travesti do que ser transgênero. pra mim é um termo acadêmico que ainda está dentro da academia assim como outros termos que não saíram da academia como a cisheteronormatividade, cisgeneralidade e todas as</u></p>	<p>(1ª ideia) Ser mulher trans socialmente e ser travesti quando quer incomodar, um corpo político.</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p>(2ª ideia) É ser um corpo que transcende as normas.</p> <p style="text-align: center;">B</p> <p>(3ª ideia) Transgênero é uma palavra nova e que está dentro da academia</p> <p style="text-align: center;">C</p>	

<p>questões de identidade de gênero que tá no corpo da gente, mas que a sociedade em si não sabe reconhecer e muito menos explicar eu acho transgênero um pouco limpo de mais um pouco americanizado demais e tudo que é limpo não incomoda então não há senso se não incomoda para mim, eu acho que quem quiser ser transgênero que seja transgênero, né? Mas eu sou travesti e politicamente e sua mulher trans existencialmente falando.</p>		
<p>2 – Aline - <u>foi todo aquele processo de construção em que a minha sexualidade e do transgênero então foi a primeira vez que eu fui trabalhar o meu gênero.</u> não sabia que isso podia ser trabalhado. Eu não sabia que tinha tantas tantas formas de ser uma pessoa, de ser homem e ser mulher, de não ser nem homem nem mulher toda especificidade muito grande. E depois trabalhar ser travesti não-binária.</p>	<p>(1ª ideia) Um processo de construção.</p> <p style="text-align: center;">D</p>	

<p>3 – Roberto - Não serei hipócrita de dizer que só apresenta coisas boas, <u>ser transexual hoje é um desafio, há momentos em que devemos colocar na balança a questão profissional, familiar com a pessoal.</u> Infelizmente muitas pessoas desistem de todo processo porque não existe apoio familiar, toda burocracia que impede o tratamento como manda a lei, além de ter de se sustentar, porque sem dinheiro, não há aplicação de hormônios, né? É uma decisão por vezes muito irreversível, mas decidir não enfrentar não é fraqueza, você sabe em seu íntimo o que é, mas a sociedade e a vida te intimidam, então você acaba retrocedendo muito. Ser trans nos permite colocar para fora tudo o que esteve guardado durante anos e realmente aparecer para o mundo como se quer ser visto.</p>	<p>(1ª ideia) Um desafio, existem questões a se medir, como profissão e família.</p> <p style="text-align: center;">E</p>	<p>.</p>
--	--	----------

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Apêndice J – Instrumento de análise de discurso 6 (IAD6). A peça, “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu” teve grande repercussão na mídia. Quais são suas memórias quanto a ela?

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>1 – Paola - Mais que o impacto da peça eu quero falar do impacto da Renata porque nada disso existiria se a Renata não tivesse vindo. <u>Toda essa polêmica parte do corpo trans mais uma vez em cena.</u> Qual é a pergunta? Ah uma travesti fazendo Jesus, aí eu acho que Jesus é uma forma, uma pessoa que tem uma história. Eu tenho muitas perguntas muitos questionamentos relacionados sou cristã porque eu acredito muito na importância, mas também eu não vejo Jesus como ele é descrito porque eu entendo que pessoas que questionam que uma travesti faça Jesus, eu entendo que essa pessoa ela tenta limitar Jesus a uma determinada forma e eu entendo que Jesus é muito mais que isso eu entendo que esta energia que que essa pessoa defende</p>	<p>(1ª ideia) Polêmica porque o corpo trans estava no palco.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	
<p>2 – Aline - A peça da Renata trouxe pra gente a fomentação do que é a arte trans, eu vejo assim, que é para além da repercussão que <u>a peça trouxe, mas sim o espaço que essa peça e GrazziEllas trouxeram para outras travestis.</u></p>	<p>(1ª ideia) A peça abriu espaço para outras travestis trabalharem sua arte.</p> <p style="text-align: center;">B</p>	

<p>1 – Paola - é belíssimo o trabalho da Renata de Jesus rainha do céu eu acho que foi um início um pontapé inicial e ela é fantástica sabe para mim <u>GrazziEllas é outra linguagem. GrazziEllas, não tinha senso fazer o que A Renata já fez para mim sabe ela fez muito bem feito não tem como talvez alguém supere. Então não tem como superar, mas eu acho que GrazziEllas vem trazendo uma outra questão que é o corpo trans nu e cru não é o corpo tá nascendo outro personagem no seu próprio corpo vivendo outra coisa vivendo versões essa talvez seja identidade GrazziEllas e talvez é o que também causa esse estranhamento sobre ser performance ou teatro. Aí de performance das artes visuais enquanto teatro vem das artes cênicas E aí junta tudo isso. GrazziEllas, porque a performance tá no nosso trabalho mas o corpo é teatral o corpo da Mel é teatral então GrazziEllas no corpo da Mel é performance e teatro aí cada um que se resolva.</u></p>	<p>(2ª ideia) As linguagens das últimas duas peças com temática trans, apresentadas no FILO, são diferentes.</p> <p style="text-align: center;">C</p>	
--	--	--

<p>2 – Aline - Eu achei a repercussão da peça necessária. <u>Por ter tido repercussão, a gente conseguiu abrir um arrombo de espaço para que outras travestis entrassem.</u> Porque junto dessa coisa da Renata vir, a gente conseguiu trabalhar outros aspectos da arte trans, pra além do teatro, <u>a gente tem trans que são cantoras, que são artistas plásticas, a gente tem trans que são doutoras, que são psicólogas.</u> Ocupar espaços profissionais, mas também espaços artísticos.</p>	<p>(2ª ideia) A peça abriu espaço para outras travestis trabalharem sua arte.</p> <p style="text-align: center;">B</p>	<p>Abertura de espaço para mostrar que as travestis já não estão fadadas à rua e a prostituição</p> <p style="text-align: center;">B</p>
<p>3 – Roberto - <u>Eu gostei muito da crítica imposta, inúmeras religiões pregam que Deus ama a todos, menos o viado, a sapatão, a mana trans, o guri trans,</u> porque não segue os dizeres da bíblia, para eles não importa se o cidadão é machista, opressor, agressor da esposa, se ele vai a igreja e mantém uma vida de aparências, tudo bem, Jesus perdoa e aceita, já a comunidade LGBTQ+ não tem nada disso, por eles vamos todos queimar no inferno e fazer ciranda com o diabo.</p>	<p>(1ª ideia) A religião exclui a diversidade do gênero.</p> <p style="text-align: center;">D</p>	

<p>2 – Aline - <u>Eu não puder ver a peça, mas o que eu achei interessantíssimo neste monólogo foi apresentar o corpo trans. Porque a gente sabe que o corpo trans impacta muito mais do que ele falando. Só a presença impacta mais do que a fala. Então imagina, uma travesti que vem agora no corpo de Jesus, como é isso, Jesus é uma mulher, Jesus é uma mulher trans, Jesus é travesti. Pra quem tem a imagem encarnada de Jesus, o homem dos bons princípios, como no evangelho, agora vem encarnado em uma travesti. Então se trabalha duas simbologias (sagrado e o profano), apesar de trabalhar mais o sagrado, por trabalhar apenas mais esse lado. Ela não trabalha uma sátira, mas uma reflexão a partir daquilo. Foi dado o espaço para pensar sobre a trans. A Renata foi trabalhar o corpo estigmatizado em uma religião que sempre dominou e sempre está construindo coisas. Ela foi lá mesmo para desafiar, para bater de frente</u></p>	<p>(3ª ideia) Polêmica porque o corpo trans estava no palco.</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p>(4ª ideia) Trabalhou-se o sagrado e o profano.</p> <p style="text-align: center;">E</p>	<p>A peça trabalha um reflexam sobre as passagens bíblicas e a diversidade de gênero na contemporaneidade.</p> <p style="text-align: center;">F</p>
---	--	--

<p>1 – Paola - Qual é o meu Jesus? Que não é travesti ou que não é negro ou que não é oriental ou que não é isso ou aquilo. É uma forma de limitar essa existência plena porque no meu entender essa energia que também é Jesus é tudo ele é pai ele é espírito e ele é filho você tá entendendo</p> <p><u>Aconteceu o caso promoção política do Senhor ***** a partir de isso ele usou da temática para se auto promover já trazer uma discussão que traz uma censura mãe tão mascarada de doutrina e de moral.</u></p> <p>Então a partir disso houve essa travestilidade da censura pela doutrina e pela moral a partir de uma redução de da existência de um Cristo que pode ser visto de várias formas</p>	<p>(3ª ideia) Auto-promoção de um político</p> <p>G</p>	
<p>1 – Paola - então eu acredito que é o sucesso a Renata E também da peça é muito garantido pelo fato de ser porque assim quando a gente trabalha o sagrado profano é Sucesso na certa porque sempre essa questão da <u>Polêmica, então, sagrado e profano junto, nossa vai explodir! Então você tem a receita do Sucesso vamos falar a verdade então, falar de versículos bíblicos no corpo de uma travesti que socialmente é profano é algo que era certo. Então eu acho que é uma Peça comercial que foi e realmente muito bem elaborada muito bem protagonizada.</u></p> <p><u>E aí a o Jesus Que Ela</u></p>	<p>(4ª ideia) Trabalhou-se o sagrado e o profano.</p> <p>E</p> <p>(5ª ideia) A peça apresentar um Jesus que procura reconciliação</p> <p>F</p>	<p>A sociedade precisa aprender a lidar com seus preconceitos e respeitar a diversidade humana.</p> <p>F</p>

<p><u>traz é um Jesus que vem apaziguar. Que vem tomar a Santa Ceia com você, é um Jesus que não segrega mas que acolhe então eu entendo que é um trabalho que vem a causar esse alvoroço e de alguma forma foi pensado mas também que te traz essa questão esse pedido de desculpas que eu não gosto.</u></p> <p><u><i>Se Fosse Eu, eu quero é a sociedade se foda! Eu quero que a sociedade trabalhe seus preconceitos eu não tenho que pedir desculpas a ninguém e eu não tenho que pedir para ser aceita e eu não tenho que pedir para que você me aceite eu tenho que pedir meu lugar de fala eu tenho que saber o meu lugar e você se vire com seus preconceitos</i></u></p>		
--	--	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

Apêndice K – Instrumento de análise de discurso 7 (IAD7). Qual sua opinião quanto a religião?

Expressões-Chave ECH	Ideias Centrais IC	Ancoragem AC
<p>1 – Paola - eu fui tirada da escola ao completar 15 anos tirada da escola pela igreja que a minha família frequentava e internada para ser curada, essa indicação veio pastor, veio da pastora, de todas essas galera que estava entre aspas guiando um rebanho. E por isso existia uma ovelha que era doente e que precisava ser tratada e a minha família ficou muito preocupada meu pai e minha mãe achou que eu realmente estava doente e que existia uma cura mesmo eu fui internada compulsoriamente numa clínica Chamada comunidade ***** que existe hoje em ***** E que é um trabalho que é mantido pela igreja mantido pela igreja ***** eu tive muitas boas experiências ali mas também tive a questão da lavagem cerebral a questão da auto reprogramação esses discursos que tá tendo agora sabe de reorientação naquela época era reprogramação parecia que você tinha um botãozinho na nuca que era só você apertar reset que e aí você recomeçava tudo de novo É um discurso muito hipócrita que tem sido travestido hoje para ser trazido como uma base realmente de uma atuação religiosa dentro de uma gestão que eu considero uma gestão alheia sobre o corpo do outro.</p>	<p>(1ª ideia) Religião e a busca de uma cura para a homossexualidade e travestilidade.</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p>(2ª ideia) Religião trazendo discurso hipócrita para controlar o corpo alheio.</p> <p style="text-align: center;">A</p>	

<p>3 – Roberto - Muitas religiões tem um ensinamento bonito, admito. <u>O problema é o homem que distorce tudo, destrói. Acho que Deus fez pra isso mesmo, mas ai todos o culpam porque é mais fácil, do que admitir que o erro esta em cada um. “Deus não aprova” “Deus me deu uma filha e não um filho” quando a meu vero amor e o respeito tem que prevalecer independente de tudo, principalmente se tratando de família.</u></p>	<p>(1ª ideia) A humanidade distorce a religião e usa Deus para propagar seus preconceitos.</p> <p style="text-align: center;">B</p>	
---	--	--

Fonte: Resultados da pesquisa (2018)

ANEXOS

ANEXO A – Eu quero viver de dia

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Prof. Pedro Viriato Párrigo de Souza
LONDRINA

Eu quero viver de dia
* Grupo: **Ai que susto! Londrina** Brasil



Travestis sobem ao palco para falar de sonhos e anseios

É possível falar de aids, desigualdades sociais e cidadania com bom humor, alegria e descontração.

A prova está na peça "Eu quero viver de dia". Formado por três travestis, o grupo Ai que Sustoi, de Londrina, leva ao palco os sonhos e anseios de um grupo social ainda discriminado, mas sempre lutador.

O espetáculo – que une dublagem, dança e teatro – é mais uma realização da Adé Fidan / Casa de Vivência "Saara Santana". A entidade tem se destacado no trabalho em prol dos travestis, ajudando a desfazer estigmas e combater os preconceitos sofridos por essa população.

17 e 18 de maio / tou / 20h00

Elenco Scarlet O'Hara Costa, Fernanda Kimbal e Anna Paula **Textos** Maitê Schneider, Caio Fernando Abreu, Vinícius de Moraes e William Peres **Músicas** Cazuza, Chico Buarque, Michael Gore e Marvin Hamlisch **Coreografia** Mauro Marcos **Figurinos** Mauro Marcos **Cenário** William Peres **Iluminação** Lutz Fernando **Maquiagem** Dandara **Direção geral** William Peres **Patrocínios** Coordenação Municipal de DST/aids e Secretaria Municipal de Cultura **Apoio** Divisão de Artes Cênicas / Casa de Cultura da UEL

47

Fonte: Catálogo FILO (2004)

ANEXO B – Eu quero viver de dia – Estreia

FOLHA 2

MAI. 17, 2004

FESTIVAL - Segunda de estréias

Quatro espetáculos estão programados para estrear hoje no Filo. Suíça, Argentina, Belo Horizonte e Londrina terão seus representantes

Numa tentativa de aproximar vencendo os preconceitos os travestis da população, o grupo Ai que Susto! apresenta Eu quero viver de dia, título dos mais significativos e tirado de um texto escrito pela transexual Maitê Schneider, sobre a realidade dos travestis que vivem nas noites de cidades do mundo todo. A montagem, que conta com a participação de três travestis londrinenses, é uma colagem dos textos de Maitê Schneider, Caio Fernando Abreu, William Peres (também diretor) e Vinícius de Moraes..

Fonte: Folha de Londrina (2004)

ANEXO C – Eu quero viver de dia – Um grito de liberdade

GRUPO "AI, QUE SUSTO!"

Um grito de liberdade

Colagem de textos de Caio Fernando de Abreu, Vinícius de Moraes, Maitê Schneider retrata o cotidiano dos travestis

FRANCISMAR LEMES



Pegou fogo no balaobaco. Skarlet O'Hara Costa, Fernanda Kimbal e Anna Paula decidiram subir no salto alto e gritar para todo mundo ouvir: "Eu Quero Viver de Dia!"

O grito dá nome ao espetáculo do grupo "Ai, que Susto!", que será apresentado hoje, às 20 horas, no TOU (Rua Rio Grande do Sul, 75), dentro da programação do 37º Festival Internacional de Londrina (FILO).

De noite ou de dia, os três travestis estão sempre montadas e, como diz Anna Paula: "Se demorasse mais meia hora, nasceria mulher".

Porém, toda "quase mulher" não vem uma vida fácil. "Ami-gas" da noite, escondem-se durante o dia.

dicam o direito de ir e vir nos shopping centers, supermercados ou, simplesmente, poderem caminhar na rua em cima dos saltos sem serem incomodadas. "Eu Quero Viver de Dia" é uma colagem de textos de Caio Fernando de Abreu, Vinícius de Moraes, Maitê Schneider – transexual e militante gay de Curitiba – e o psicólogo William Peres, que assina também a direção e concepção geral da peça.

Com muita purpurina, o espetáculo foi criado a partir das atividades de inserção social promovidas pela Organização Não-governamental Adé-Fidan/Casa de Vivência Saara Santana, referência nacional e internacional no trabalho de resgate da cidadania, auto-estima, e inclusão de travestis.

"Aquiitar, o bofé" é uma das frases mais comuns entre as tra-



Skarlet O'Hara Costa, Fernanda Kimbal e Anna Paula: bandeira do arco-iris no palco

...as se reencontravam. Também que muitas coisas es- homem loiro, de olhos azuis e

tante o via.

Antes de tudo, elas querem ser chamadas de "elas" e não "eles" - uma forma de tratamento que, na opinião "delas", reflete respeito político. Porém, as "meninas" querem mais é hastear no palco a bandeira do arco-íris - símbolo internacional do movimento gay.

Entre outras coisas, reivin-

traxes mais comuns entre as travestis e significa "fazer o cara" ou manter relação sexual. Por isso, o trabalho com o teatro, que no início reuniu 12 participantes, foi chamado de Oficina de Aquecimento.

Doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, defen-

dendo a tese "Subjetividade das Travestis Brasileiras: da Vulnerabilidade dos Estigmas à Construção da Cidadania", Peres foi às ruas arregimentar o pequeno batalhão de pancake e silicone.

"Eu passava pelos pontos, convidando as travestis para participarem do projeto. Sur-

press, elas me perguntavam: "Não vamos aquecer bofes lá? Responda que fomos aquecer a cidadania", lembra Peres, que contou com patrocínio do Programa Municipal de DST/Aids e Prefeitura de Londrina, através da Secretaria Municipal de Cultura, para a realização da montagem.

O teatro como discurso político é o amigo que vem dar uma mão às travestis para fazerem sobre Aids, o processo de exclusão e preconceito que as afetam não só da família, mas do direito de frequentar escolas e até reivindicar segurança pública.

"A ideia do teatro é trabalhar com a sociedade e os órgãos públicos que ainda não estão preparados para atender as demandas dos travestis. Queremos mostrar isso para a sociedade. Eu, por exemplo, queria ter feito faculdade e não pude por ser travesti", ressalta Skarlet O'Hara Costa, apontando

também que muitas coisas estão mudando, já que os travestis têm deixado de aparecer na mídia em reportagens sobre a prostituição ligadas a delitos, ganhando as páginas por ações, como o teatro.

A música de Cazusa é a trilha sonora para o elenco mostrar à sua cara na peça. Michael Gore, Marvin Hamlish, Gal Costa e Chico Buarque também fazem fundo musical para as performances dos travestis - que não descartam as dublagens.

"Está sendo gratificante participar do espetáculo. Estou aprendendo a conviver com a sociedade e espero que a sociedade aprenda a conviver comigo. Somos cidadãos. É sangue que rola nas nossas veias e isso é indiferente à nossa orientação sexual", afirma Anna Paula, que se tornou travesti aos oito anos de idade.

"Para mim era tudo bonito. O meu sonho era casar com um

homem loiro, de olhos azuis e vestida de noiva. Um sonho que vem se realizando. A minha família me aceita. Já tinha um irmão travesti, mas não segui o exemplo dele. A gente só se encontrou de irmão para irmão quando eu tinha 20 anos. Não sofri muito preconceito porque naquela época pintava a Roberta Close. A natureza me ajudou bastante. Não foi preciso mudar nada em mim, apenas uma plástica no seio. Porém, se fosse preciso faria tudo de novo. Ser travesti é um caminho sem volta", conclui Anna Paula.

SERVIÇO

"Eu Quero Viver de Dia"
Quando: hoje
Horário: 20 horas
Onde: TOU (Rua Rio Grande do Sul, 75)
Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (estudantes, aposentados e leitores que apresentarem bônus do *Journal de Londrina*)

ANEXO D – Cassandra

30

CATÁLOGO FILO 2015

UMA TROIANA NO POLE DANCE

KASSANDRA TRAVESTI, TRANSEXUAL, TRANSGÊNERO. SUA MALDIÇÃO FOI SER DIFERENTE

KASSANDRA
LA VACA COMPANHIA DE ARTES CÊNICAS
FLORIANÓPOLIS, SC

24 E 25 DE AGOSTO
19H30
MANHATTAN BAR
(RUA RECIFE, 70)

TRAGICOMÉDIA | DURAÇÃO 60 MIN

18



CRISTIANO PRIMI

Na Grécia, Cassandra é aquela a quem Apolo castigou com o dom da premonição – e que previu a terrível tragédia. A personagem de Eurípedes em “As troianas” é Cassandra, a vidente exilada, a amante traída. Lembre-se do exemplo daquelas mulheres de Atenas. Essa Cassandra é outra. Essa é Cassandra com Ká – de princesa não tem nada. Nem fala nada de grego, sua língua é um inglês de embromar, inglês de sobrevivência. E sua guerra é outra: travesti, transexual, transgênero, Cassandra nasceu menina, virou menino e sua maldição foi ser diferente. Essa noite recebe clientes no Manhattan Bar e vai contar (mais uma vez) a sua história.

A atriz e produtora catarinense Milena Moraes tinha acabado de montar em 2008 “Mi Muñequita”, de Gabriel Calderón, resultado de um intercâmbio forte de grupos do Sul. Quando leu num jornal de Montevideú a história do franco-uruguaio Sergio Blanco se interessou na hora, fez contato e teve autorização para montar, com duas condições: só se apresentar em espaços não tradicionais e naquele inglês enrolado. Quem dirigiu foi Renato Turnes, seu parceiro na criação do La Vaca Cia de Artes Cênicas. Recebeu o prêmio Miriam Muniz 2011 para montar em 2012. A peça estreou no La Barranca, famosa casa do ramo dos prazeres em Florianópolis, e foi recebida

como uma atualização transgressora do mito grego. Tragédia brega com truques de comédia stand up, mistura números de pole dance e até uma máscara do Pernalonga com o som de um DJ irado que embola o canto das sereias com o batidão da pista. Cassandra recontece o corpo malhado entre o jogo de espelhos – mito comendo mito.

Com sua guerreira fetichista, Milena se encanta com a relação que o teatro provoca em espaços não convencionais e com as reações sempre surpreendentes do público – que, afinal, está ali representando ele próprio o seu papel de cliente.

Dramaturgia Sergio Blanco | **Direção** Renato Turnes | **Atuação** Milena Moraes | **Assistente de Direção** Vicente Conditto | **Produção Executiva** Milena Moraes | **Trilha Sonora Original** Ledgroove | **Figurino** Renato Turnes
Maquiagem Robson Vieira | **Máscara** Roberto Gorgatti | **Desenho de Luz** Renato Turnes | **Arte Gráfica** Camilla Petersen | **Pesquisador** Esteban Campanela | **Fotos** Cristiano Primi | **Site** www.lavaca.com

ANEXO E –Kassandra – Ousadia

Outras estreias

grega que muda de sexo por conta de uma paixão. Sua maldição é ser diferente.

O texto é do autor franco-uruguaio Sergio Blanco, que autorizou a montagem com a condição de que só fosse apresentada em espaços não convencionais e usando aquele inglês de embroação. O La Vaca recebeu o prêmio Miriam Muniz 2011 para fazer a montagem. (Reportagem Local)

OUSADIA

Já a la Vaca Companhia de Artes Cênicas traz ao Filo a partir de amanhã a peça “Kassandra”. O espetáculo do grupo de Florianópolis (SC) será apresentado segunda e terça-feira, às 19h30, no Manhattan Bar, e conta a história de uma personagem da mitologia

SERVIÇO

“Algo de Ricardo” - Cia. Complot (Uruguai)
Quando - De hoje a terça-feira, às 20h30
Onde - Espaço Petrobras (Av. Celso Garcia Cid, 1489)
Quanto - R\$ 25 e R\$ 12,50 (meia-entrada)

“Kassandra” - La Vaca Companhia de Artes Cênicas (SC)
Quando - Amanhã e dia 25, às 19h30
Onde - Manhattan Bar (R. Recife, 70)
Classificação indicativa - 18 anos
Ingressos esgotados

Fonte: Folha de Londrina (2015)

ANEXO F – Kassandra – Mistérios de Kassandra

JORNAL DE LONDRINA 17
segunda-feira, 24 de agosto de 2015

cultura

TEATRO

Mistérios de Kassandra

La Vaca Companhia de Artes Cênicas, de Florianópolis, apresenta-se hoje no Manhattan Bar pelo Filo

nhã no Manhattan Bar (R. Recife, 70), dentro da programação do Festival Internacional de Londrina (Filo).

"A proposta artística é apresentar numa casa de diversão adulta", explica a atriz Milena Moraes. O texto, do franco-uruguayo Sergio Blanco, é parte de um movimento espontâneo em que diversos grupos pelo mundo o adaptam: "Montamos o espetáculo com base no texto de Blanco. E cada diretor opta por um espaço", diz. A direção nesse caso é assinada por Renato Turnes, que veio mais cedo ao Filo para apresentar *Donna*

um lugar que não é seu." Justamente por isso o autor escreveu a peça num inglês bastante rudimentar, daquele falado por quem pouco conhece o idioma. "Como acontece com muitas meninas daqui que vão para Milão, para a Rússia. O texto foi escrito pelo autor nesse inglês que ele tem." O público se diverte em alguns momentos, ao perceber que parece entender e saber falar o idioma. Mas, o texto tem momentos trágicos. "É uma transição entre os espectadores-clientes."

Fábio Luporini
fabio@luporini.com.br

>> Kassandra, princesa de Troia, é uma personagem transsexual que vai em busca de fazer a vida noutro lugar. Imigrante, falando um inglês bem precário, acaba trabalhando numa casa noturna. É justamente este o cenário do espetáculo homônimo, montado pela La Vaca Companhia de Artes Cênicas, de Florianópolis (SC), e am-

Ambiente
O Manhattan Bar foi escolhido pela organização do Filo e aprovado pela companhia. "Demos uma olhada e ficamos felizes." A peça é encenada nesse ambiente, porque a personagem principal é uma funcionária desse estabelecimento. "Kassandra parte do mito grego, é uma princesa de Troia. É uma releitura, não é fiel à montagem. Ela é uma personagem transsexual que vai em busca de uma vida em

programação

- **Algo de Ricardo, da Complot (Uruguai)**: hoje e amanhã, às 20h30, no Espaço Petrobras (Av. Celso Garcia Cid, 1489).
- **Kassandra, da La Vaca Companhia de Artes Cênicas (Florianópolis)**: hoje e amanhã, às 19h30, no Manhattan Bar (R. Recife, 70).
- **Aberratio Mentalis Partialis: Experiência Woyzeck, da Cia Cascalhos - Artes Cênicas UEL**: hoje, às 20h, na Divisão de Artes Cênicas (Av. Celso Garcia Cid, 205).

SERVIÇO
Festival Internacional de Londrina - Filo Arte o dia 30. Ingressos R\$30 e R\$15 (para teatro).
Maristal e RSCS e R\$12,50 (ouros especiais).
Vendas: Disk Ingressos (www.diskingressos.com.br) e nas bilheterias do Inipi (Praça Shopping (R. Mato Grosso, 310).

Fonte: LUPORINI (2015)

ANEXO G – Poeta que pariu

FESTIVAL INTERNACIONAL DE LONDRINA

37

A POESIA DOS DESERDADOS

DA GARAGEM PARA AS PRAÇAS, HISTÓRIAS DE MORADORES DE RUA E SEU ESTRANHO COLORIDO

POETA QUE PARIU
CIA TEATRO DE GARAGEM — LONDRINA, PR

22 DE AGOSTO — 16H
ZERÃO

TEATRO DE RUA | DURAÇÃO 55 MIN



Prestes a completar dez anos de trabalho, o Teatro de Garagem aprofunda sua busca por um teatro popular nesta montagem que consumiu dois anos de pesquisa e ensaios. O grupo nasceu, como o nome diz, na garagem da casa de um de seus integrantes – e depois de uma década de trabalho continua fiel ao seu projeto original.

Desde o seu segundo trabalho, em 2004, o diretor Everton Bonfim vem incorporando a música às montagens, os músicos sempre presentes como personagens ativos. Em "Poeta que Paniu" a companhia recorre de maneira cada vez mais consistente ao poder de comunicação da canção popular, traba-

lhando com músicas compostas pelos próprios componentes do grupo e seus parceiros.

O novo trabalho estreou no começo do ano com dramaturgia inspirada em figuras populares, como moradores de rua, prostitutas e travestis, pedintes e indigentes, catadores e carrinheiros – enfim, a vasta legião de deserdados com seu estranho colorido e o permanente estranhamento que impõem à vida urbana de qualquer grande cidade do mundo – como arquétipos.

O Teatro Garagem não separa seu trabalho da militância na Rede Brasileira de Teatro de Rua e a busca por uma

comunicação não elitista – e é sempre emocionante ver seu corpo a corpo com os espectadores nas praças, eventos, festas, ruas, escolas, avenidas: os atores têm na ponta da língua sempre uma pergunta que fará da plateia uma cúmplice das histórias.

Criação coletiva, "Poeta que Paniu" tem dramaturgia própria e também colagens de textos de André Abujamra e Jô Bilac, além de fragmentos do Manifesto da Antropofagia Periférica, de Sérgio Vaz, e textos de Bashô e Carolina Maria de Jesus. O grupo também desenvolve pesquisa com a história do teatro londrinense.

Elenco Danilo Lagoeiro, Everton Bonfim, Herbert Proença, Melissa Campos, Pedro José e Rafael Avansini | **Figurino, Cenário e Direção** Criação Coletiva | **Dramaturgia** Texto criado pelo grupo, com colagens de textos de André Abujamra e Jô Bilac, fragmentos do Manifesto da Antropofagia Periférica, de Sérgio Vaz, fragmentos de textos de Bashô e Carolina Maria de Jesus | **Técnico de Som** Rafael Rosa
Músicas "Tambó Zúô" (Música popular de domínio público), "Cinza Patrimônio Público" (Música e letra de Herbert Proença e Rafael Avansini), "Poeta da Fome" (Música e letra de Pedro José) e "A Rua é do Povo" (Música e letra de Everton Bonfim) | **Design Gráfico** Daniele Stegmann e Isis Peixoto | **Fotografia** Jaqueline Vieira | **Apoio cultural** Vila Cultural ALMA Brasil, Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) Londrina, produtora Cor da Terra e grupo Elitty Trans | **Site** www.teatrodegaragem.com

FOLHA 2

JUL. 21, 2015

Atrações do Filo 2015

Mostra Londrina

"À Beira do Precipício"- Cia Funcart de Teatro

"Aberratio Mentalis Partialis: Experiência Woyzeck" - Artes Cênicas UEL

"A Máquina Favela" - Conservatório das Artes Londrinense

"Bodas de Café" - Escola Municipal de Teatro

"BR-FELICIDADE" - Teatro Kaos

"Ovo" - Agon Teatro

"Para Aqueles que Ainda vão Nascer" - Cia L2 / Artes Cênicas UEL

"Poeta que Pariu" - Teatro de Garagem

"Sem Eira Nem Beira" - Ballet de Londrina

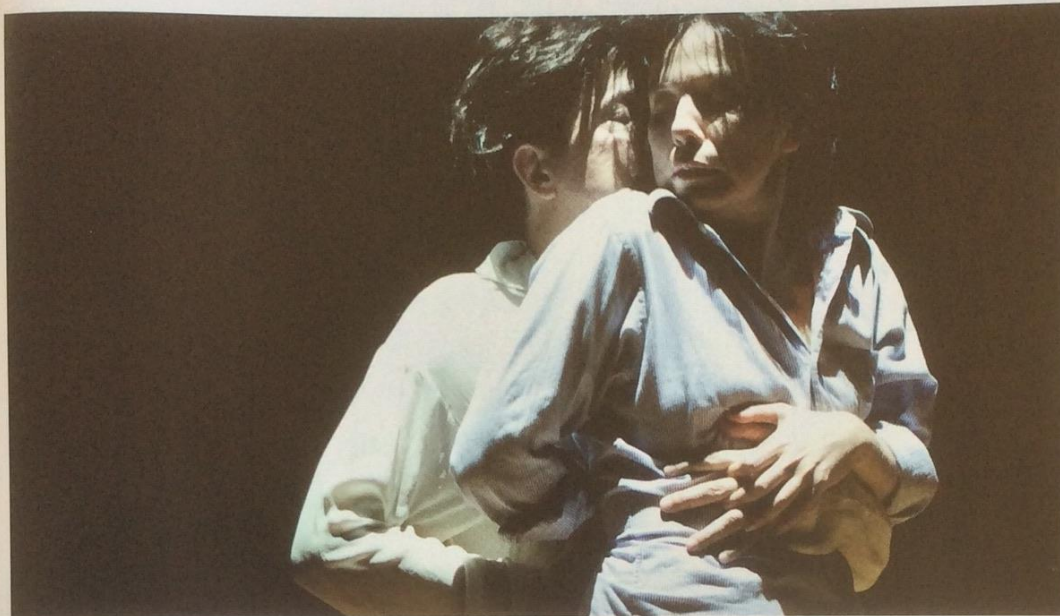
"Um Discurso para Minha Avó" - Estúpida Cia de Teatro

Fonte: Folha de Londrina (2015)

ANEXO I – Maria que virou Jonas ou a força da imaginação

Uma fábula transgênero

Dois atores transgêneros revivem a fábula de Marie, a jovem que mudou de sexo pela força da imaginação



CICA BERNARDES

**MARIA QUE VIROU JONAS
OU A FORÇA DA IMAGINAÇÃO**
CIA LIVRE – SÃO PAULO, SP

**31 DE AGOSTO – 20H
1 DE SETEMBRO – 19H**
DIVISÃO DE ARTES CÊNICAS
CASA DE CULTURA UEL
(AV. CELSO GARCIA CID, 205)

16
DURAÇÃO 105 MIN

A história não é nada trivial - e em "Maria que Virou Jonas" existe uma história dentro da história. Dois atores trans se encontram num "chat-rotele", uma conversa na internet onde compartilham on-line o convite para a participação de transgêneros numa peça teatral. A peça em que vão trabalhar conta a história de um homem que acaba de voltar para casa após uma aula onde conheceu a fábula de Marie, uma jovem que pela força da imaginação mudou seu sexo. Transformado com o relato, narra a história à sua mulher - e no dia seguinte a esposa vê surgir em seu corpo um órgão sexual masculino.

À mudança de sexo seguem-se mudanças na rotina e na vida a dois - eles não são mais um "casal comum", e ao final, o próprio marido sente crescer os seios e mudar o sexo. Já no espetáculo, na hora da distribuição dos papéis, peça dentro da peça, os atores contam ao público seu impasse: quem seria o homem, quem seria a mulher? O público participa de um sorteio ao vivo e o espetáculo tem início assim, como que desafiando a arbitrariedade das escolhas.

A Cia Livre trabalha desde 1999 com processos de pesquisa e criação abertos ao público, o que resulta na participação ativa da plateia na estrutura dos espetáculos. Com direção da celebrada Cibele Forjaz, "Maria que Virou Jonas - ou A Força da Imaginação" reflete sobre os papéis do masculino e do feminino e os limites entre representação, fantasia, teatralidade, aparência e verdade. A dramaturgia de Cássio Pires se baseia em breve registro do filósofo Michel de Montaigne relatado no ensaio "Da Força da Imaginação" sobre um certo Germain Garnier - habitante de Vitry, na França do século XVI, que nascido Marie, muda de sexo e é aceito socialmente como homem.

No processo de criação da peça, a abordagem de Montaigne foi sobreposta a outros relatos contemporâneos sobre os marcadores de gênero (masculino e feminino), flutuações de identidade e as lutas nos campos dos direitos humanos, dos estudos feministas, da militância política e das artes cênicas.

Dramaturgia Cássio Pires | **Direção Geral e Encenação** Cibele Forjaz | **Atores-criadores** Edgar Castro e Lúcia Romano | **Direção de Movimento** Lu Favoreto | **Cenografia** Márcio Medina | **Figurinos** Fabio Namatame | **Luz** Rafael Souza Lopes | **Direção Musical** Lincoln Antonio | **Direção de Vídeo** Lucas Brandão | **Sonoplastia** Pepê Mata Machado | **Assistência de Direção** Arthur Abe | **Treinamento Vocal para Canto** Andrea Drigo | **Fotos** Cacá Bernardes | **Direção de Cena** Dani Colazante e Jamille Valente | **Assistência de Produção** Luciana Cosme | **Direção de Produção** Iza Marie Miceli | **Produção** Cia. Livre e Centro de Empreendimentos Artísticos Barca

Fonte: Catálogo FILO (2016)

ANEXO J – Maria que virou Jonas ou a força da imaginação – Fábula Trans

FOLHA 2

AGO. 31, 2016

Fábula trans é encenada no Filo

Peça "Maria que Virou Jonas - ou a Força da Imaginação" conta história de casal que tem papéis feminino e masculino invertidos após mudança de sexo

Cacá Bernardes/Divulgação



Espectáculo será encenado pela Cia Livre, de São Paulo

Após a grande polêmica em torno da peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", que por apresentar uma atriz transexual no papel de Jesus provocou um embate entre a classe artística e representantes de movimentos conservadores, a questão de identidade de gênero volta a ganhar destaque na programação do 48º Festival Internacional de Londrina (Filo). Encenado pela Cia Livre, de São Paulo, o espetáculo "Maria que Virou Jonas - ou a Força da Imaginação" fala sobre a distribuição de papéis feminino e masculino entre dois atores trans convidados para estreitar uma montagem teatral. Baseada em um ensaio do filósofo francês Michel de Montaigne, a peça será apresentada hoje, às 20 horas, e amanhã, às 19 horas, na Divisão de Artes Cênicas da Casa de Cultura da UEL.

A montagem, que tem direção de Cibele Forjaz e dramaturgia de Cássio Pires, revela um jogo cênico entre Neo Maria (Lúcia Romano) e Jonas Couto (Edgar Castro). Convidados para participar da montagem da peça "A Força da Imaginação", os dois contam a história de um homem que acaba de voltar para casa após uma aula onde conheceu a fábula de Marie, uma jovem que pela força da imaginação mudou seu sexo. Transtornado com o relato, narra a história à sua mulher – e no dia seguinte a esposa vê surgir em seu corpo um órgão sexual masculino. À mudança de sexo seguem-se mudanças na rotina e na vida a dois – eles não são mais um "casal comum", e ao final, o próprio marido sente crescer os seios e mudar o sexo.

Na peça que acontece dentro da peça, os atores contam ao público seu impasse: quem seria o homem, quem seria a mulher? A plateia participa de um sorteio ao vivo e o espetáculo tem início assim, como que desafiando a arbitrariedade das escolhas. A dramaturgia que Cássio Pires desenvolveu para o espetáculo se baseia em breve registro do filósofo Michel de Montaigne, relatado no ensaio "Da Força da Imaginação" sobre um certo Germain Garnier - habitante de Vitry, na França do século XVI, que nascido Marie, muda de sexo e é aceito socialmente como homem. No processo de criação da peça, a abordagem de Montaigne foi sobreposta a outros relatos contemporâneos sobre os marcadores de gênero (masculino e feminino), flutuações de identidade e as lutas nos campos dos direitos humanos, dos estudos feministas, da militância política e das artes cênicas.

"Maria que Virou Jonas - ou a Força da Imaginação" estreou em São Paulo, no início do ano passado. "Viajamos para várias regiões do País e a reação do público tem sido sempre a mesma. As plateias ficam desconcertadas com essa fábula que fala de uma mulher que percebe um pênis brotando em seu corpo. Neste cenário de obscurantismo e intolerância que tem avançado sobre o Brasil, é muito importante abrir espaço sobre esse tipo de debate", afirma Edgar Castro, ator da Cia Livre, companhia paulistana criada há 17 anos.

Fonte: ROMAN (2016)

ANEXO K – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu

Jesus trans e o sermão da capela

Espectáculo mistura missa e
contação de histórias para
revelar um Jesus feminino



**O EVANGELHO SEGUNDO JESUS,
RAINHA DO CÉU**
QUEEN JESUS PLAY / BR – SÃO PAULO, SP

27, 28 E 29 DE AGOSTO – 20H
CAPELA DA UEL/CAMPUS
(RODOVIA CELSO GARCIA CID, KM 380 AO LADO DO CESA)

14

DURAÇÃO 60 MIN

Jesus entra na capela, reclama das cadeiras desconfortáveis ("Por que não há sofás?") e vai logo avisando que não frequenta igrejas ("Não me deixam entrar"). Jesus traja um vestidinho simples ("De liquidação") e em seu sermão ("Sermões são um saco") evoca os apóstolos. "Não imaginem que éramos doze machos barbados", diz. "Alguns éramos homens que costumavam ser mulheres, algumas éramos mulheres que costumavam ser homens" - ensina. "Pois em verdade, em verdade vos digo, toda cultura de todo lugar e tempo tem conhecimento de nós, e nos celebra, exceto esta."

Em meio a surpreendentes revelações para algumas das mais conhecidas passagens bíblicas, essa Jesus Rainha vem causando escândalo desde suas primeiras aparições. "The Gospel According to Jesus, Queen of Heaven" ("O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu") estreou em 2009 na Escócia sob forte pressão de grupos conservadores e ameaças de censura. O espetáculo retornou ao festival de Edimburgo em 2015, ganhando projeção internacional com turnês agendadas em diversos países.

Com mais de 80 peças montadas pelo mundo, a autora da peça, Jo Clifford (nascida John Clifford) é hoje reconhecida e premiada não apenas pelos seus textos como pelas releituras dos clássicos - sua adaptação de Charles Dickens fez dela a primeira dramaturga transgênero a ter uma peça encenada no "West End" de Londres.

A diretora Natalia Mallo conheceu o texto em Edimburgo, quando o espetáculo foi apresentado na capela de St. Mark's. Em 2015 foi feita a primeira leitura pública do texto no Brasil. O processo de tradução e pesquisa dramaturgica contou com a colaboração direta de Jo Clifford e a montagem teve início a partir do processo de seleção da atriz Renata Carvalho. Cheia de referências ao universo drag e rituais queers, a adaptação mistura missa, culto e contação de histórias. Sua estreia nacional acontece neste FILO 2016.

Texto original Jo Clifford | Tradução, adaptação e direção Natalia Mallo | Assistência de Direção Gabi Gonçalves | Atuação Renata Carvalho | Iluminação e direção de arte Anna Turra | Figurino Karilla Giroto
Preparação Corporal Gisele Calazans e Fabrício Licurd | Preparação Vocal Patrícia Antoniazzi | Produção Executiva Núcleo Corpo Restreado

ANEXO L – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu –FILO prepara sua grande cena

FOLHA 2

AGO. 21, 2016

Filo prepara sua grande cena

A 48ª edição do Festival Internacional de Londrina começa na próxima sexta e traz 33 espetáculos de variadas tendências contemporâneas

Apresentada pela Queen Jesus Play, de São Paulo, a peça "Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", abrirá espaço para a polêmica. O espetáculo é um "ritual queer" em forma de monólogo, uma mistura de missa com contação de histórias, que mostra Jesus no tempo presente, na pele de uma mulher transgênero. A montagem paulistana será apresentada sábado(27), domingo (28) e segunda-feira (29), às 20 horas, na Capela da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Entrando no universo lúdico, o grupo Teatro de Animação - Cia Pequod (Rio de Janeiro – RJ) traz ao Filo "O Velho da Horta", nos dias 10 e 11 de setembro. A peça baseia-se na farsa de Gil Vicente, escrita em 1512 e é protagonizada por um hortelão idoso que se apaixona por uma jovem freguesa. Embora ela não corresponda ao seu amor, o Velho acredita tê-la conquistado, enganado por uma trapaceira que se faz de intermediária do romance, apenas interessada em arrancar algum dinheiro do ingênuo hortelão.

Fonte: ROMAN (2016)

ANEXO M – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Estreia nacional no FILO

FOLHA 2

AGO. 27, 2016

DESAFIO PROFISSIONAL

‘O Evangelho segundo Jesus...’ tem estreia nacional no Filo

Espectáculo marca edição do festival dedicada à diversidade sexual; protagonista chegou ontem à cidade e fica em cartaz até segunda



Renata Carvalho: o desafio de interpretar Jesus na pele de uma transexual pode ampliar a compreensão de um tema contemporâneo

Atuando nos palcos há 20 anos, Renata Carvalho se prepara para enfrentar hoje seu maior desafio profissional. A atriz santista transexual é a protagonista da peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu". Produzido pelo grupo Queen Jesus Play/BR, o espetáculo é um dos mais aguardados dentro da programação da 48ª edição do Festival Internacional de Londrina (Filo). A estreia nacional da montagem - que mistura monólogo e contação de histórias - mostra Jesus na pele de uma mulher transgênero e acontece às 20 horas, na Capela da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde fica em cartaz até segunda-feira.

Escrita pela escocesa Jo Clifford, a peça aborda histórias bíblicas que são recontadas em uma perspectiva contemporânea, propondo uma reflexão sobre a opressão e a intolerância sofridas por pessoas trans e minorias em geral na sociedade. Após causar grande polêmica na Escócia, quando foi encenada em 2009, o texto ganhou tradução de Natalia Mallo, que também assina a direção da montagem. Em entrevista exclusiva à Folha - que será publicada na edição de amanhã - a atriz e a diretora falam sobre o processo de produção, seleção de elenco e as expectativas em torno do espetáculo que segue para temporada em São Paulo no mês de outubro. A agenda da Filo deste sábado conta ainda com o monólogo "Processo do Conscerto do Desejo", protagonizado pelo ator Matheus Nachtergaele que celebra a obra da mãe, a poeta Maria Cecília Nachtergaele. A montagem será apresentada às 20h30, no Teatro Marista. No Teatro Zaqueu de Melo, a atração é "Plano N°269". Estrelada pela atriz Juliana Galante, integrante do grupo Artes Cênicas UEL, a peça conta a história da palhaça Super Adelaide, que depois de várias tentativas fracassadas, cria um esquema infalível para salvar os animais do terrível zoológico. Com o Plano n° 269 em mãos e sua bolsa cheia de surpresas, a palhaça faz do público seu cúmplice nesta missão. Entre tropeços, paqueras e trapalhadas, ela revela seus superpoderes e todo seu charme nesta aventura. Conseguirá, por fim, salvá-los ou transformará tudo em um caos? O espetáculo será encenado às 19 horas, no Teatro Zaqueu de Melo.

Fonte: ROMAN (2016)

ANEXO N – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Espetáculo do Filo tem estreia inusitada

FOLHA 2

AGO. 27, 2016

TEATRO

Espetáculo do Filo tem estreia inusitada

Sob pressão, 'O Evangelho Segundo Jesus...' será apresentado em outro local, mas o ponto de encontro do público continua sendo a Capela da UEL

O espetáculo "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu" estreia hoje em Londrina de uma forma inusitada. A peça que seria apresentada na Capela Ecumênica da Universidade Estadual de Londrina (UEL) será marcada por um cortejo minutos antes do espetáculo. O público, que deverá se reunir em frente à Capela, às 20 horas, seguirá para o anfiteatro do CCH.

Em entrevista à Folha, a diretora do espetáculo, Natália Mallo, lamentou a alteração do local escolhido para a estreia nacional: "Nós já estávamos preparados para um tipo de reação porque a peça toca em um tema delicado, mas o que a gente não esperava era perder o espaço no qual a gente iria atuar. Ainda assim, estamos focados em fazer o espetáculo acontecer da maneira que for possível", garantiu.

A montagem, que mostra Jesus vivido por uma mulher transexual, exalta a tolerância, o amor e o respeito. As manifestações contrárias, segundo a diretora do espetáculo, começaram já na primeira montagem de luz com agressões verbais feitas por um candidato a vereador. Congregações religiosas também demonstraram insatisfação com a escolha do local. Após polêmicas nas redes sociais, a diretora foi informada que a Capela não teria alvará para receber o público.

CONTEÚDO - Na manhã deste sábado, o Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina e Região publicou um manifesto em que considera que a peça afronta a identidade de Jesus Cristo. "Acreditamos na liberdade de expressão, entendemos a diferença, mas estão tocando no nosso maior símbolo de fé de uma forma que soa estranho para nós. Não somos homofóbicos, mas não achamos interessante que toquem no nosso Senhor. O que nos fere é usar a figura do nosso Senhor", ressaltou em entrevista o presidente do Conselho, Fernando Luís Pinto. Ele admitiu que não conhece o conteúdo do espetáculo, não conversou com a diretora, nem com a protagonista - a atriz Renata Carvalho - que chegaram ontem a Londrina, mas reforçou a opinião contrária.

Aproximadamente, 100 pessoas eram esperadas para a estreia nacional. No entanto, em razão da polêmica, o público deve ser ainda maior. "Quando a gente recebe essas agressões justificadas, a gente se surpreende e pergunta: O que Jesus faria nessa situação? É um espetáculo premiado com apoio do Conselho Britânico e que já circulou em festivais no mundo todo. A peça fala de tolerância e da essência do cristianismo que é o amor ao próximo. A mensagem é de perdão, aceitação e abrange os direitos humanos. Antes de julgar, que nos assistam. Convidamos todas as pessoas para o diálogo", reforça Natália Mallo. A peça será encenada hoje, amanhã e segunda-feira, sempre às 20 horas, com início em frente à Capela Ecumênica da UEL. Em nota à imprensa, a organização do Filo repudiou os atos de intolerância em relação ao espetáculo.

Os ingressos estão esgotados, mas em razão da mudança de local de apresentação haverá possibilidade de ampliação do número de ingressos para as sessões de domingo e segunda-feira.

Fonte: COSTA (2016)

ANEXO O – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Trans no palco

FOLHA 2

AGO. 28, 2016

Trans no palco*'O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu' – em cartaz no Filo - reconta passagens bíblicas narradas por atriz transexual que vive o papel de Jesus*

Ligia Jardim/ Divulgação



A atriz Renata Carvalho - escolhida entre outras doze pessoas para o papel - diz que o espetáculo "é um grito de liberdade"

Religiosa convicta, a dramaturga Jo Clifford não se conformou ao sentir-se rejeitada na igreja que frequentava após assumir sua condição de transexual. Referência no teatro escocês com mais de 80 peças no currículo, deu início a um amplo estudo sobre textos bíblicos. Em busca de pregações sagradas que justificassem a condenação moral sofrida por seu ato, a escritora só encontrou sermões que falavam de amor ao próximo, tolerância e misericórdia. A experiência resultou na peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", que causou uma grande polêmica em todo o mundo por apresentar Jesus na pele de uma mulher transgênero.

Escrito em forma de poema, o texto ganhou uma tradução em português seis anos após ser apresentado no Reino Unido. A versão brasileira estreou ontem como um dos espetáculos de maior repercussão do 48º Festival Internacional de Londrina (Filo), evento que neste ano abre espaço para o debate sobre questões de gênero e sexualidade. "Ensaíamos esse espetáculo durante um ano e estávamos aguardando o momento certo para estreá-lo. Acho que isso só poderia acontecer dentro deste contexto proposto pelo Filo", destaca Natalia Mallo, que após assistir a montagem original na Escócia decidiu fazer a tradução do texto e assumir sua direção. Ela enfatiza que, ao contrário do que se pensa, a peça não é pautada pela polêmica. "Saí do espetáculo muito emocionada. Há muito tempo algo não mexia tanto assim comigo. Trata-se de um texto muito delicado que fala acima de tudo sobre o amor. Jesus Cristo deixou mensagens tão lindas. Li diversas traduções da bíblia em várias línguas para fazer a tradução da peça e jamais encontrei uma pregação d'Ele condenando alguém. Como já queria tocar nesse tema, acabei resolvendo produzir o espetáculo no Brasil", relata ao informar que fez uma parceria com o grupo da escocesa Jo Clifford para realizar a montagem no Brasil.

Com o texto pronto, Natalia saiu em busca de uma atriz que conseguisse traduzir no palco toda a opressão e a intolerância sofridas por pessoas trans, minorias em geral na sociedade. "Divulguei um anúncio na internet e recebi 12 e-mails de pessoas interessadas no papel. Então dividi o texto em partes e pedi que cada candidata mandasse um vídeo com sua leitura. Quando vi o vídeo encaminhado pela Renata Carvalho fiquei impressionada com a capacidade técnica dela, a sensibilidade em dar voz aos subtextos do poema e com a força de seu olhar. Agendei um encontro com ela para ver se a gente se daria bem no trabalho e não tive dúvidas que ela foi a melhor escolha", salienta.

Trabalhando com teatro há 20 anos, a atriz santista afirma ter visto na peça uma grande oportunidade de dar voz a dores comumente sofridas pela comunidade transexual. "Interpretar esse papel é um grito de liberdade. Esse tema já foi abordado muitas vezes tanto no teatro quanto no cinema, mas sempre por atrizes mulheres e a gente era obrigada a ver da plateia nossas histórias sendo contadas por pessoas que nunca fizeram parte desse nosso universo. Chegou a hora da gente se apoderar desse papel que é nosso. A peça levanta muito essa questão. E se fosse Jesus, será que Ele nos condenaria?", argumenta.

Fonte: ROMAN (2016)

ANEXO P – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Trans na vida

FOLHA 2

AGO. 28, 2016

Trans na vida

Saulo Ohara



Renata Carvalho identifica-se com a parábola do filho pródigo: "Assim como o personagem desta história bíblica, fui expulsa de casa pelos meus pais"

Ativista do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) há mais de duas décadas, Renata Carvalho, 33 anos, tem uma história pessoal que não foge às estatísticas da comunidade que representa no palco com a peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu". Interpretando Jesus, a atriz que aparece em cena contando histórias bíblicas como "O Bom Samaritano", "A semente de mostarda" e "A Mulher Adúltera", diz ter se identificado de forma arrebatadora com a versão trans da parábola do filho pródigo.

"Assim como o personagem principal desta história bíblica, sou filha caçula e fui expulsa de casa pelos meus pais. Eles não entenderam minha transição que aconteceu quando eu tinha 27 anos e apesar de meu pai me dar dinheiro escondido da minha família, me vi obrigada a me prostituir para conseguir sobreviver" relata. Além de trabalhar como atriz, Renata atua como voluntária de um programa municipal de saúde junto à comunidade LGBT de Santos (SP), sua cidade natal. "É muito triste perceber que ainda hoje as duas únicas opções de trabalho para essa classe seja a prostituição ou os salões de beleza. É uma realidade que precisa ser mudada", salienta.

Renata conta que já trabalhava com artes cênicas quando decidiu se travestir. "Mesmo no meio artístico, que teoricamente é menos preconceituoso, tive que vencer vários obstáculos até conseguir me impor. Quando me tornei travesti, aos 27 anos, deixei de atuar em muitas produções por não haver papéis para mim. Tive que trabalhar como diretora para depois voltar a atuar. Também dou curso de maquiagem e enfrentei muito preconceito até conseguir me impor como professora. Mas infelizmente nem todas as trans têm esse tipo de oportunidade", ressalta. Renata diz que sua atitude política a levou a assumir-se como travesti. "Nem sei quando me dei conta de minha identidade transexual. Me sinto enquadrada no perfil de trans, que é mais aceito pela sociedade e que é usado no caso de homens que nascem com uma mentalidade feminina. Mas faço questão de me apresentar como travesti que é uma ala da comunidade LGBT que sofre ainda mais preconceito", frisa.

Ciente da polêmica que o tema ainda desperta, Natália espera que a peça que estreou ontem em Londrina abra espaço para debates que ajudem que mudar a forma como os transexuais são vistos pela sociedade. "Não queremos mexer com a religiosidade de ninguém. Queremos apenas conversar sobre esse assunto. Aproveito para convidar os londrinenses para um bate-papo com a produção da peça que será realizado domingo (hoje), às 14 h30, na Biblioteca Municipal de Londrina", conclui. (M.R.)

Fonte: ROMAN (2016)

ANEXO Q – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Quando o profano vira sagrado

FOLHA 2

AGO. 29, 2016

Quando o profano vira sagrado

Espetáculo protagonizado pela atriz transexual Renata Carvalho teve o dobro de público depois de sofrer tentativa de censura

Saulo Ohara/ Divulgação



"O Evangelho Segundo Jesus...": baseado em parábolas bíblicas, o "sermão", longe de ser um deboche, mistura poesia e reflexão

"Perdoa-lhes, pai. Eles não sabem o que dizem." Essa foi uma das passagens da Bíblia parafraseadas por Natália Mallo, diretora do espetáculo "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", que teve sua estreia nacional na noite de sábado, no Festival Internacional de Londrina (FILO) 2016. De certa forma, pode ser considerada uma mensagem direcionada à polêmica causada um dia antes. O local escolhido de apresentação seria a Capela Ecumênica da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A montagem, que mostra Jesus vivido por uma mulher transexual, exalta a tolerância, o amor e o respeito. Porém, movimentos cristãos e de um candidato a vereador consideraram que isso seria uma afronta à identidade de Jesus Cristo, o que levou que a reitora da instituição alterar o local de apresentação na véspera.

Se com o anúncio da vinda da montagem a expectativa já era grande, a situação só deu ainda mais visibilidade à montagem: "O espetáculo virou um ato de resistência", disse a diretora Natália Mallo. Rapidamente, o caso ganhou as redes sociais com manifestações de apoio e indignação. Inicialmente, seria apresentado a um público de apenas cem pessoas, cujos ingressos já estavam esgotados. Mas, com a possibilidade de protestos que visavam impedir e atrapalhar a realização do espetáculo, essa quantidade praticamente mais que dobrou. Eram pessoas sensibilizadas com a causa, que foram lá prestar apoio à atriz Renata Carvalho. Munidos de velas e cartazes, seguiram numa espécie de cortejo do local proibido à nova sala, um anfiteatro, que se transformaria num templo de adoração à arte e liberdade de expressão. Todos puderam assistir. Já os que consideravam uma afronta não tiveram voz.

Logo na entrada, o público era recebido com um cálice de vinho e vela, que seriam utilizados em determinado momento de partilha do pão e vinho. "Apesar da escuridão que possa haver dentro de nós, sempre há luz guardada. Então deixe-a sair e brilhar no mundo", disse a atriz, fazendo uma analogia à identidade de cada um. Com um texto todo voltado à fala em terceira pessoa do plural no gênero feminino - o que não é comum - Renata dava voz às mulheres nascidas mulheres ou não. "Ele é ela. Ela é Ele. Todas somos Jesus." O sermão, longe de ser uma sátira ou deboche da palavra do maior símbolo da doutrina cristã, era uma mistura de poesia e reflexão; uma visão sensível de trechos bíblicos com contexto contemporâneo. Apesar de ser um texto traduzido da dramaturga Jo Clifford, sucesso no Reino Unido, parecia um retrato da realidade brasileira: preconceito, intolerância, discriminação e abusos que sofrem os transexuais e transgêneros. Tudo muito verdadeiro e visceral, o que causou emoção e o riso na plateia.

Entre ofensores e ofendidos, todos saíram ilesos. Ao final, em pé, todo o público de mãos dadas entoava um "amém", numa prece de amor. Assim terminava o ritual profano que alguns cristãos tanto temiam. Aplaudida por vários minutos, bastante emocionada, dedicou a apresentação a duas transexuais que foram cruelmente asinadas no último mês em Londrina, uma esquartejada e a outra sem olhos enterada com a cabeça para baixo. "Conheço nosso país, por isso, esperava que poderia haver reação contrária, mas não que seria expulsa da capela. O fato é que tudo isso só me deu mais força, principalmente pelo apoio recebido. Agora, mais pessoas vão me assistir, já que o anfiteatro é ainda maior", disse à reportagem ao final. Acompanhada da mãe e do irmão, a jovem atriz Bianca Beneduzi, se mostrou encantada e emocionada com a performance de Renata. "Vim para dar apoio e consegui assistir. A estética é muito simples e ao mesmo tempo muito tocante. A relação que ela estabelece com a plateia, com a fala no feminino, consegue transmitir a mensagem de maneira sensível."

Hoje haverá a última sessão do espetáculo, em função da apresentação num espaço maior mais ingressos foram colocados à venda.

Fonte: TRIGUEIROS (2016)

ANEXO R – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Arcebispos criticam peça do FILO

Avenida Paraná

por PAULO BRIGUET

29/08/2016

CRISTIANISMO

Em nota, arcebispos criticam peça do FILO

D. Orlando, D. Albano e D. Geraldo qualificam espetáculo como "ultraje"



Londrina tem o privilégio de ser uma das raras cidades a contar com três arcebispos. Além do titular Dom Orlando Brandes, vivem aqui dois arcebispos eméritos: Dom Albano Cavallin e Dom Geraldo Majella Agnello.

Dom Orlando é uma figura de grande reconhecimento público, que tem conduzido a Arquidiocese de Londrina com muito dinamismo nos últimos anos. Leitor e apreciador de seus artigos, já sugeri pessoalmente ao arcebispo que os publique em forma de livro.

Dom Albano... É difícil falar dele sem me emocionar. Amigo, pai, conselheiro, contador de histórias, esse homem, embora talvez não saiba, esteve presente nos momentos mais decisivos da minha vida.

Dom Geraldo, após ter ocupado por vários anos a posição máxima da hierarquia católica no Brasil — como Cardeal Primaz em Salvador — nos deu em 2013 a honra de escolher Londrina como residência em sua aposentadoria. Assessor próximo do papa João Paulo II, ele foi testemunha ocular de vários momentos históricos da Igreja nos últimos 30 anos.

Nesta segunda-feira, os nossos três arcebispos emitiram uma nota conjunta em desagravo às ofensas contra a Pessoa de Jesus Cristo, durante um espetáculo incluído na programação do FILO (Festival Internacional de Londrina). Segue o texto completo:

Londrina, 29 de Agosto de 2016.

NOTA DA ARQUIDIOCESE

O teatro "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu" realizado em nossa cidade, como evento cultural, carece de visão histórica, teológica e ética. Usar a pessoa de Jesus de Nazaré para propagar determinada opção sexual e a ideologia de gênero é um desrespeito à verdade e ao direito de liberdade religiosa, universalmente reconhecido. Pior, é um ultraje ao Filho de Deus e aos que O seguem e Nele creem.

Nós, católicos, respeitamos e acolhemos todas as pessoas e sua orientação sexual e também temos o direito de ser respeitados. Mais uma vez perdoamos as ofensas, mas isso não nos isenta de lamentar, repudiar e protestar, porém, sem violência.

Agradecemos todas as manifestações de repúdio ao referido teatro.

Aconselhamos a fazermos adoração reparadora em nossas Igrejas. Todos sabemos que a Igreja católica é perita em arte e cultura. Para nós a arte é uma manifestação do bem, da verdade, da beleza e caminho para Deus.

Continuemos servindo o povo londrinense com nossas 269 instituições de caridade, com nossas escolas, nossa PUC, nossos hospitais, nossos movimentos e pastorais. Nossos sacerdotes, diáconos, religiosos e religiosas, catequistas e lideranças pastorais, são verdadeiros artistas que nos encantam e atraem a Jesus Cristo. Tudo fazemos em Seu nome e para a Sua maior glória.

Dom Orlando Brandes – Arcebispo de Londrina

Dom Albano Bortoletto Cavallin – Arcebispo Emérito

Cardeal Dom Geraldo M. Agnelo – Arcebispo Emérito

Fonte: BRIGUET (2016)

ANEXO S – O evangelho segundo Jesus, rainha do céu – Espaço aberto

FOLHA **Opinião**

SET. 06, 2016

ESPAÇO ABERTO

- *A janela de oportunidade*
- *Uma proclamação de amor*

Uma proclamação de amor

Lucia Dal Ponte Sirtoli

É sabido que a peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", interpretada pela atriz transexual Renata Carvalho no Filo 2016, sofreu tentativa de censura por parte de movimentos cristãos e de um candidato a vereador da cidade, pelo fato dela inicialmente ser apresentada na réplica da primeira Igreja Católica Romana no campus da UEL, sendo a mesma uma capela ecumênica. As críticas são reproduções do preconceito, pois antes mesmo da apresentação, já havia julgamento de valor e condenação de falta de ética e falta de respeito, fato que não foi constatado. Na peça há um imenso respeito à mensagem de Jesus Cristo. Nenhuma ofensa ou ridicularizarão, nada que ofenda ou venha ferir o Jesus Nazareno, os cristãos e cristãs ou alguma instituição religiosa. A peça é uma releitura dos ensinamentos do Evangelho de Jesus à luz dos problemas, dilemas e dores da atualidade, encarnada na vida das pessoas sofridas e marginalizadas que a sociedade e, por vezes, muitas igrejas as excluem. Uma releitura contemporânea da mensagem profética de Jesus, onde houve uma contextualização de parábolas do Evangelho para denunciar o preconceito, a hipocrisia e estimular a prática do amor fraterno, justiça, aceitação e inclusão daqueles que são considerados à margem. A peça demonstra cenicamente o melhor da teologia Cristã ao reivindicar a "encarnação" do Cristo frente às dores deste mundo, frente às rejeições, exclusões, julgamentos e assassinatos de pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros, pelo simples fato de sua sexualidade. A peça é profética no sentido em que revela a hipocrisia e denuncia os discursos de morte. A peça é ecumênica no sentido em que apresenta um Jesus desvinculado das tradições religiosas. A peça é kerigmática no sentido em que é proclamação de amor, do acolhimento e um chamado para a Vida. É mensagem de Cristo. Entendemos que a sexualidade humana é plural e, como tal, sagrada a Deus.

LUCIA DAL PONTE SIRTOLI é reverenda e reitora da Paróquia São Lucas da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (Diocese Anglicana do Paraná) em Londrina

Fonte: SIRTOLI (2016)

ANEXO T – GrazziEllas



O corpo trans em transe

COMO O CORPO
TRANS RESPONDE AO ÓDIO
IRRACIONAL
DAQUILO QUE É DIFERENTE?

GRAZZI ELLAS
GRUPO TEATRAL DIVINA DECADÊNCIA
ARTES CÊNICAS UEL
LONDRINA, PR

18 DE AGOSTO — 19H30
CENTRO CULTURAL SESI/AML
(RUA MAESTRO EGÍDIO CAMARGO
DO AMARAL, 130)

ADULTO **18**
DURAÇÃO 55 MIN

O teatro como resistência, como documentário, como denúncia contra a brutalidade, o assassinato e o fascismo que ronda. O teatro como espaço da construção de agendas humanitárias. É na energia do teatro que a atriz Mel Campus foi buscar potência para contar a história de Grazzi, uma mulher trans londrinense que foi vítima de um crime hediondo e transfóbico, tornando-se um emblema na história da militância trans.

Com direção de Luan Almeida Sales e orientação de Aguinaldo de Souza, o solo “Grazzi Ellas” pesquisa como o corpo trans, moldado pelas violências sociais, constrói sua resistência no dia a dia. A performance solo recorre a fatos verdadeiros e obscuros, permeados de violência e transfobia – esse ódio irracional daquilo que é diferente.

A partir de relatos de histórias verídicas sobre a violência de gênero, somados às vivências e trabalho físico com as danças de orixás, foi-se construindo o espetáculo que ultrapassou sua proposta inicial de exercício acadêmico para tornar-se uma performance-arte a ser apresentada ao público.

Além de uma proposta conceitual ousada, “Grazzi Ellas” é um convite para a compreensão de fatos ocorridos em diferentes épocas, com pessoas diferentes, mas que se conectam com a realidade dos dias atuais.

“Grazzi Ellas” é resultado do trabalho de conclusão de curso em Artes Cênicas de Luan Almeida Sales (orientado pelo professor Aguinaldo Moreira de Souza) e do encontro dele com Melissa Campus, atriz da Companhia Teatro de Garagem. Refletindo sobre o corpo trans na arte, o trabalho aprofundou-se no questionamento dos valores e dos padrões sociais do feminino, bem como sobre a pressão social que molda o corpo trans – cuja expectativa de vida é de apenas 35 anos.

Elenco Melissa Campus | Direção Luan Almeida Sales | Orientação Aguinaldo Moreira de Souza | Cenário e figurino Criação coletiva | Registro Audiovisual Edward Fao | Artista Gráfico Fabi Ferro
Produção Rafael Avansini

FESTIVAL INTERNACIONAL DE LONDRINA

17

Fonte: Catálogo FILO (2017)

ANEXO U – GraziEllas–Teatro aborda temas urgentes

FOLHA 2

AGO. 15, 2017

Teatro aborda temas urgentes

Programação do Festival Internacional de Londrina apresenta nesta semana três espetáculos que falam sobre diversidade, preconceito e racismo

Reforçando a proposta de apresentar espetáculos necessários que tratem de temas urgentes e contemporâneos como a tolerância, o humanismo e o respeito à diversidade, a 49ª edição do Filo (Festival Internacional de Londrina) apresenta esta semana três montagens que falam sobre preconceitos e violências em torno da sexualidade. Encenada pela ABGV Produções Artísticas (RJ), "Tom na Fazenda" fala sobre a invisibilidade causada pela omissão da condição sexual do personagem central. Os dramas reais vividos por transgêneros também inspiraram a concepção de "Grazi-Ellas", produzida pelo grupo Teatro Divina Decadência Artes Cênicas UEL. Já o racismo faz parte do enredo de "Gritos", trazida pela Cia dos a Deux (RJ).

A montagem que será apresentada pelo grupo Teatro Divina Decadência Artes Cênicas UEL, na sexta-feira (18), às 19h30, no Centro Cultural Sesi/AML, Grazi Ellas traz à luz fatos verídicos e obscuros, permeados de violências e transfobias, denunciando uma invisibilidade que, segundo o grupo, é legitimada socialmente. O corpo trans, moldado pelas violências sociais, mostra sua resistência cotidiana através da história de Grazi, uma mulher trans londrinense que foi protagonista de um crime hediondo e com características transfóbicas, tornando-se uma mártir na história da militância trans em Londrina.

Fonte: ROMAN (2017)